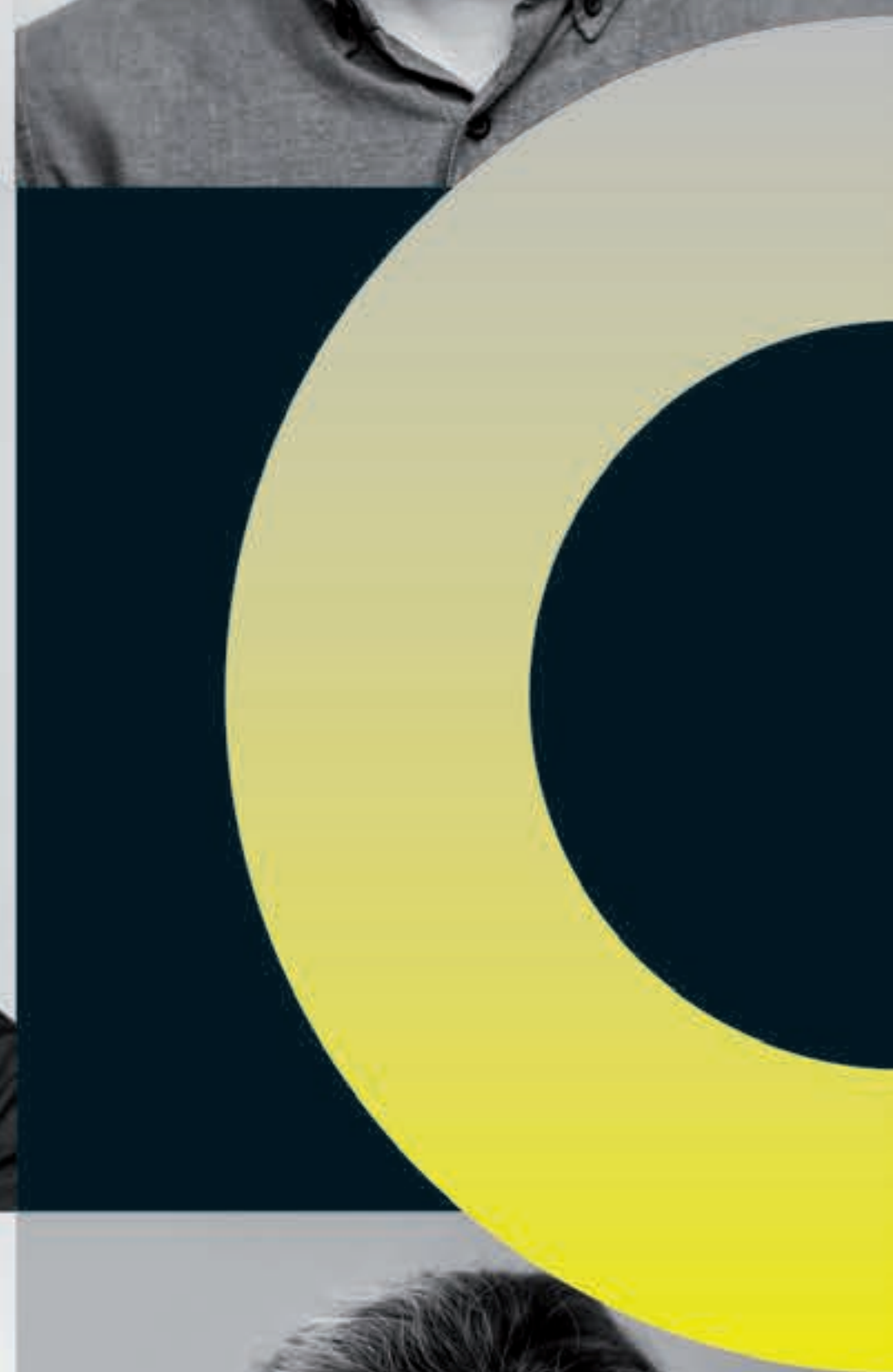
Editora ABRIL
edição 2831 - ano 56 - nº 9
8 de março de 2023

veja

www.veja.com

A PRIMEIRA VITÓRIA

O ministro Fernando Haddad crava uma decisiva (e importante) conquista frente à ala política do PT em torno dos impostos sobre combustíveis — mas a guerra está só começando

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Maria Fernanda Sousa Lemos, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Pedro Henrique Braga Cardoni **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 831 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 9. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

IDOR COLOCA A CIÊNCIA MÉDICA BRASILEIRA EM DESTAQUE NO MUNDO

Mantida pela Rede D'Or, instituição conta com pesquisadores no top 5 dos principais rankings da ciência global

Em duas décadas, a excelência em pesquisa desenvolvida no Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino (IDOR) viabilizou a publicação de mais de 1.800 artigos em revistas científicas internacionais, que renderam mais de 33 mil citações.

O IDOR é uma organização sem fins lucrativos que tem como principal mantenedora a Rede D'Or, maior empresa de saúde privada da América Latina. "Desde o início, mobilizamos recursos e estimulamos nossos pesquisadores a contribuir com soluções para desafios atuais e futuros, com o objetivo de melhorar a condição de vida das pessoas", diz Fernanda Tovar-Moll, médica radiologista, presidente do IDOR e cofundadora da instituição ao lado do neurologista Jorge Moll Neto, atual presidente do Conselho de Administração do IDOR.

Além da pesquisa, a instituição atua nos pilares de ensino, com a programas de doutorado, pós-graduação e cursos de graduação pela faculdade IDOR de Ciências Médicas (Rio de Janeiro) e Faculdade Unineves (João Pessoa), além de Programas de Residência Médica presentes em diversos estados.

O IDOR desenvolve ainda uma ampla lista de atividades de educação médica continuada que impactam milhares de profissionais da saúde em todo o País.

O Instituto também se dedica à área de inovação na saúde, sendo credenciado desde 2022 como Unidade EMBRAPII de Biotecnologia Médica, além de possuir sua própria agência de inovação, o Open D'Or, que conecta startups, cientistas e o setor corporativo dos hospitais.

DA PESQUISA À PRÁTICA

Reunindo mais de 100 pesquisadores com diferentes expertises, o IDOR produz pesquisa em 12 áreas, entre as quais neurociência, oncologia, patologia, pediatria, gastroenterologia, medicina intensiva, infectologia, hematologia e terapia celular. Presente em nove estados brasileiros, o instituto cresce de forma integrada à expansão da Rede D'Or, beneficiando-se da capilaridade do grupo, que conta com 72 hospitais e 56 clínicas de oncologia em todo o país.

Além dos projetos próprios e em parceria com universidades do Brasil e do exterior, o IDOR também participa de ensaios clínicos globais patrocinados pela indústria farmacêutica. "Uma das nossas metas, ao contribuir para o avanço científico, é devolver isso à sociedade, melhorando as práticas médicas e o atendimento em saúde", comenta Tovar-Moll.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, APONTE SUA CÂMERA PARA O QR CODE

O IDOR EM NÚMEROS

+ DE 100
PhDs entre pesquisadores, colaboradores e professores

+ DE 1 800
publicações em periódicos científicos internacionais

11
produtos em desenvolvimento

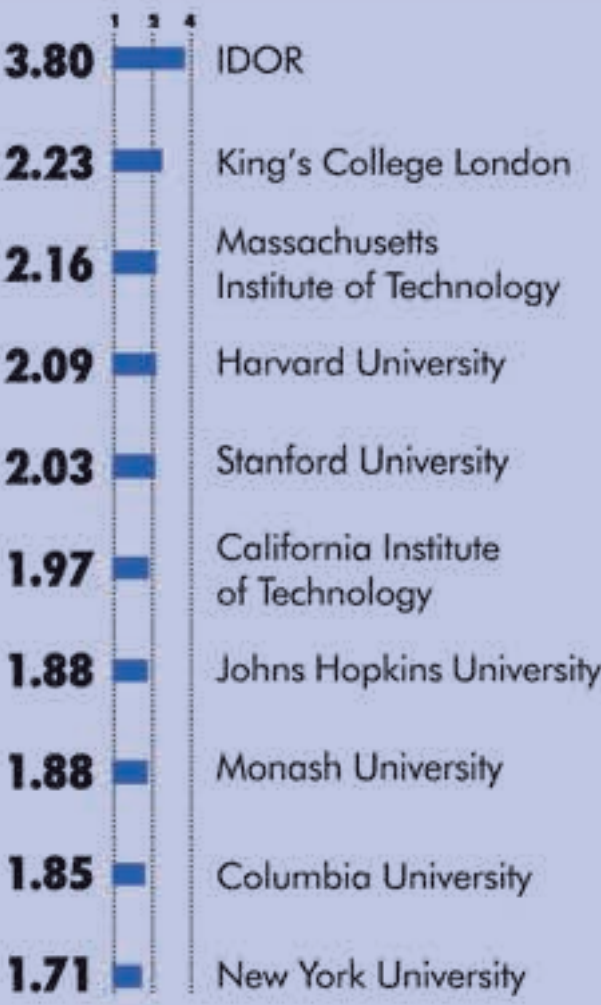
80
países com colaboração científica

+ DE 33 MIL
citações

+ DE 20
programas de Pós-Graduação Lato Sensu

300
vagas de Residência Médica preenchidas em 2023

IMPACTO DAS PUBLICAÇÕES - FWCI*

FWCI	Instituição
3.80	IDOR
2.23	King's College London
2.16	Massachusetts Institute of Technology
2.09	Harvard University
2.03	Stanford University
1.97	California Institute of Technology
1.88	Johns Hopkins University
1.88	Monash University
1.85	Columbia University
1.71	New York University

Sede do Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino no Rio de Janeiro

*Sigla em inglês para índice de impacto de citação ponderada no campo de estudo. Se o FWCI é igual a 1, isso significa que o artigo tem o desempenho semelhante à média global. Se for superior a 1, quer dizer que é mais citado que a média.

UMA DECISÃO SENSATA

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

EQUILÍBRIO Lula, com Haddad e Gleisi Hoffmann, e os novos preços dos combustíveis: fim de uma medida eleitoreira e populista, lesiva aos cofres públicos

DANILO VERPA/FOLHAPRESS

DESDE SUA ELEIÇÃO, em outubro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem feito declarações temerárias sobre assuntos econômicos. Foi assim com a defesa dos aumentos dos gastos do governo sem apresentar contrapartida que garanta o equilíbrio fiscal, com os ataques ao mercado e mais recentemente contra a taxa de juros e a autonomia do Banco Central. Na última segunda, dia 27, o presidente tomou uma decisão que, se não dirimiu os equívocos anteriores, pelo menos sinalizou algum compromisso com a preservação das contas públicas. Ao reverter a desoneração dos combustíveis decretada por seu antecessor, Jair Bolsonaro, em uma medida eleitoreira tomada em junho do ano passado, ele fechou uma torneira que prometia sangrar os cofres públicos em cerca de 50 bilhões de reais apenas neste ano, isso em um momento em que o governo se esfalfa para manter o equilíbrio das contas.

Com a medida, tratada em detalhes a partir da reportagem na página 44, Lula realizou um importante gesto. Pela primeira vez, o presidente empenhou apoio ao seu ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que desde dezembro defendia o fim da desoneração. Desde o princípio, Haddad vem se firmando como a voz da temperança e tem se esforçado para contrapor argumentos ajuizados às imprudências do chefe. Nessa defesa do bom senso e dos fundamentos econômicos, tem enfrentado a cantilena populista de outras lideranças petistas adeptas do discurso irresponsável pró-gastança, vocalizado principalmente pela presiden-

te do PT, Gleisi Hoffmann, e, de forma mais sutil, pelo presidente do BNDES, Aloizio Mercadante. Numa disputa que tinha o potencial de colocar sob risco a credibilidade econômica do governo, já no início do mandato, Haddad — ainda bem — saiu vencedor.

Em economias funcionais, evidentemente, o cenário ideal é aquele de impostos mínimos e redução tributária. No caso da volta dos tributos sobre a gasolina e o álcool há, no entanto, algumas nuances a ser levadas em conta. Em primeiro lugar, é importante destacar que os impostos já existiam e foram suspensos em meio ao frenesi perdulário da etapa final da administração Bolsonaro, com vistas a anabolizar sua popularidade e conquistar a reeleição. O prazo de vigência dos descontos ia até 31 de dezembro e foi estendido por dois meses — contra a vontade de Haddad e por pressão da ala política do PT. Em meio a uma cruzada pela redução do aquecimento global, os combustíveis fósseis estão na linha de tiro de entidades como o G20 e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que defendem o fim de subsídios e o aumento dos impostos sobre esses produtos como forma de diminuir seu uso e ajudar a custear modelos de transição mais limpos. Com seu posicionamento nesta semana, o governo foi muito além de deixar a gasolina e o álcool mais caros. Analisada por um ângulo mais profundo, cravou-se aí a primeira vitória em nome da responsabilidade fiscal e do equilíbrio nas contas públicas. ■

DIVULGAÇÃO

“A INTERNET É UM COLISEU”

Estrela da filosofia pop, o escritor e doutor em história revela como lidou com o furor nas redes ao assumir a união com um homem mais jovem e fala da difícil busca pela felicidade

KELLY MIYASHIRO

CONHECIDO pela calma, dicção impecável e didatismo ao traduzir temas complexos das ciências humanas para as massas, Leandro Karnal, de 60 anos, que é professor e doutor em história, ampliou ainda mais sua voz como formador de opinião recentemente ao assumir um relacionamento homoafetivo. Com quase 10 milhões de seguidores nas redes, o intelectual revelou estar casado com o ator e cantor Vitor Fadul, de 27 anos e portador de autismo. Do alto de seus mais de vinte livros, que somam cerca de 1 milhão de cópias vendidas, Karnal apresenta programas na TV paga, dá palestras e cursos — e subitamente viu sua até então discretíssima vida pessoal virar tema de escrutínio na internet. Na entrevista, ele não se furta a admitir os privilégios que lhe permitiram se posicionar sexualmente em um país de pendor conservador — e fala sobre a dura busca pela felicidade em um mundo pautado pela efemeridade e pelo ódio na arena on-line.

O senhor sempre foi muito discreto em relação à sua vida pessoal, mas em janeiro passado assumiu estar casado há quatro anos com um homem 33 anos mais novo e autista. Por que fazer esse anúncio só agora? Essa discrição nunca existiu no meu âmbito pessoal. Família e amigos sempre acompanharam todos os meus relacionamentos. Eu tenho uma certa resistência a pessoas que vivem toda a sua vida privada em público. Não gosto muito, mas atualmente parece que não se posicionar perante o grande pú-

blico significa concordar com o silenciamento e a repressão. Acredito que existam milhares de pessoas que gostariam de ser mais sinceras consigo mesmas em relação à sua sexualidade. Às vezes, ver uma figura pública e bem estabelecida profissionalmente assumindo o que sente pode encorajá-las. E eu acho que a minha situação é atípica.

Por que atípica? Em uma tacada só expus três questões demonizadas por parte da sociedade: a homoafetividade, o etarismo *(preconceito com pessoas mais velhas)* e o autismo. Mas estou em uma posição privilegiada. Além de ser branco, tenho uma carreira sólida e, por consequência, sou de classe média, e também moro em uma cidade cosmopolita como São Paulo. Várias outras pessoas correm o risco de perder o emprego, ser expulsas de casa, até sofrer uma agressão física caso façam o mesmo que eu.

“Namorei homens e mulheres, tenho 60 anos e não cresci em um ambiente livre de homofobia. Ouvi piadas, ironias e ataques a terceiros. Mas quero acreditar que os tempos mudaram”

Como surgiu esse relacionamento entre o senhor e seu marido? Um dia fui com um amigo ver uma peça no Masp *(Museu de Arte de São Paulo).* Ele conhecia outra atriz que estava lá, também acompanhada de um amigo, e fomos apresentados. O Vitor havia acabado de ler um livro meu para a faculdade e puxou conversa. Logo de cara o achei interessante, bonito, comunicativo. Depois nos reencontramos, o convidei para um sarau aqui em casa e começamos a nos aproximar. Ele estava encerrando um namoro com uma menina, eu estava sozinho e aí aconteceu. Nunca planejei encontrar alguém, pelo contrário.

A diferença de idade foi uma barreira no início? A gente brinca entre nós que o "velho" da relação é o Vitor. Ele se autodeclara com 81 anos, porque quem não quer sair, odeia barulho — inclusive por causa do autismo — e quer voltar para casa logo é sempre ele. Passou até o Carnaval estudando. Eu sou um pouquinho mais dinâmico do que isso. Mas provavelmente não me relacionaria com alguém de 27 anos, se fosse alguém que gostasse de ir para baladas, se embebedar e ouvir rock pesado todo fim de semana.

Como o autismo afeta o relacionamento de vocês? Ele ainda não tinha diagnóstico quando nos conhecemos. E eu achava que algumas atitudes dele eram apenas excentricidades. Quando descobrimos, isso explicou por que o Vitor estuda várias línguas sem parar e de forma sistemá-

tica. Sabe falar italiano, francês, alemão, inglês, é fascinante. Se eu começasse a dar aula hoje, talvez eu fosse um professor melhor, mais compreensivo com a dislexia, o déficit de atenção, a hiperatividade e o espectro autista — casos que são muito frequentes.

Antes de fazer o anúncio, teve receio da reação do seu público? Se eu disser que não, estarei mentindo. Já namorei homens e mulheres, tenho 60 anos e não cresci em um ambiente livre de homofobia. Ouvi piadas, músicas vexatórias, ironias e ataques a terceiros. Com o tempo, entendi que, quando não há argumentos em uma discussão, um agressor tenta atacar a moral dizendo que fulano é gay. Quero acreditar que essa desqualificação baseada na orientação sexual é menor para os jovens de hoje do que foi para a minha geração.

O senhor mencionou relacionamentos anteriores com os dois gêneros, mas atualmente está casado com o Vitor. Não acha necessário assumir uma orientação sexual? O rótulo é uma necessidade do observador, não minha. Apontar se sou hétero, homossexual, bissexual é uma necessidade que fala de posicionamento, mas serve mais ao outro para se referir a mim. Eu sou uma pessoa sexuada — e que, neste momento, decidi me casar com um outro homem. Eu não tenho um "tipo" certo de interesse amoroso. Me encantei pela personalidade, criatividade e beleza do Vitor.

Esperava tanta comoção nas redes sociais? Sim, por ser uma pessoa exposta na mídia. Eu esperava ataques, mas eles foram muito menores do que eu imaginava. Fiz trinta anos de psicanálise e isso me faz entender a decepção de alguns. Todos fazem críticas a si mesmos utilizando você como metáfora. As primeiras reações foram cerca de 15 000 comentários no meu post. Destes, 37 eram negativos e depois parei de contar, mas as respostas eram muito mais positivas.

Mas o senhor acabou rebatendo alguns desses chamados *haters*. Por quê? Porque tem uma função pedagógica. É de seu direito falar o que pensa, assim como é meu direito responder. Mas eu rebato *haters* há anos, não só agora. Acho que meus seguidores gostam de ler minhas respostas irônicas. Uma senhora me disse: "Ele poderia ser seu filho". E eu respondi: "Bem, a senhora poderia ser minha tia". A questão é que essa crítica não tem um argumento válido.

Em algumas obras, o senhor aponta o Brasil como um país historicamente violento. Podemos dizer que as redes sociais pioraram isso? A violência no Brasil começou já em 1500, quando massacraram os indígenas e os expulsaram de suas terras. Ao longo de séculos, a violência foi institucionalizada. Hoje, continua sendo assim. Mas, apesar dos acontecimentos de 8 de janeiro, quando apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro depredaram a

Praça dos Três Poderes, em Brasília, podemos dizer que as redes sociais diminuem a violência física.

Como assim, se o país acabou de ver uma tentativa de golpe toda alimentada pelo ódio nas redes? Ao mesmo tempo que incitam a violência e a polarização, as redes funcionam como um coliseu romano, onde a população vai lá para ver os gladiadores se matarem. Se eu posso xingar uma pessoa pelas redes, isso evita o conflito ao vivo, em tese. Há exceções, mas a norma hoje é o militante de sofá, aquele que não fará nada fora de sua casa, mas que adora brigar virtualmente e ver os outros brigando lá.

Após duas eleições que levaram o país à polarização, rompendo diversos laços, qual é o caminho para superar essas divisões? O Brasil sempre foi polarizado. Fosse

“Hoje, as redes sociais estimulam mais problemas de saúde mental, como depressão, síndrome do pânico, insônia. Não é à toa que tantos buscam uma fórmula para serem felizes”

na ditadura militar, ou fosse após a redemocratização. A diferença é que agora a discussão não está limitada a espaços de elite, está dentro da casa de pessoas humildes e que acreditam em notícias falsas lidas pelo celular. Atos de ódio estão sendo feitos em nome da moral e de Deus e isso é uma das coisas mais graves que nós estamos enfrentando, uma guerra de ideologias. Mas a história mostra que uma hora as pessoas acabam cansando de tanta discussão.

O senhor se declara ateu, mas é um grande estudioso de religiões. Como enxerga a força alcançada por ela na política nos últimos anos? A religião sendo tão envolvida na política é um horror. E isso inclui todos os tipos de governo. Em nome de um suposto bem, seres humanos usam Deus, Karl Marx, Jesus, até Judas para derrotar um inimigo. É a coisa mais triste ver pessoas que agem em nome do bem e sob esse argumento apontam um rival como a encarnação do mal, só por não concordarem com o outro.

Então, acredita que esquerda e direita se equivalem nesse quesito atualmente? Eu convivi com o autoritarismo da esquerda nas universidades. Conheço exemplos históricos de ditaduras de esquerda que foram muito violentas. E eu sou um legalista que defende o estado democrático. Mas é claro que, quando a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) sofreu um impeachment, não houve ocupação do Congresso Nacional, muito menos quebra-quebra em Bra-

sília, como aconteceu em janeiro. Vejo que militantes da extrema direita é que são avessos à ordem institucional.

Pela internet, o senhor faz com que seus conhecimentos alcancem mais pessoas e esse trabalho costuma ser rotulado como autoajuda. O que pensa sobre as críticas a isso? Eu entendo que haja certo preconceito com o conceito de autoajuda — eu mesmo já o tive, e hoje existe uma valorização da resiliência, das pessoas demonstrarem que não precisam ser ajudadas. Apesar disso, tenho retorno enorme de pessoas dizendo que enfrentam a depressão lendo coisas minhas. Eu não quero mais publicar um artigo em francês numa revista francesa que vai ser lido por quatro pessoas. Quero e gosto de alcançar um público mais amplo.

Desde os primórdios da filosofia, a busca pela felicidade desperta grande interesse. Por que esse desejo persiste? Acredito que nunca estaremos satisfeitos, porque sempre nos comparamos com o outro. É por isso que o budismo prega o desapego como forma de evolução espiritual. Hoje, eu vejo que as redes sociais estimulam mais problemas de saúde mental, como depressão, síndrome do pânico, insônia. Não é à toa que tantos buscam uma fórmula para serem felizes.

Em seu livro *O Dilema do Porco-Espinho,* o senhor fala sobre solidão. Como enfrentar o medo de ficar sozinho?

Solidão é um mal. Eu sugiro a solitude, que é a solidão produtiva. Estar sem ninguém não significa estar sozinho. Então, é importante saber aproveitar o tempo consigo mesmo, fazendo algo de que se goste. Estamos cercados de pessoas, mas quantidade não significa qualidade: é necessário filtrar as companhias.

A pandemia mudou o trabalho e até a forma de as pessoas se relacionarem, aumentando as interações on-line. Como analisa seu impacto? A pandemia só acelerou os processos de mudança. Já fazíamos coisas on-line, e passamos a fazer com mais frequência. A princípio por obrigação — mas agora virou uma questão de conforto. ■

DE VOLTA AO JOGO

NO CAMPO da diplomacia, há sinais claros atrelados à relevância de um país em determinados assuntos. Nesse contexto, a passagem pelo Brasil do assessor especial do governo dos Estados Unidos para o clima, **John Kerry**, mostra que, finalmente, retoma-se o espaço perdido nos últimos quatro anos no tema meio ambiente. Ao lado da ministra responsável pela pasta, **Marina Silva**, Kerry falou sobre o interesse americano em colaborar com o Fundo

ANDRE BORGES/EFE

Amazônia, criado em 2008 para a preservação da floresta brasileira. No tempo de Bolsonaro, a liberação de recursos foi bloqueada por Alemanha e Noruega, responsáveis pelos principais aportes, em decorrência da má postura do governo no assunto. Agora, a reativação do fundo e a aproximação com os Estados Unidos marcam uma nova fase para o Brasil, que tem potencial para assumir o protagonismo perdido da questão climática. Os afagos e sorrisos trocados entre Marina e Kerry resultaram na assinatura de um documento segundo o qual os dois países estariam empenhados em fazer a transição para a descarbonização da economia. Kerry disse haver intenção de investir cerca de 9 bilhões de dólares no Fundo Amazônia, mas lembrou que a discussão precisa passar pelo Congresso americano antes de a verba ser autorizada. Se concretizada, além de aportar decisivos recursos para as bandas de cá, a injeção de recursos teria o efeito adicional de atrair outros investidores internacionais. A Amazônia e o planeta agradecem. Mas é crucial que boas iniciativas como essa não fiquem apenas nas fotos e cumprimentos. ■

André Sollitto

ERNESTO RYAN/GETTY IMAGES

MISSÃO Sanguinetti: "O Brasil precisa cumprir o seu papel de liderança"

"ALÉM DAS CONVICÇÕES"

O ex-presidente do Uruguai diz que fazer política externa lastreada em critérios meramente ideológicos é o caminho certo para o fracasso ou o isolamento de qualquer país

O senhor esteve na posse de Lula ao lado do ex-presidente Pepe Mujica, seu adversário político, e do atual presidente, Lacalle Pou. Como vê os acontecimentos recentes no Brasil? Conversamos muito sobre o momento político e os resultados que o desrespeito aos símbolos poderia trazer. Em tempos materialistas e mais vulgares parece que os símbolos não têm importância. A senhora Cristina Kirchner não entregou a faixa para Mauricio Macri, Donald Trump não entregou para Joe Biden e vimos Bolsonaro repetindo o mesmo gesto com Lula. É uma mensagem clara de desprezo institucional emitida por esses governantes. A democracia se degrada dessa forma. Isso resulta em fatos deploráveis como os ataques que aconteceram em Brasília depois da posse. Aquelas pessoas que invadiram os prédios não tinham nenhum apreço pela democracia.

Há alguma semelhança entre a direita representada por Bolsonaro e o atual governo do Uruguai? Não. Bolsonaro não é um político conservador. Ele jamais vai liderar uma direita conservadora. É um agitador de direita, e isso é outra coisa. O político conservador não é reformista, aspira à obediência das leis e à estabilidade econômica sem alterar o curso da vida social. Se Bolsonaro tivesse inteligência política, formaria um grande partido conservador e de centro-direita, e não ficaria como um agitador, um solitário seguido por fanáticos. O que aconteceu no Brasil é muito semelhante ao que se passou nos Estados Unidos.

O senhor se refere aos episódios do dia 8 de janeiro? É a mesma cena, a mesma significação em contextos distintos. Trump também não é um político conservador, mas outro agitador de direita. Não conseguiu transformar os Estados Unidos em um regime populista porque as instituições nos Estados Unidos foram fortes. Tampouco Bolsonaro conseguiu isso. As instituições brasileiras alcançaram uma consolidação importante. É preciso ficar atento aos retrocessos que essa polarização política tem trazido.

Esse embate não acontece também no Uruguai? Não podemos ser simplistas e falarmos que aqui temos um governo de direita. Trata-se de uma política de coalizão. Um típico governo de centro, com todas as características republicanas. O Uruguai é um Estado social-democrata em sua essência. O presidente pode ser mais liberal, mais socialista, mas o Estado é sempre o mesmo. Nós, por exemplo, como um governo de centro, temos mais proximidade a Lula do que ao governo Daniel Ortega. Os dois são de esquerda, só que um é da esquerda democrática e o outro é esquerda autoritária.

Qual a expectativa em relação ao governo Lula? O Brasil precisa cumprir bem o seu papel de liderança. Se fizer isso, será melhor para o hemisfério. Nos últimos anos, tivemos uma queda na liderança do Brasil, como também tivemos uma queda na liderança dos Estados Unidos. Tanto Trump como Bolsonaro deixaram de ter uma comunicação neces-

sária com as demais nações. Lula pode ser um homem de esquerda, mas o Estado brasileiro não é socialista. É um Estado de economia liberal. Fazer política exterior ideologizada, entre aspas, é um caminho para o fracasso ou isolamento. Me parece que o Brasil de hoje — tomara que Lula tenha essa percepção — está além das convicções, das ideologias, do debate de ser de esquerda ou de direita. O que importa é que a democracia seja exercida, que o autoritarismo não tenha espaço e que essa metade do Brasil que não votou em Lula sinta que ele é o presidente de todos. ■

Leonardo Caldas

POPPERFOTO/GETTY IMAGES

RECORDE O artilheiro francês em 1958: treze gols numa única Copa do Mundo

ELE MARCARIA ATÉ DESCALÇO

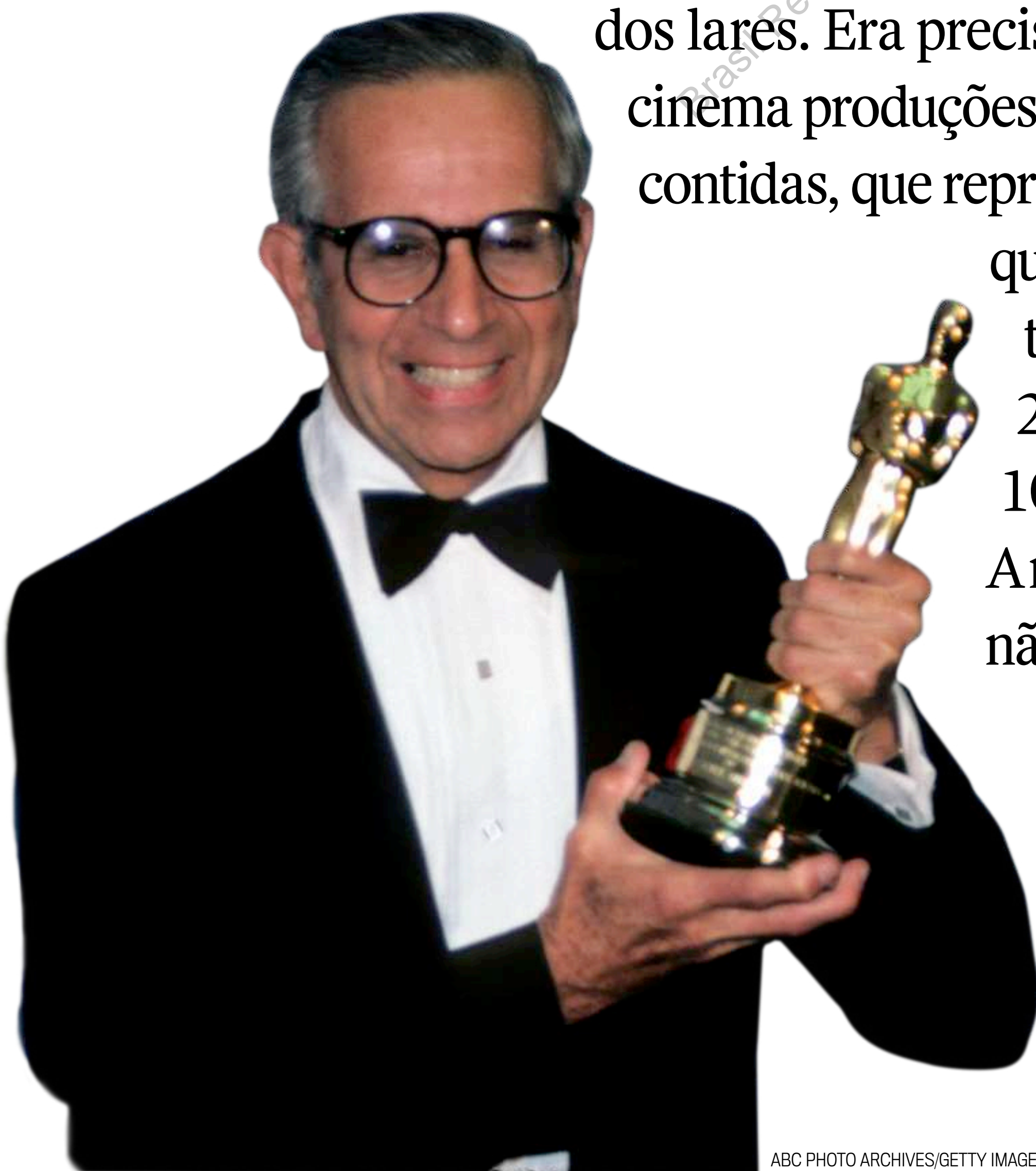
Há no inconsciente coletivo brasileiro — e não apenas entre os que gostam de futebol — uma fotografia fundadora do país que desejávamos ser, em meados do século passado. Nem é preciso mostrá-la, dada a força arrebatadora da imagem que, nas palavras do dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues, enterraria nosso vira-latismo atávico. Ela mostra Pelé, aos 17 anos, no final da Copa de 1958, na Suécia, em prantos, chorando como menino, encostado no peito do goleiro Gylmar e ao lado de Didi. É comovente. A França também tem um retrato esportivo para chamar de seu, feito na véspera do registro do

novíssimo rei do futebol. Ele mostra o atacante **Just Fontaine** de sorriso aberto, erguido por companheiros e por jornalistas de terno e gravata. "Justo", como era conhecido, tinha 24 anos. Celebrava a conquista do terceiro lugar, na vitória contra a Alemanha por 6 a 3, e um marco que nunca mais se repetiria: os treze gols feitos numa única Copa. Os franceses não chegaram à final porque perderam a semi para o escrete de... Pelé, que marcou três vezes — embora, ressalve-se, a França tenha jogado com apenas dez homens quase toda a partida, porque um zagueiro se machucou logo no começo do confronto e não havia direito a substituição naquele tempo.

O recorde de Fontaine — habilidoso com as duas pernas e excelente cabeceador, apesar da estatura mediana, 1,74 metro — foi, e continua sendo, um colosso. A título de comparação: Messi também fez treze, mas ao longo de cinco Mundiais. Mbappé tem espetaculares doze em duas Copas. Quem chegou mais perto do francês nascido no Marrocos foi o alemão Gerd Müller, com dez tentos em 1970. Em entrevista à *Folha de S. Paulo,* em 1997, Fontaine relembraria o feito que o faria mito, apesar da curta carreira entre os *bleus*, encerrada em 1962. "Estava em plena forma, mesmo tendo feito uma operação de meniscos", lembrou. "Dois dias antes da Copa, minhas chuteiras arrebentaram. Meu reserva me emprestou as dele. Foi com ela que eu marquei os treze gols. Depois eu devolvi as chuteiras. Um verdadeiro artilheiro marca gols até descalço." Fontaine morreu em 1º de março, em Paris, aos 89 anos, de causas não reveladas pela família.

UM SÉCULO DE CINEMA

A Mirisch Company, fundada por **Walter Mirisch** e seus dois irmãos, Marvin e Harold, em 1957, rapidamente se transformou numa das mais influentes e poderosas produtoras de cinema de Hollywood. Atrelada a diretores como John Ford, John Huston e Billy Wilder, concorreu a 87 prêmios da Academia — e conseguiu 28 estatuetas do Oscar. Alguns dos filmes mais celebrados dos Mirisch: *Se Meu Apartamento Falasse*, de 1960; *West Side Story — Amor, Sublime Amor*, de 1961; e *No Calor da Noite*, de 1967. Walter, o irmão com mais pendor para as artes, teve papel relevante em momento-chave da tela grande, que perdia espaço para o sucesso avassalador da televisão dentro dos lares. Era preciso levar às salas de cinema produções espetaculares e incontidas, que representassem arrasa-quarteirões. Deu certo. Ele morreu em 24 de fevereiro, aos 101 anos, em Los Angeles, de causas não reveladas. ■

PRÊMIOS
Walter Mirisch: 28 estatuetas do Oscar

ABC PHOTO ARCHIVES/GETTY IMAGES

FERNANDO SCHÜLER

A SEDUÇÃO DO CONTROLE

NO INÍCIO do ano passado, Jordan Peterson já havia se demitido da Universidade de Toronto. "Meus alunos não recebiam bolsas, minhas visões me tornaram *persona non grata*, a agenda política se misturou aos critérios acadêmicos." Foi banido do Twitter e, meses depois, resgatado por Elon Musk. Agora o caldo entornou mais uma vez. O College of Psychologists de Ontário determinou que ele faça um "curso de reeducação digital". A acusação é basicamente a mesma, girando em torno do uso "incorreto" de pronomes e de ter opinado como "não bonita" uma modelo com roupa de banho *plus size*. O curso é um intensivo de politicamente correto, em que Jordan será ensinado sobre quais palavras e ideias pode ou não usar. Terá de se tratar com um psicólogo, e só será liberado se o *coaching* achar que ele está reeducado. Quando li isto, achei que era uma pegadinha. Ou uma versão atualizada de *1984*, de Orwell. Mas não, era o Canadá atual. A resposta de Jordan foi clara: "Não vou me submeter". E mais: "Além de não ter feito nada errado, me comunico de boa-fé. É isso".

O caso de Jordan me veio à cabeça quando li o relato algo kafkiano da situação vivida na defesa de uma tese de doutorado, em uma de nossas universidades federais. A tese versava sobre “governança algorítmica” e foi acusada por um membro da banca de “autoritária, machista e racista”. Seria “machista” por constatar que “as mulheres não eram tratadas como cidadãs na Atenas do século V a.C.”, e “racista” por não identificar um algoritmo como discriminatório, e sim o sistema carcerário cujos dados eram processados pelo algoritmo.

De quebra, seria também machista por não citar o “golpe de 2016”, contra Dilma, em sua breve história da democracia. No final, a tese teve de ser cortada e ficou um “Frankenstein”, diz o autor. Ele se submeteu. Era o jeito. Dou-lhe razão. Vale o mesmo para uma enorme quantidade de professores. Tempos atrás, um colega do Maranhão comentou comigo que também havia sido convidado a fazer um curso de “reeducação”, como o de Jordan. “Nunca tive preconceito contra ninguém”, me disse, incomodado, “mas agora sou suspeito”. Disse que iria engolir. “Preciso do emprego, não tenho como arriscar.”

O que essas coisas nos dizem? Em que momento nos tornamos todos suspeitos, vivendo em um mundo onde concordar com os disciplinamentos mais estranhos virou questão de sobrevivência? Intuo que isso tenha a ver com o que chamei, em outro texto, de “sociedade da vigilância”, o panóptico difuso no qual se converteu a geringonça digital sob a qual vivemos. Dias atrás li um texto de Glenn Green-

LAVAGEM CEREBRAL *Arkangel,* de *Black Mirror:* vida subtraída do real

wald em que ele atribui a atual fúria reguladora à "arrogância". A arrogância que nos faz cultivar não só a ideia pífia de que detemos a verdade, como a de que dispomos de um mandato para enfiar a nossa verdade goela abaixo dos outros. Ideias, diga-se de passagem, contra as quais se construiu o melhor da civilização moderna. O ceticismo, que nos levou à tolerância; a dúvida sistemática, que nos abriu o caminho da ciência; o respeito à diferença, que está na base das sociedades de direitos.

DIVULGAÇÃO

“Parecemos decididos a eliminar o risco, a domesticar a cultura”

Vamos nos tornando uma sociedade seduzida pelo controle. Seu personagem típico é o sujeito que não só deseja afirmar sua própria maneira de viver, mas exige que os outros se ajustem de modo a não ferir a sua sensibilidade. Talvez sem perceber, passamos do que o filósofo Charles Taylor chama de cultura da “autenticidade”, dada pelo direito de cada um viver nos seus próprios termos, para uma era de narcisismo difuso. A fronteira por vezes tênue entre um direito negativo à não interferência no modo como desejamos viver, e nosso direito positivo de regular a vida dos outros. Daí o ridículo contemporâneo. Ele vai desde o índex de fantasias proibidas, no Carnaval, até a fúria reguladora sobre a arte. Ainda esta semana, lia sobre como o clássico de Roald Dahl, *A Fantástica Fábrica de Chocolate (leia artigo de Vilma Gryzinski),* vem sendo reescrito, de modo a se adaptar à correção política. Na Inglaterra, causou certo furor o relatório de uma comissão para a prevenção do extremismo, patrocinada pelo governo, apontando uma série de livros que representariam “riscos de radicalização e incentivo à extrema direita”. Entre eles, a série *Civilização,* de

Kenneth Clark, *O Senhor dos Anéis* e clássicos como *O Admirável Mundo Novo*. Seria preciso proteger os súditos ingleses de sua própria herança cultural. Há algo patético aí, mas a lógica "esses livros e filmes são perigosos porque de algum modo incentivam as ideias erradas" está instalada.

Cada um desses exemplos tem um quê de banalidade. Reescrever livros, derrubar monumentos, vetar letras de música, fazer listas de palavras proibidas. No conjunto, o sinal é claro: devagar, vamos assoprando o fogo de uma cultura do medo e da conformidade. Por vias tortas, parecemos voltar a algum momento do século XIX, quando uma geração de intelectuais se rebelou contra a "mediocrização da cultura", na expressão de Nietzsche. Contra a sociedade de massas ascendente e sua "intolerância a qualquer demonstração acentuada de individualidade", como dizia Mill, em *On Liberty*.

É curioso ler sobre essas coisas, um século e meio depois. Muita gente imaginou que a era digital daria vazão a uma cultura de liberdade e entendimento. Isso aconteceu, de alguma forma, mas com o passar do tempo os ventos mudaram. Junto com a liberdade veio o poder difuso, dos indivíduos, das tribos, e com ele o desejo de controle. E é nessa batida que vamos reconstruindo, tijolo a tijolo, uma sociedade dada a "prescrever regras gerais de conduta", cuja "única grande transgressão é a vontade própria" e onde "todo o bem está abrangido na obediência", nas palavras que Mill usou para descrever o vezo calvinista de sua época.

Movidos pela pavorosa hipótese de que alguma sensibilidade seja ferida, parecemos novamente decididos a eliminar o risco, a domesticar a cultura. O problema é que há um custo nisso tudo. Me lembrei disso vendo *Arkangel,* episódio de *Black Mirror.* Ele conta a história de uma mãe obcecada em proteger a própria filha. Ela insere um chip na cabeça da menina, que lhe permite acompanhar todos os seus movimentos e apagar de seu campo de visão tudo o que é agressivo. Um cachorro raivoso, revistas de sacanagem, imagens de sangue. Tudo o que pode afetar sua sensibilidade. O resultado é uma garota incapaz de lidar, ela própria, com o sofrimento e a rudeza da vida.

É apenas uma peça de ficção, mas quem sabe seja uma dessas tantas vezes em que a arte imita a vida. Nos dá o sinal de uma maré que vem subindo, lentamente, e na qual valeria prestarmos atenção. Em um documento oficial britânico, vários livros são destacados, cuja posse ou leitura pode apontar para um grave pensamento errado e, portanto, para uma potencial radicalização. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

EMPREGO

A taxa de desocupação no país ficou em 9,3% no ano passado, o menor patamar desde 2015, segundo dados divulgados pelo IBGE na última terça, 28.

VACINAÇÃO

O Ministério da Saúde lançou a campanha nacional de imunização com o objetivo e retomar os índices de coberturas no Brasil, que estão em declínio há seis anos.

MESSI

A Fifa elegeu Lionel Messi como melhor jogador do mundo. É a sétima vez que o craque da seleção da Argentina e do PSG conquista esse troféu.

DESCE

JUSCELINO FILHO

O Ministro das Comunicações não informou ao TSE um patrimônio de 2,2 milhões de reais em cavalos de raça e usou avião da FAB para cumprir agenda pessoal.

TELEGRAM

Depois das eleições e da mudança de governo, o aplicativo parou de crescer por aqui pela primeira vez em três anos.

ELIZE MATSUNAGA

Em liberdade após cumprir pena de dez anos por matar e esquartejar o marido, ela foi indiciada em uma delegacia do interior paulista por uso de documento falso.

ROMAN PILIPEY/GETTY IMAGES

"A principal conclusão é que sobrevivemos. Não fomos derrotados. E vamos fazer de tudo para vencer este ano."

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia, após um ano da invasão russa

"Eu não quero ter nada a ver com eles. Diria que o melhor conselho aos brancos é se afastarem dos negros, porque não tem como consertar isso."

SCOTT ADAMS, criador das tirinhas do Dilbert, em estúpido comentário racista. Alguns dos principais jornais americanos anunciaram o fim da publicação de Dilbert, em correta represália. Adams ainda fez troça, dizendo que seria "cancelado"

"Rua não é endereço, e barraca não é lar."

RICARDO NUNES, prefeito de São Paulo pelo MDB

"O Brasil tem de virar a página de omissão e desprezo aos pobres."

EDU LYRA, fundador da ONG Gerando Falcões, que trabalha em projetos de impacto social nas periferias

"Nossos países assistem perplexos à rápida propagação do discurso de ódio baseado no racismo, na xenofobia, no sexismo, na lgbtfobia. A extrema direita e o fascismo crescem e articulam-se por meio de redes que não conhecem fronteiras. É nossa missão fazer com que o amor, a solidariedade e a paz também não conheçam fronteiras."

SILVIO ALMEIDA, ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, em discurso no Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra

"Quem conhece o passado consegue enxergar melhor o futuro. E é para manter vivo na sua memória os bons trabalhos do presidente Jair Bolsonaro que eu te convido para conhecer o calendário da Bolsonaro Store."

EDUARDO BOLSONARO, o filho Zero Três, ao anunciar o novo negócio do clã. Uma caneca de chope custa 69,90 reais. Uma tábua de carne de madeira sai por 109,90 reais

"Causei alguns danos à minha voz com o Wolverine. Meu falsete não é tão forte quanto costumava ser, e isso eu atribuo diretamente a alguns rosnados e gritos do personagem."

HUGH JACKMAN, ator

"Dentro de casa ele era o Edson, e para o mundo, o Pelé."

MÁRCIA AOKI, empresária, a reservada viúva do rei do futebol

"O Carnaval tem uma hierarquia, uma lógica e horários definidos. Nos últimos anos, com as pipocas, foram se inserindo algumas novas atrações. Anitta está dentro desse grupo. Fico feliz de artistas como ela e Pabllo Vittar terem chegado lá. Mas é importante entender Salvador porque é um Carnaval histórico."

DANIELA MERCURY, ao comentaruma confusão de horários com o trio elétrico de Anitta

“Carter e eu já estávamos conversando sobre o futuro e então o mundo foi fechado, eu pensei: ‘O que você acha de fazermos embriões?’, contou. E ele disse: ‘Sim, vamos fazer isso’. E já fizemos isso sete vezes... Eu tenho todos os meninos. Eu tenho vinte meninos.”

PARIS HILTON, empresária, mãe de um menino recém-nascido por meio de barriga de aluguel e que pretende partir para o segundo

INSTAGRAM @PARISHILTON

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Provocação inoportuna

Na última sexta, **Lula** e o chefe da Defesa, **José Múcio,** tiveram uma conversa para desarmar mais uma crise criada pelo PT. Além de tumultuar a economia, a sigla decidiu provocar os militares com uma proposta no Congresso de revisão do artigo 142 da Constituição, fetiche golpista do bolsonarismo. Com dois meses de governo, Múcio pacificou e tirou a caserna dos holofotes. A ação do PT acabaria com tudo isso. Lula prometeu agir.

RICARDO STUCKERT/PR

FOGO AMIGO Múcio e Lula: conversa sobre mais uma crise provocada pelo PT

Segue o jogo

Se era para queimar, a tal gravação do comandante do Exército, Tomás Paiva, lastimando a eleição de Lula, teve efeito contrário: reforçou a imagem legalista do general junto ao Planalto.

Retrato da catástrofe

Preocupado com os ianomâmis, Lula pediu e o IBGE vai fazer um detalhado censo dos índios após a tragédia provocada pelo avanço do garimpo.

Prazo de validade

Fonte de desgaste para Lula, o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, só está no cargo porque o Planalto não quer atritos durante as negociações para formação da base no Congresso.

É pessoal

Gleisi Hoffmann ataca a política econômica de Fernando Haddad por questões pessoais. É essa a conclusão de líderes de Lula na Câmara.

A Zambelli vermelha

Na terça, um almoço de vice-líderes na casa de Pinheiro Neto (MT) mostrou que há amplo apoio a Haddad na Câmara. Só Gleisi atrapalha.

Time afinado

José Guimarães (líder do governo) e Zeca Dirceu (líder do PT) estão alinhados a Haddad. Boa notícia.

Lembrança dolorosa

A cidade de Rondonópolis batizou uma creche com o nome do neto de Lula, morto aos 7 anos. O

presidente não reagiu bem ao saber da homenagem. A lembrança da perda dói muito.

Sono tranquilo

Denunciado ao TCU por gastos de 379 000 reais na compra de mobília para o Alvorada, Lula pode dormir em paz. A ação bolsonarista será arquivada.

Nunca antes...

Em sessenta dias de mandato, Lula editou 101 decretos. Tirou o recorde que era de José Sarney: 98 canetadas no mesmo período.

A busca continua

À procura de um ministro do STF, Lula pediu conselhos a Cristiano Zanin, mas não abriu se pensa em indicá-lo ao lugar de Ricardo Lewandowski.

Escolha pessoal

Lula disse a um magistrado que não vai seguir a lista tríplice na escolha do próximo PGR. Fará o que Jair Bolsonaro fez com Augusto Aras.

Todo enrolado

Chegou ao STF a informação de que Anderson Torres também articulou a ação aloprada da PRF para impedir eleitores de votar no segundo turno.

O cerco se fecha

Um ministro do STF diz que Torres está cercado: "Tem muita mensagem dele que já foi resgatada. Ou ele vai para a delação ou não sai mais da cadeia".

À espera do chamado

Investigado em vários inquéritos, Jair Bolsonaro ainda

SÓ E FELIZ Michelle e seus súditos: o novo escritório vive cheio de caciques

não tem data para depor na PF sobre os atos golpistas.

Saudade zero

Michelle já conquistou corações no PL. Instalada no novo escritório, tem agenda lotada (de candidata), verba milionária, assistentes e muita atenção de caciques como **Costa Neto, Braga Netto** e **Altineu Côrtes.** "Ela é muito agradável", derrete-se um admirador.

Fica aí mais um pouco

O PL fará uma grande recepção (com 10 000 patriotas) a Bolsonaro na volta ao Brasil. Ninguém, no

entanto, ficaria triste se ele adiasse o retorno.

Efeito colateral

Ex-presidente da Petrobras, Joaquim Luna avalia que o governo deu um “tiro no pé” — “ou na cabeça” — com essa proposta de taxar a exportação de óleo cru. “Isso vai atingir muitos contratos de exploração com empresas estrangeiras que operam em parceria ou independentemente no Brasil. Judicializações à vista”, diz.

Cessar-fogo

O voto de confiança de Lula ao plano de Haddad para a economia tem data para acabar: julho.

A vida na planície

Em quarentena, Paulo Guedes avalia criar com Gustavo Montezano, ex-BNDES, uma gestora de recursos para operar um fundo verde.

Histórias de coxia

O ex-ministro de Bolsonaro também recebeu convites para escrever um livro sobre sua aventura no governo. Tudo, por ora, está em estudo.

Fortunas paradas

Novo chefe da Lava-Jato no PR, Eduardo Appio encontrou fortunas paradas em contas judiciais e agora quer destravar esse dinheiro na vara.

Mega-Sena acumulada

Há, por exemplo, 2,3 milhões de reais da venda do tríplex do Guarujá sem destino definido. Antonio Palocci, que anulou sua condenação, espera reaver

INSTAGRAM @EUMAITEPROENCA

ESPETÁCULO
Maitê: atriz fará recital no teatro da ABL, no Rio

outros 75 milhões de reais travados lá.

Grana extra

Famoso na Lava-Jato, o ex-doleiro Alberto Youssef, segundo o BC, tem dinheiro esquecido em bancos a receber.

Exemplo de fora

Contra os desastres das chuvas, Tarcísio de Freitas negocia importar a tecnologia de sirenes antimísseis de Israel.

Poesia em movimento

Para marcar o início das atividades da Academia Brasileira de Letras neste ano, as divas **Maitê Proença** e Beth Goulart vão recitar, no próximo dia 7, poemas de Machado de Assis e de onze imortais do momento. ■

DISCUSSÃO FORA DE HORA

Parlamentares querem mudar critérios de escolha dos ministros do Supremo, pretendem limitar os mandatos e não descartam discutir a proposta de ampliar o número de cadeiras da Corte. Embora legítimo, o debate sobre esses temas agora é desnecessário e inoportuno

MARCELA MATTOS E **LARYSSA BORGES**

RASTILHO DE PÓLVORA STF: proposta de mudanças pode trazer de volta cenário de instabilidade

SHUTTERSTOCK

Durante a sua campanha à reeleição, Jair Bolsonaro fez dos ataques ao Supremo Tribunal Federal um importante instrumento de mobilização eleitoral. Ciente do desgaste da imagem do Poder Judiciário, ele prometeu que, se conquistasse um novo mandato, enquadraria ministros do STF, obrigando-os a jogar "dentro das quatro linhas da Constituição". Para atingir esse objetivo, cogitou a ampliação do número de integrantes da Corte, medida adotada por ditadores e aspirantes a autocratas mundo afora, e até uma nova leva de pedidos de impeachment de magistrados, como o apresentado pelo próprio capitão contra Alexandre de Moraes, que acabou arquivado pelo Senado. O plano de Bolsonaro não foi levado adiante porque ele perdeu a corrida presidencial. Lula, o vencedor, não quer saber de confusão com o Judiciário, que foi responsável por sua prisão e, posteriormente, sua soltura. O petista promete pacificação e harmonia. Quando tudo parecia caminhar nessa direção, agora é o Congresso que anuncia a intenção de mexer nas engrenagens da Corte.

Parlamentares reclamam do ativismo e de decisões do Supremo que usurpariam competência de outros poderes. Há ainda ressentimento com investigações e julgamentos realizados no âmbito da Lava-Jato que tiveram deputados, senadores e líderes partidários como alvo. A disposição para acertar contas com a Justiça não se restringe a bolsonaristas e tem entre seus adeptos políticos do Centrão, muitos deles aliados de Lula. Na última disputa para a presidência do

PEDRO GONTIJO/SENADO FEDERAL

OVO DA SERPENTE Pacheco, ao justificar o tema: "São discussões legislativas honestas que precisam ser feitas"

Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que buscava a reeleição, tratou do tema em discurso na tribuna da Casa. Diante do crescimento da candidatura oposicionista de Rogério Marinho (PL-RN), embalada pela promessa de colocar cabresto no Judiciário, Pacheco defendeu — numa tentativa de neutralizar o rival — a votação de projetos para "se colocar limites aos poderes". "Diferentemente do que sustentam, de revanchismo, de retaliação, de possível enquadramento ao Poder Judiciário, que dá a palavra final aos conflitos sociais e jurídicos, nós devemos cumprir o nosso papel verdadeiro:

o de solucionar o problema através da nossa capacidade e do nosso dever de legislar", disse ele.

Com a reeleição garantida, o presidente do Congresso agora está sendo pressionado a honrar o compromisso. Na lista de propostas de mudanças cogitadas pelos parlamentares estão a instituição de mandatos fixos para futuros ministros do Supremo, a definição de prazos para a retomada de julgamentos interrompidos por pedidos de vista no STF e a criação de regras mais claras para a tomada de decisões individuais dos magistrados do tribunal. Até o momento, a proposta mais convergente, embora longe de consenso, é a instituição de um mandato para os futuros juízes do Supremo, sem a possibilidade de recondução. Inspirada em países como Alemanha (doze anos de mandato), França (nove anos) e Portugal (dez anos), a ideia já foi discutida reservadamente entre Pacheco e ministros do STF. "Não é possível que um ministro assuma aos 40 e poucos anos e saia aos 75 anos *(idade da aposentadoria compulsória)*. Com a proposta dos mandatos, os ministros entram sabendo a data em que vão sair. Isso talvez os deixem mais humanos. Hoje eles se acham semideuses", diz o senador Plínio Valério (PSDB-AM), autor de uma emenda constitucional que fixa em oito anos o período de permanência de juízes no STF.

Os integrantes do Supremo consideram, com razão, ser arriscado o andamento desse tipo de projeto agora, já que outras medidas podem ser enxertadas durante a tramitação. Partido de Bolsonaro, o PL tem a maior bancada na Câmara

e a segunda maior no Senado. É, portanto, uma força considerável. Nesse tema em particular, os bolsonaristas contam com a simpatia, nem sempre velada, da turma do Centrão, que passou apuros durante as investigações do mensalão e do petrolão. Mesmo em setores da esquerda, há severas restrições ao ativismo e a supostos exageros de determinadas decisões, que só não são externadas em público devido ao entendimento de que a Justiça ajudou a conter as aspirações golpistas dos radicais e, indiretamente, acabou dando empuxo à eleição de Lula.

Os arranhões na imagem do Judiciário e de seu ministro mais visível no momento também servem de combustível para a ofensiva parlamentar. Pesquisa divulgada pela Quaest em fevereiro mostrou que para 43% dos entrevistados o ministro Alexandre de Moraes, responsável por inquéritos que atingem a família Bolsonaro e também presidente do Tribunal Superior Eleitoral, está exagerando em suas decisões. Só 37% pensam o contrário. Já 29% consideram a imagem do Supremo negativa, enquanto 23% avaliam como positiva.

Congressistas consultados por VEJA afirmaram que a proposta de fixar um mandato para os futuros ministros do STF é apenas o ponto de partida das mudanças que querem ver implementadas no Supremo, as quais exigirão a aprovação de uma proposta de emenda constitucional. “A PEC vai começar com a ideia dos mandatos, mas não vai terminar assim. Vai vir um monte de coisa”, admite um

NELSON ANTOINE/FOLHAPRESS

CAVALO DE TROIA Gilmar Mendes e Moraes: preocupação dos ministros é que iniciativa seja usada para outros fins

influente líder do Centrão. É cogitada, por exemplo, uma mudança para que o próprio Congresso possa nomear integrantes da Suprema Corte, num revezamento entre o presidente da República, a Câmara e o Senado. Em maio passado, o primeiro rascunho de uma emenda constitucional nesse sentido foi apresentado a ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ), cujos integrantes — quase todos — sonham com uma nomeação ao STF. Isso, por si só, já provocaria uma enorme turbulência, pois limitaria indiretamente o poder do presidente da República.

Há quem defenda ideias mais ousadas e estapafúrdias. Em proposta que arregimentou o apoio de parlamentares do PT ao PL, o senador Carlos Viana (Podemos-MG), por exemplo, apresentou a "PEC do ativismo judicial", que prevê que ministros do Supremo serão enquadrados em crime de responsabilidade, que leva à cassação do mandato, caso deixem escapar algum tipo de posicionamento político. A deputada Chris Tonietto (PL-RJ) já tentou mudar a Constituição para incluir entre as competências do Congresso a decisão de sustar atos do Poder Judiciário que "invadam" ações do Parlamento. O deputado José Medeiros (PL-MT) foi ainda mais longe e propôs a criação de uma lei para prender por abuso de autoridade, com pena de até quatro anos, o juiz que determinar, de forma injustificada, a remoção de perfis ou páginas de deputados ou senadores na internet.

O clima de acerto de contas abarca até questões aparentemente mais comezinhas. Alguns congressistas querem dar fim às transmissões ao vivo dos julgamentos do STF, que ganharam audiência principalmente a partir do processo do mensalão. Desconsiderando a necessária e benfazeja transparência, eles alegam que as transmissões açulam a vaidade dos magistrados e também os deixam mais suscetíveis a pressões da opinião pública. Ainda não está claro como os parlamentares pretendem garantir a tramitação dessas iniciativas. Em uma frente inicial de ação, senadores simpáticos a Bolsonaro pretendem montar uma espécie de tropa de choque na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), cole-

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

A SEMENTE Manifestações: por quatro anos, bolsonaristas radicais pregaram confrontos com o STF

giado que analisa a legalidade de propostas legislativas, para fazer valer a tese de que o Supremo precisa de nova regulação. Plínio Valério, o ex-vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos-RS), o ex-juiz Sergio Moro (União-PR) e o senador Eduardo Girão (Novo-CE), um dos mais contundentes críticos do tribunal no Congresso, estão sendo estimulados a compor a CCJ.

No ano passado, integrantes do Supremo detectaram as digitais do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), à época aliado fiel de Bolsonaro, na mais problemática e preo-

cupante das ideias, a de ampliar as atuais onze cadeiras do STF. O deputado nega ser pai da ideia. Há tempos ministros da Corte observam movimentos pendulares no Congresso nessa direção. Embora o aumento de assentos não seja falado abertamente pelos patrocinadores da tese, os ministros estão convictos de que o tema não foi sepultado por completo e só aguarda o momento político ideal — uma primeira crise com o Executivo, por exemplo — para ser colocado sobre a mesa. “O plano de alterar esse modelo elevando o número de ministros do tribunal, ou fixando mandatos, me parece motivado pelos mesmos sentimentos ditatoriais que levaram o governo Castello Branco a fazer algo semelhante em 1965 ou o governo Erdogan a mexer na Corte Suprema da Turquia em 2010. Não se trata aí de aperfeiçoar coisa nenhuma”, disse a VEJA o ex-ministro do STF Francisco Rezek. “Isso pode virar um rastilho de pólvora na medida em que se sabe que ampliar as vagas na Corte é uma coisa que todos desejam porque advogados, Ministério Público e os próprios juízes veem oportunidade de ascender ao tribunal. Para o governante de plantão também é interessante, mas para o Supremo é péssimo”, completa um membro da atual composição do STF.

Nas conversas travadas, o Supremo recebeu de Rodrigo Pacheco a garantia de que nenhuma proposição mais tresloucada será levada adiante. Na segunda semana de janeiro, dias após os protestos que culminaram nos terríveis atos de vandalismo em Brasília, o senador se reuniu com

RESULTADO Ataque: no dia 8 de janeiro, vândalos invadiram e depredaram as instalações da Corte

seis ministros do tribunal. Em campanha na época para comandar o Congresso por mais dois anos, comunicou que pretendia levar adiante a proposta de mudar algumas regras sobre o funcionamento da Corte, uma iniciativa que, segundo ele, serviria para aplacar os ânimos de alguns colegas do Parlamento. A mais radical das medidas, garantiu, seria estabelecer um mandato para os juízes. Na hora, a reação foi de perplexidade, e a insatisfação, generalizada. “Tudo indica que Pacheco está construindo um armistício com o bolsonarismo, o que seria como a paz que um dia se tentou com Adolf Hitler”, reagiu depois um dos ministros. O presidente do Senado, no entanto, não vê motivos para alvoroço. “São discussões legislativas honestas que precisam ser feitas”, resume ele.

Verdade. Mas os últimos anos da política brasileira mostram que o timing para uma discussão dessa magnitude po-

de não ser o ideal. Em 2019, no primeiro ano de governo, Jair Bolsonaro iniciou sua jornada de enfrentamento ao STF. Além da retórica, o então presidente participou de manifestações que pediam da destituição de ministros ao fechamento do tribunal. Esse comportamento irresponsável alimentou o clima de animosidade que esteve na raiz dos graves eventos do dia 8 de janeiro passado. É muita ingenuidade achar que esse sentimento simplesmente evaporou em menos de dois meses. Por isso, discutir mudanças no Supremo, apesar de ser um movimento legítimo, neste momento é, no mínimo, imprudente. “O que mais impressiona é que os parlamentares não fazem o debate de fundo sobre o que é um bom candidato a ministro. Que tipo de pessoas queremos selecionar para o Supremo, com quais atributos, com que tipo de histórico? Ficar discutindo o regime de trabalho sem esse debate de fundo tende a não representar nenhum avanço”, afirma Rubens Glezer, professor da FGV.

O tal debate de fundo, aliás, poderá ser feito duas vezes neste ano, em razão da aposentadoria dos ministros Ricardo Lewandowski e Rosa Weber. Caberá a Lula indicar os sucessores e ao Senado cumprir o seu papel de sabatinar e aprovar aqueles que reunirem as condições adequadas para ocupar o cargo. Se isso for feito com diligência, será um grande avanço institucional, sem o risco de criar sobressaltos ou instabilidades num momento em que há uma fila de problemas mais urgentes que precisam de fato ser enfrentados. ■

DE VOLTA AO PASSADO

No setor de infraestrutura, a gestão de Lula surpreende ao reciclar velhas ideias, do trem-bala ao PAC de péssimas lembranças

LAÍSA DALL'AGNOL E **REYNALDO TUROLLO JR.**

TÚNEL DO TEMPO Lula com símbolos do passado: pressa em apresentar à população novas obras

MONTAGEM COM FOTOS DE JONATHAN ERNST/AFP; MANOEL MARQUES; MANABU TAKAHASHI/GETTY IMAGES; ROBERTO STUCKERT FILHO/PR; AG. PETROBRAS

NA ÚLTIMA campanha eleitoral, Luiz Inácio Lula da Silva investiu pesado na política da nostalgia e parte considerável de sua vitória pode ser creditada à lembrança positiva de suas duas primeiras passagens pela Presidência — deixou o Palácio do Planalto em 2010 com recorde de popularidade (oito em cada dez brasileiros aprovavam sua gestão). Ao assumir o novo governo em 1º de janeiro de 2023, a expectativa era de que deixasse de lado o passado para apresentar ao país ideias e projetos para o futuro. Passados dois meses, no entanto, o petista segue olhando para o retrovisor em áreas importantes, como a da infraestrutura. Exemplo disso foi a volta à cena do famigerado projeto do trem-bala entre São Paulo e Rio de Janeiro. Lula lançou a ideia em 2004 e chegou a prometer que ele estaria pronto na Copa do Mundo de 2014. Como se sabe, nada saiu do papel até hoje, a despeito até da criação de uma estatal para cuidar de sua viabilização.

O negócio parecia enterrado para sempre até que, nas últimas semanas, o país foi pego de surpresa com a ressuscitação da ideia. Para tentar tirá-la do papel, a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) deu sinal verde à TAV Brasil, empresa criada em 2021 com o propósito de atuar com trens de alta velocidade e cujo capital social é de apenas 100 000 reais. Em troca de colocar o negócio nos trilhos até 2032, a um custo estimado de 50 bilhões de reais, a companhia terá o direito de explorar o serviço por quase um século. O governo federal diz que não vai pôr diretamente dinheiro na empreitada, mas a ideia da TAV é

usar 20% do seu capital próprio e 80% de financiamento por meio de vias como fundos de pensão e do BNDES. Conforme o acordo feito com a ANTT, a companhia tem até o fim deste mês para cumprir prazos como assinatura do contrato e apresentação de licenças. Como é bastante improvável a viabilização do negócio ("sonhar é grátis", escreveu sobre o assunto o jornalista e historiador Elio Gaspari), causa espanto que se tenha gasto energia com o assunto, em meio a tantas prioridades de um país com imensos gargalos que atravancam o progresso. "O governo deveria olhar o portfólio já conhecido e terminar o que está projetado", diz Paulo Resende, do Núcleo de Infraestrutura e Logística da Fundação Dom Cabral.

As trombadas iniciais no setor de infraestrutura não se resumem a ressuscitar o trem-bala. Entrou também no radar do Palácio do Planalto o retorno do famoso Programa de Aceleração do Crescimento. Sim, o PAC também vai voltar. Ele foi lançado em 2007, primeiro ano do segundo mandato de Lula, com investimentos previstos, à época, de meio trilhão de reais em áreas como transporte, energia, habitação e saneamento. Outrora liderado pela "gerentona" Dilma Rousseff à frente da Casa Civil, hoje o novo PAC é capitaneado por Rui Costa — braço direito de Lula e atual titular da pasta — e pela secretária-executiva Miriam Belchior, que atuou como coordenadora-geral do programa a partir de 2010, com a saída da então ministra Dilma do governo para disputar a Presidência. Agora, Lula quer reapre-

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

CRONOGRAMA O ministro Rui Costa: expectativa de lançamento do novo PAC entre o fim de março e começo de abril

sentar o PAC nas próximas semanas, mas sob uma nova sigla. O objetivo é mostrar que o petista já tem algo de relevante a entregar à população em termos de obras.

Como não se constrói nada da noite para o dia, a solução é empacotar o novo PAC com um punhado de obras retomadas do governo anterior. Desde que tomou posse, Lula declarou como uma de suas prioridades a conclusão e a entrega das cerca de 14 000 obras federais paradas e, para tanto, convocou Rui Costa e o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, para articular com governadores e entender as necessidades de cada estado. Coube a André Ceciliano, ex-presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e recém-empossado secretário Especial de Assuntos Federativos de Padilha, coordenar a tarefa.

Entre as prioridades dessa equipe, estão demandas relacionadas a estradas federais, portos, aeroportos, obras do Minha Casa, Minha Vida e ferrovias. “Tudo é prioritário, porque os governadores estão há quatro anos sem parceria com o governo federal”, diz Ceciliano. “As reuniões que fizemos tiveram como objetivo fazer um checklist do que há de projetos, do que falta de licença e do que se tem de orçamento.” O plano de investimento deve ser lançado entre o fim de março e o início de abril, com destaque para o Minha Casa, Minha Vida. “O programa tem desde obras 30% prontas até 90% prontas. São 180 000 unidades habitacionais para serem entregues. O presidente Lula pediu para primeiro terminar essas obras e, segundo, para que sejam preparados áreas e terrenos com infraestrutura, de forma que não faltem recursos para a habitação”, explica Ceciliano.

Outra ideia fixa do petismo é a retomada da indústria naval. Além das promessas feitas durante a campanha, Lula voltou a abordar o tema em uma de suas primeiras visitas oficiais após eleito, no Rio de Janeiro, ocasião em que reafirmou que o governo resgatará os investimentos no segmento no estado. O presidente garantiu que tanto a Petrobras quanto o BNDES atuarão para a recuperação do setor. No passado, os altos investimentos na indústria naval terminaram em escândalos revelados pela Lava-Jato. Estaleiros controlados por empreiteiras envolvidas nas investigações da operação anticorrupção diminuíram as atividades ou nem entraram em operação, com

MICHEL FILHO/AG. O GLOBO

RETORNO Miriam Belchior: ministra do governo Dilma Rousseff está de volta

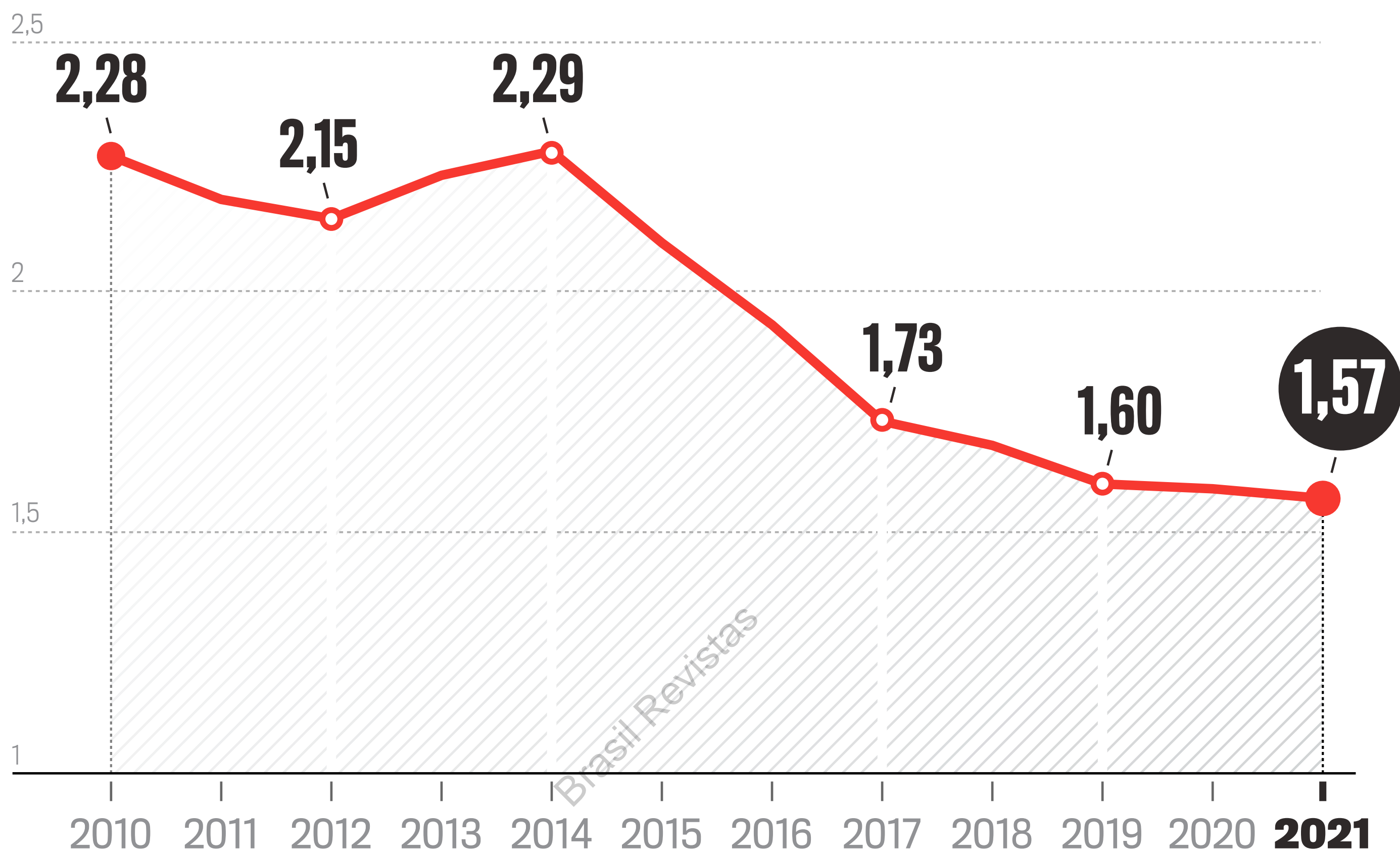
saldo de centenas de desempregados, perdas bilionárias e processos na Justiça.

O próprio PAC, aliás, foi uma grande usina de escândalos. Das dez maiores obras previstas no programa, listadas pela ONG Contas Abertas em 2013, nove se tornaram alvos de investigação criminal — muitas com desdobramentos judiciais até hoje. A maior dessas obras, a refinaria Premium I, que seria construída em Bacabeira, no Maranhão, previa investimentos totais de 41 bilhões de reais, em valores da época, mas não passou da fase de terraplenagem. A Petrobras acabou desistindo do projeto. O TCU apontou uma série de irregularidades, como o fato de o empreendimento ter sido iniciado sem um projeto básico. O saldo foi um prejuízo de 2,1 bilhões de reais para a esta-

tal. Ex-executivos da construtora contratada, a Galvão Engenharia, chegaram a ser condenados pela Lava-Jato em primeira e segunda instâncias e se tornaram colaboradores da Justiça. Outra grande obra do PAC, a hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, motivou investigações contra o então ministro de Minas e Energia do governo de Dilma Rousseff, Edison Lobão (MDB), suspeito de receber propina milionária da Odebrecht e da Camargo Corrêa — o que o político sempre negou. O caso foi remetido para a Justiça Federal em Brasília no fim de 2019, onde prossegue, depois que o STF decidiu que Curitiba não era o foro adequado para julgar todos os processos.

Esse histórico de desvios nos últimos anos coincide com o período em que o Brasil vem freando os investimentos em infraestrutura — ou seja, o pior cenário possível: gastou menos do que deveria e parte do que foi gasto acabou drenado pela corrupção. O total de investimentos em 2021 correspondeu a apenas 1,57% do PIB (134 bilhões de reais), o menor patamar da série histórica organizada pela CNI *(veja o quadro ao lado).* Nas últimas duas décadas, o país investiu, em média, aproximadamente 2% do PIB em infraestrutura por ano, menos da metade do que o necessário. Programas bem-sucedidos nos últimos governos foram quase exceção. Salvaram-se exemplos como o desenvolvimento da tecnologia para a exploração do pré-sal dos anos petistas e as concessões e privatizações de portos e aeroportos implementadas pelas gestões de Michel Temer e Jair Bolsonaro.

EM QUEDA

Participação dos investimentos em infraestrutura em porcentual do PIB é a menor desde 2010 (em %)

Fonte: *CNI*

A despeito do histórico de corrupção em obras e dos preocupantes sinais de nostalgia por projetos antigos, ainda existe certo otimismo, com a esperança de que Lula olhe para frente, mantendo a agenda de concessões e PPPs (parcerias público-privadas) na área de infraestrutura. “Nós pleiteamos que essa fosse uma agenda de Estado, e não de governo, porque os estudos para uma concessão levam dois, três anos e não podem se perder com a troca de presidente. O governo atual tem acenado para is-

so e manteve a estrutura", diz Wagner Ferreira Cardoso, secretário-executivo de Infraestrutura da CNI. O próprio ministro da Fazenda, Fernando Haddad, já atuou no passado na elaboração de normas para as PPPs e se cercou de nomes que transmitiram alguma tranquilidade ao mercado, como o número 2 da pasta, o economista Gabriel Galípolo. Outro entusiasta do modelo é o vice-presidente, Geraldo Alckmin, que também é ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Alckmin fez privatizações importantes quando governou São Paulo, desde rodovias até linhas do metrô.

Além das biografias dos integrantes da gestão, há a avaliação de que o corpo técnico composto de servidores de órgãos do governo especializou-se nos últimos anos na elaboração de projetos de concessões e PPPs. "O governo é um transatlântico e não se dá cavalo de pau em transatlântico. Não se desmonta esse ecossistema de técnicos com facilidade", diz Sandro Cabral, professor de estratégia e gestão pública do Insper. Na visão dele, a despeito dos discursos para a plateia, o PT se tornou muito pragmático. "Basta ver que recentes governos petistas na Bahia, no Ceará e no Piauí privatizaram metrô, hospitais e saneamento", lembra. Com base nisso, a expectativa é a de que ideias como a volta do trem-bala fiquem para trás, cedendo lugar a concessões com viabilidade comercial e capacidade de resolver os problemas mais urgentes. O Brasil precisa entrar no trilho certo. ■

A PARTIDA VAI COMEÇAR

A estratégia do governo para aprovar uma pauta mínima no Congresso neste ano: isolar os radicais e atrair os moderados da oposição com "bons argumentos"

DANIEL PEREIRA

APOSTA Lula e o núcleo político: o consenso é que moderados não sabem viver longe do governo e não gostam de permanecer na oposição

RICARDO STUCKERT/PR

O PRESIDENTE Lula conhece bem as dificuldades para a montagem de uma base de apoio no Congresso. Em seu primeiro mandato, elas resultaram no mensalão, esquema de compra de votos de parlamentares com recursos desviados dos cofres públicos, segundo entendimento do Supremo Tribunal Federal (STF). Outros mandatários também enfrentaram problemas porque nesse tipo de negociação a afinidade ideológica ou programática vale pouco, importando mais o que o governo de turno tem a oferecer aos partidos em troca de ajuda para aprovar seus projetos prioritários. É por isso que o presidencialismo de coalizão brasileiro volta e meia é chamado, entre ironia e cinismo, de presidencialismo de cooptação. Forma a base quem paga por ela — e a base tem tamanho compatível ao da contrapartida. Com experiência de sobra, Lula não pretende mudar as regras do jogo em seu terceiro mandato. Diante de um Legislativo que ganhou força na gestão de Jair Bolsonaro, ao abocanhar fatias maiores do Orçamento da União por meio das emendas de relator, o petista apostará no pragmatismo para formar maiorias na Câmara e no Senado. Seu plano é unir a esquerda, atrair os moderados ansiosos por uma benesse oficial e isolar os radicais de direita.

As negociações para a obtenção de apoio no Congresso começaram tão logo Lula foi eleito, em outubro do ano passado, e se arrastam desde então, sem conclusão à vista. Essa situação só não resultou em problemas para o governo porque seus projetos ainda não foram submetidos a voto e porque, de acor-

PEDRO FRANÇA/AG. SENADO

ACORDO Lira: verbas para azeitar as relações com os parlamentares novatos

do com ministros, a agenda legislativa do Palácio do Planalto é enxuta e, em seus pontos principais, conta com a boa vontade dos congressistas, inclusive os de oposição. Em 2023, as prioridades de Lula são a reforma tributária e o novo marco fiscal a ser anunciado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Até aqui, enquanto são apenas conceitos abstratos, as duas iniciativas não enfrentam resistência de deputados e senadores, mas, como o diabo mora nos detalhes, a dúvida é se essa postura se manterá quando os textos começarem a tramitar e cada um de seus artigos despertar reações de interesses diversos, de governadores, empresários e setores produtivos. Em governos anteriores, essas reações interditaram a tramitação de diferentes propostas de reforma, sempre elogiadas e sempre engavetadas.

Numa tentativa de superar esse tabu, Lula promete simplificar o sistema de cobrança de impostos, sem aumentar a carga tributária. “A reforma tributária não é um tema que divide o governo e a oposição”, diz um ministro, acrescentando que o tema está maduro para aprovação. O restante da agenda do governo se restringe basicamente a medidas provisórias. No caso da MP que reestruturou a máquina pública, a poderosa bancada ruralista não concorda com a transferência da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) do Ministério da Agricultura para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, em tese mais suscetível a movimentos sociais e menos simpático a grandes produtores. Nas conversas com parlamentares, o governo tem prometido que o Ministério da Agricultura terá um assento no conselho de administração da Conab e será parceiro do Desenvolvimento Agrário na definição de políticas de abastecimento e de preços mínimos. No Palácio do Planalto, há todo um empenho para mostrar que o governo tem tentado pavimentar o caminho para a aprovação dos projetos por meio do debate de mérito das medidas, mas essa é só uma parte da estratégia. A outra parte se desenrola na mesa de negociação, com a promessa de distribuição de cargos e verbas do Orçamento.

Ao compor sua equipe, Lula, ciente de que a esquerda sozinha não tem maioria, deu três ministérios para cada uma das seguintes legendas: MDB, PSD e União Brasil. Não foi o suficiente para aplacar a vontade de participação no governo

FORÇA Oposição: assinaturas suficientes para CPI que vai investigar se o presidente deixou a quebradeira correr solta

dos integrantes do Centrão. Dono da terceira maior bancada na Câmara, o União Brasil, por exemplo, cobra mais espaço para seus deputados. Preterido em um cargo de ministro, o líder da sigla, Elmar Nascimento (BA), tanto cobrou que conseguiu o compromisso de manter um afilhado político no comando da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), estatal que se tornou queridinha das emendas de relator na gestão Bolsonaro. Também preterido na Esplanada, o Avante, sigla nanica que apoiou Lula na eleição, recebeu a promessa de manter uma diretoria no Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs), conhecido por sua capilaridade e peso eleitoral nos rincões. Os deputados aguardam com ansiedade a distribuição de cargos de segundo e terceiro escalões. Na Câmara, diz-se que o estado atual é de "compasso de espera".

Se o rateio for realizado tal qual prometido pelos articuladores políticos de Lula, até parlamentares do PL, o partido de Bolsonaro, ajudarão a aprovar os projetos considerados prioritários pelo governo. O mesmo vale para o PP, comandado pelo senador Ciro Nogueira, ex-ministro da Casa Civil de Bolsonaro. "É natural essa pressão da Câmara para obter mais espaço", afirma um ministro. "Há tensão porque você teve um deslocamento de poder do Executivo para o Legislativo na gestão Bolsonaro, que entregou tudo para o Congresso", acrescenta, citando como exemplos do tal deslocamento as notórias emendas de relator. Lula também está entregando cargos e verbas orçamentárias. O governo fez um acordo com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), um dos antigos senhores das emendas de relator, para que parte das verbas dos ministérios seja direcionada aos deputados novatos, que decidirão onde cada centavo será aplicado. A promessa é de que cada um dos 291 deputados estreantes receba um quinhão de cerca de 10 milhões de reais, totalizando 2,9 bilhões de reais. Essa dinheirama certamente ajudará a azeitar a engrenagem do presidencialismo de coalizão brasileiro.

Também deve contribuir para a formação de uma base governista a postura do presidente em relação às suspeitas envolvendo seus auxiliares. O caso do ministro das Comunicações, Juscelino Filho (União Brasil-MA), é emblemático. Deputado de baixo clero, ele é suspeito, conforme noticiou o jornal *O Estado de S. Paulo,* de direcionar verba pública pa-

JEFFERSON RUDY/AG. SENADO

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

GILBERTO SOARES/MMA

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

DISTÂNCIA Damares Alves, Jordy, Ricardo Salles e Bia Kicis: tática é isolar ao máximo os radicais da oposição

ra beneficiar uma propriedade de sua família e ocultar patrimônio. Por enquanto, não há notícia de que tenha sido cobrado pelo Planalto a prestar esclarecimentos. Longe disso. Como disse certa vez Lula em seu segundo mandato, as denúncias saem na urina e, portanto, não abalam o governo. Apesar de traçar um cenário otimista para a sua relação com o Congresso, o Executivo sabe que sempre haverá armadilhas pelo caminho, algumas delas reais, outras colocadas apenas para encarecer o preço de certas transações. Parlamentares alinhados a Bolsonaro conseguiram reunir

assinaturas para a criação de uma CPI destinada a investigar os ataques às sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro. Eles querem vender a tese de que Lula se omitiu na ocasião, deixando a quebradeira correr solta para se beneficiar politicamente e prejudicar Bolsonaro.

Ainda não é certo que a CPI sairá do papel. Seu requerimento tem de ser lido numa sessão plenária do Congresso, o que depende da boa vontade do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), chefe do Poder Legislativo e aliado de Lula. Além disso, parlamentares que assinaram o pedido de comissão ainda podem recuar, o que é bastante comum, ainda mais quando o governo empenha mundos e fundos para fazê-los mudar de ideia. Por ordem de Lula, os articuladores políticos têm negociado diretamente com Lira e Pacheco, além de líderes dos partidos e das frentes parlamentares. A ideia é manter um diálogo permanente entre as partes, deixando de fora apenas os radicais de direita. O governo diz ter um acerto para impedir que bolsonaristas notórios, como Bia Kicis (PL-DF) e Ricardo Salles (PL-SP), ocupem cargos de destaque nas comissões do Congresso. Com exceção deles, o Planalto está disposto a negociar com qualquer parlamentar. A equipe de Lula considera possível conseguir até metade dos votos das bancadas do PP e do PL, cujos políticos mais moderados não gostam de fazer oposição e não sabem viver longe do governo — de qualquer governo, especialmente daqueles que sabem negociar apoio com “bons argumentos”. ■

MURILLO DE ARAGÃO

CENÁRIOS PARA A REFORMA TRIBUTÁRIA

É imperativo buscar consenso entre as partes interessadas

NA SEMANA que se encerra foi apresentado um ambicioso programa de trabalho para a reforma tributária. Vale fazer algumas observações sobre o tema. A reforma tributária está na pauta das intenções do mundo político há décadas, mas, como sempre, pouco ou nada acontece. A indefinição e a não conclusão do debate sobre temas complexos se apresentam sempre que não há consenso entre as partes envolvidas. Nesse caso, para construir esse consenso, é necessário observar algumas condições.

A primeira é avaliar a realidade tributária atual, dissecar suas distorções e mensurar a extensão das perdas e dos ganhos que a reforma provocará, tanto para governos quanto para o setor privado. Sem um pleno conhecimento da realidade e dos impactos das mudanças propostas será difícil avançar.

A segunda condição reside na disponibilidade (ou não) dos atores em ceder para se chegar a um consenso. Quem está pagando muito no atual sistema certamente deseja

pagar menos. E quem desconfiar que vai pagar mais, é um sério candidato a trabalhar contra o novo sistema. Como então chegar a um entendimento que seja aceito pelos principais players?

Os municípios, por exemplo, vão aceitar perder o ISS (Imposto sobre Serviços) em troca de um IVA (Imposto sobre o Valor Agregado)? Os estados vão renunciar às alíquotas escorchantes de ICMS sobre combustíveis, telecomunicações e energia em favor de um imposto a ser compartilhado com municípios e o governo federal? Essas reflexões nos levam a uma outra questão importante: o governo federal estaria disposto a compensar as perdas dos que serão prejudicados?

São dúvidas que, se não forem muito bem esclarecidas, podem funcionar como barreira contra o consenso. Existem outros pontos igualmente levantes. Temos os maiores

“Sem um pleno conhecimento da realidade e dos impactos das mudanças propostas será difícil avançar”

estados do país em produção econômica controlados por governadores de oposição. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), tem dúvidas sobre o futuro da reforma. Isso já revela como será complicado aprovar mudanças que já nascem sob a descrença do estado mais importante da federação.

Temos ainda as dúvidas sobre a forma de aprovação da reforma, como e quando ela entraria em vigor. O Brasil tem uma complexidade econômica, social e ambiental semelhante à da comunidade europeia. Não há como impor uma reforma tributária sem um prazo longo de adaptação e previsão de revisão periódica de seus resultados por meio de um comitê permanente de acompanhamento e avaliação.

Por fim, existe o sujeito oculto da reforma: o cidadão que paga tributos elevados e recebe em contrapartida serviços, em geral, medíocres. As empresas brasileiras gastam em média 1 500 horas por ano apenas para pagar seus impostos. Vivemos em meio a um emaranhado de portarias e resoluções que facultam um poder extraordinário aos arrecadadores. Seria interessante, portanto, que, em paralelo à reforma tributária, se discutisse também — como condição *sine qua non* — um Código de Direitos do Contribuinte. ■

O DONO DO BARULHO

Vice-presidente nacional do PT, Quaquá irrita Lula e está na mira de uma ala petista que quer vê-lo longe. Mas, articulado que é, já trabalha pelo posto maior no partido **MAIÁ MENEZES**

INSTAGRAM @WASHINGTON.QUAQUA.5

PEGOU MAL Quaquá posa ao lado de Pazuello: falta de freios nas costuras pode lhe custar um processo interno

BERÇO POLÍTICO do clã Bolsonaro, o Rio de Janeiro dava sinais de uma guinada à direita no último pleito presidencial quando o vice-presidente do PT, Washington Quaquá, foi convocado pelos caciques da sigla para pôr em prática sua mais notória qualidade — tecer costuras nos bastidores, com um pragmatismo que extrapola matizes ideológicos, para tentar reverter o jogo. E assim ele aproximou Lula de Waguinho, o controverso prefeito de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, uma operação que acabaria mais tarde alçando à Esplanada dos Ministérios a mulher dele, a agora titular do Turismo, Daniela Carneiro, que já se enredou em escândalo que expõe seus elos com integrantes da milícia local. Em outro lance, Quaquá lançou-se numa cruzada em prol de uma aliança com o então candidato à reeleição ao governo do Rio Cláudio Castro (PL), que navegava em águas bolsonaristas, quando o postulante de sua legenda ao cargo era Marcelo Freixo (PSB).

Com a base bem fincada no município de Maricá, do qual foi prefeito por quase uma década, o hoje deputado federal segue como peça-chave para mover as engrenagens petistas que trabalham a toda para conquistar apoios na banda da oposição. Mas, mestre das polêmicas, Quaquá está mais uma vez no centro delas — a ponto de uma ala mais à esquerda do PT querer encampar um processo de ética interno mirando sua expulsão.

Seu mais recente e espinhoso imbróglio envolve Eduardo Pazuello (PL-RJ), ex-ministro de Bolsonaro e atual de-

NARIZ TORCIDO
Gleisi: críticas ao companheiro expostas nas redes sociais

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

putado federal, com quem ele se encontrou em uma reunião em Brasília onde estava o novo presidente da Petrobras, Jean Paul Prates. Na ocasião, Quaquá achou por bem esbanjar cordialidade com o político de pendor negacionista que comandou a pasta da Saúde em plena pandemia, deixou-se fotografar sorridente a seu lado e foi além: postou a imagem no Instagram acrescida da frase “A tarefa do governo Lula é unir, pacificar e reconstruir o nosso país”. Não demorou, e a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, estrilou: “Tudo tem limite”, disparou sob os holofotes das redes, enquanto Lula externava contrariedade mais discretamente, a seu núcleo próximo. A partir daí, começou a circular um abaixo-assinado, capitaneado por um grupo de

militantes, defendendo a instauração do processo para a exclusão do companheiro das hostes petistas. Pelo WhatsApp, Quaquá reagiu com virulência e postou vídeos disparando contra os opositores adjetivos como “imbecil” e “jumento”, para citar os mais gentis.

Outro episódio que enfureceu uma banda petista foi o jantar de 8 de fevereiro em que ele, na condição de coordenador da bancada fluminense em Brasília, confraternizou com o deputado Otoni de Paula (MDB-RJ), um dos expoentes evangélicos do bolsonarismo. Fuzilado por críticas vindas de todos os lados, Quaquá atiça ainda mais as labaredas: “A esquerda não tem força sozinha, mas se deixa levar por gente que ficou na Rússia de 1917. Precisa de psicanálise”, disse a VEJA. Durante o Carnaval, a temperatura das hostilidades se elevou ao ritmo de samba. Ele montou no Sambódromo carioca um camarote de três andares, com capacidade para receber até 1 000 foliões. Organizado e bancado pela confecção de roupa Favela e Periferia, da qual é dono, o espaço foi projetado para abrigar a habitual romaria de políticos na Marquês de Sapucaí. O barraco que antecedeu a festa, porém, jogou água no uísque Royal Salute (1 200 reais a garrafa) servido aos convidados. Incentivada pelo namorado, o deputado Lindbergh Farias (PT-RJ), a dar um pulinho no QG momesco de Quaquá, Gleisi foi taxativa: “Não subo aí de jeito nenhum”, falou, ao passar pela entrada. No dia seguinte, cedeu e selaram a paz, ao menos provisória, depois de um papo de quinze minutos. “Não há crise nenhuma”, amenizou Quaquá.

MAÍRA COELHO/AG. O DIA

ACOLHIDA Lurian, filha de Lula: cargo na prefeitura de Maricá

Apesar de certos narizes petistas ainda torcerem diante dos excessos fisiológicos do vice-presidente da sigla — a quem alguns classificam como "o Centrão do partido" —, ninguém acredita que o processo para afastá-lo prospere. Bem conectado, não são poucos os que lhe devem favores. Numa de suas passagens pela prefeitura de Maricá, cidade cujos cofres amealharam bilhões com os royalties do pré-sal, o PT nacional sangrava e perdia capital político, minguado pelo impeachment de Dilma Rousseff e, depois, pela prisão de Lula. O bom Quaquá, então, deu guarida a muitos

companheiros que se viram à deriva, sem cargos nem mandatos. "Ele abrigou umas 147 pessoas na prefeitura", diz um aliado próximo. Um dos quadros a entrar na conta é Lurian Lula da Silva, primeira filha do presidente, que chegou a se mudar para Maricá e a assumir por lá o diretório municipal do PT. Por dois anos, ela atuou como assessora de Rosângela Oliveira Zeidan (PT), deputada estadual pelo Rio e então mulher do próprio Quaquá.

Em uma recente articulação, ele trabalhou para emplacar o filho, Diego Zeidan, vice-prefeito de Maricá, no comando da secretaria municipal de Economia Solidária do Rio. Mais próximo do prefeito Eduardo Paes após as eleições, ainda está por trás de duas outras indicações na seara do alcaide — as secretarias de Desenvolvimento Social e de Meio Ambiente. Filiado ao PT desde os 14 anos, ele presta homenagem ao alto-comissário José Dirceu, a quem observou em ação e a quem elogia: "A geração de Dirceu ensinou o PT a fazer alianças". Colegas da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde Quaquá estudou ciências sociais e presidiu o diretório acadêmico, contam que, lá atrás, ele já se envolvia em altas negociações políticas no câmpus. "Ele sempre falou com gente de todas as correntes de pensamento, sem se preocupar com a coerência", lembra um ex-colega de turma. Sem esconder suas ambições, Quaquá conta que vai se candidatar à sucessão de Gleisi na presidência do PT, em 2025. E a corrida, como se vê, já começou. ■

NO RASTRO DO PÓ

Os detalhes da quadrilha do sargento da comitiva de Bolsonaro preso com 37 quilos de cocaína na Espanha e os mistérios que ainda restam a respeito do caso

SÉRGIO QUINTELLA

EM FAMÍLIA Will e Manoel: conversas interceptadas mostram que a atividade criminosa mudou a vida do casal, que passava por dificuldades financeiras

REPRODUÇÃO

PRESO EM 2019 na Espanha carregando 37 quilos de cocaína ao desembarcar de um avião oficial de apoio da comitiva presidencial, o ex-sargento da Força Aérea Brasileira (FAB) Manoel Silva Rodrigues passou dois anos em uma cadeia em Sevilha, até ser transferido para o Centro Penitenciário de Málaga II, localizado também no sul do país europeu. Ali, trabalha numa espécie de cantina e recebe 65 euros por semana. No contato com os demais presos, queixa-se de que é tratado de forma diferente de outros estrangeiros. Em carta enviada à Justiça espanhola em março do ano passado, à qual VEJA teve acesso, Manoel, que diz estudar inglês a distância, fez dois pedidos: ser expulso do país para cumprir o resto de sua pena de seis anos de cadeia no Brasil ou pelo menos ser transferido de unidade prisional. "Tenho consciência da gravidade do meu delito, estou profundamente arrependido, mas tenho minha família no Brasil e meu filho mais novo tem suspeita de autismo e necessita fazer uma cirurgia", escreveu. Ambos os pedidos foram negados.

O caso da prisão de Manoel, ocorrida logo no início do governo de Jair Bolsonaro, gerou muito barulho. Os 37 quilos de cocaína, avaliados em 6,3 milhões de reais, decolaram de solo brasileiro nas mãos de um sargento em um voo oficial graças a uma falha de segurança nos procedimentos da base aérea, que permitiu o embarque da droga. Em meio à repercussão internacional do episódio, o jornal francês *Le Monde* chamou o avião da comitiva de Bolsonaro de "Aero-

GUARDA CIVIL DA ESPANHA/ DIVULGAÇÃO

CARGA A mercadoria apreendida no aeroporto europeu: 6,3 milhões de reais

coca" e se referiu à prisão em Sevilha de tripulante por tráfico de drogas como "Bolsonarcos". O então presidente reagiu dizendo que era "brincadeira" a tentativa de vinculá-lo ao crime. Até agora, a verdade é que não apareceu ninguém nas investigações ligado ao governo da época.

Além da punição na Espanha, a Justiça Militar brasileira condenou Manoel a catorze anos por tráfico. Ele responde ainda a outros processos relacionados a crimes como lavagem de dinheiro. Segundo a PF, o então sargento das Forças Armadas fez pelo menos mais cinco entregas de drogas em seis meses dentro do mesmo esquema, sendo quatro no Brasil e uma na Espanha (dois meses antes de ser preso, esteve em Madri). Devido a esses outros casos, no próximo mês o ex-militar sentará novamente no banco dos réus do Superior Tribunal Militar, de forma virtual, e pode receber outra pena, de até doze anos de cadeia.

ISAC NÓBREGA/PR

VEÍCULO Avião da FAB: outras cinco viagens foram feitas pelos traficantes

Apesar de alguns avanços na investigação, faltam ainda descobrir se o esquema de tráfico é maior do que aparenta ser e de quem a quadrilha comprava a cocaína. Manoel era apenas o transportador da droga (mula) e agiu juntamente com outras seis pessoas. Um dos nomes apontados como integrante da quadrilha é o do sargento da FAB Jorge Luiz da Cruz Silva. Salve Jorge, como ele é mais conhecido, seria o elo entre Manoel e os donos da cocaína. Salve Jorge é uma figurinha carimbada no cenário político-militar de Brasília. Candidato a deputado distrital na campanha passada pela cidade (não conseguiu ser eleito), ele foi preso (e solto) em 2022, no âmbito das investigações da PF no caso de associação ao tráfico. Segundo a PF, Salve Jorge atuava para dois supostos traficantes de Brasília, Marcos Daniel Penna Borges (conhecido como Chico Bomba) e Michelle Tocci. Todos estão denunciados na Justiça Militar e negam as acusações.

Outra envolvida no caso é a mulher de Manoel, Wilkelane Nonato Rodrigues, que chegou a ser presa e agora responde em liberdade ao crime. Manoel e Wilkelane, conhecida como Will, também são alvos de uma terceira ação, na Justiça Comum, por lavagem de dinheiro. No aparelho celular de Will, apreendido pela PF, os investigadores encontraram um vasto histórico de mensagens que mostraram, ao longo de seis meses, diversas discussões por falta de dinheiro. O ex-sargento era conhecido entre os colegas por viver fazendo empréstimos com eles.

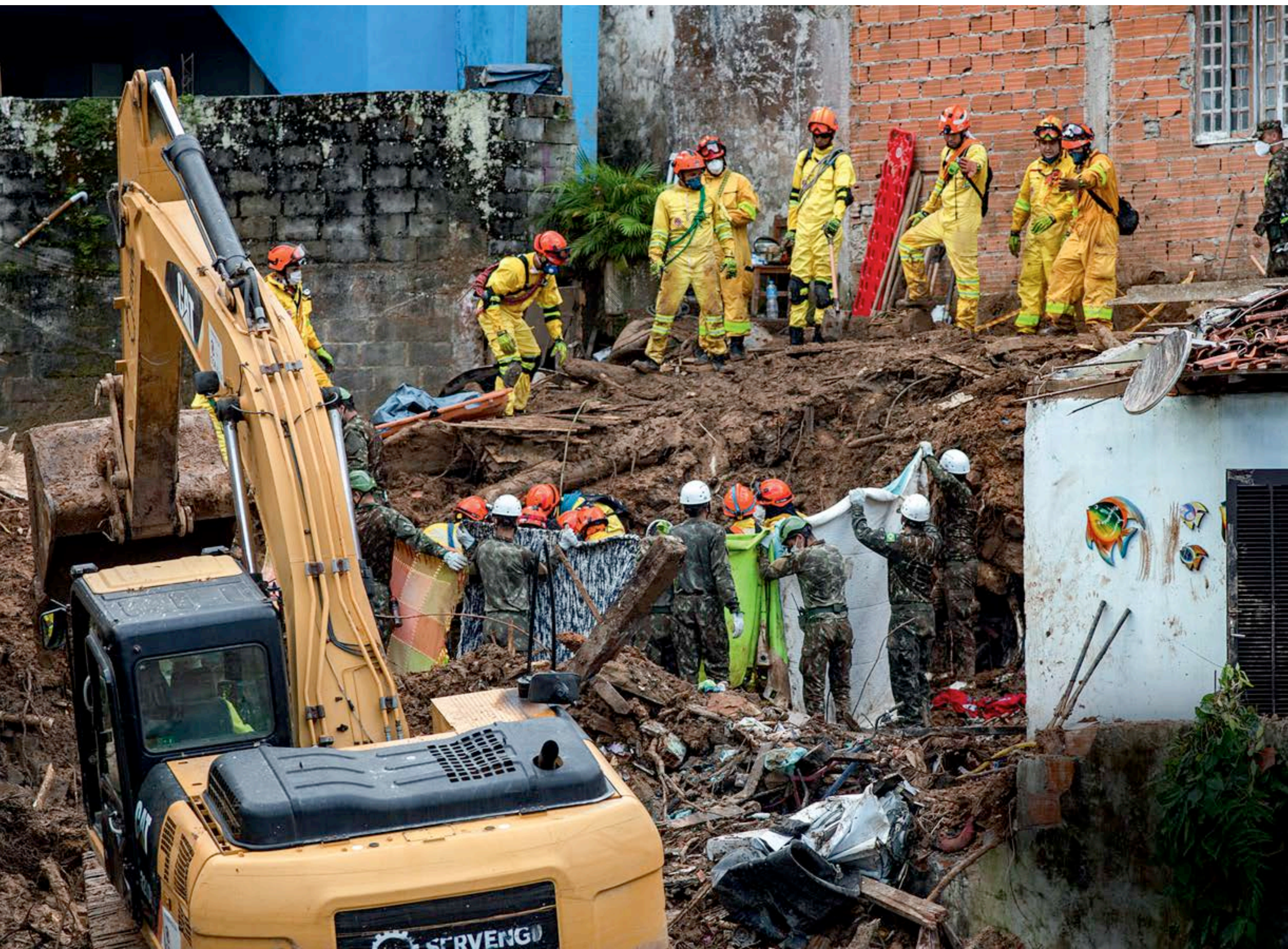
INSTAGRAM @SALVEJORGE.DF

DENUNCIADO O sargento Salve Jorge: suspeito de ser o elo entre os comparsas e os donos da droga

Passado um tempo, os problemas financeiros desaparecem nas mensagens e há várias conversas girando em torno de aquisições. Entre os bens comprados estão uma moto Honda 750X, paga com dinheiro vivo (32 900 reais), além de móveis e eletrônicos, no total de 26 000 reais. A mulher também mantinha em casa 40 000 reais em espécie. Para cada quilo de entorpecente carregado e entregue, Manoel recebia 1 000 dólares. Esse dinheiro acabou com a penúria do casal e elevou o padrão de vida da família — até a lucrativa operação de tráfico intercontinental ser abatida ao pousar em Sevilha. ■

O DESAFIO DA RECONSTRUÇÃO

Em meio ainda a novos estragos das chuvas no Litoral Norte paulista, tem início o complexo trabalho de erguer moradias, recuperar estradas e retomar o turismo

VICTORIA BECHARA

TRAGÉDIA São Sebastião: mais de 1000 moradores desabrigados pelas enchentes

ANDRE LUCAS/DPA/GETTY IMAGES

SEM TEMPO de se refazer da tragédia produzida pelas enchentes do Carnaval, que deixaram um saldo de 65 mortes, as cidades do Litoral Norte paulista voltaram a sofrer com as chuvas. Na terça 28, devido a um novo aguaceiro, o solo ficou ainda mais instável, 34 bombeiros e dois agentes da Defesa Civil ficaram ilhados e houve novos deslizamentos em São Sebastião, a cidade da região mais castigada pela precipitação recorde. Em meio a toda essa catástrofe, uma relação variada de autoridades marcou presença no local, mostrando uma elogiável atitude de unir esforços, a despeito das diferenças políticas, e fazendo uma enxurrada de promessas, com destaques para o presidente Lula e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, que praticamente mudou seu gabinete para lá a fim de acompanhar de perto os trabalhos de emergência. Entre verbas dos governos federal e estadual, foram liberados mais de 130 milhões de reais para começar a fazer frente ao desafio de reconstrução. Ele será gigantesco, devido a estradas destruídas e um contingente de mais de 1 000 desabrigados.

Não por acaso, a prioridade do momento envolve a oferta de novas moradias para a população no espaço de tempo mais curto possível. Tarcísio de Freitas deu o primeiro passo, ao assinar um decreto que desapropriou um terreno de 10 600 metros quadrados para construir novas casas na região. A promessa é a de que outros lotes serão destinados em breve para a mesma finalidade. O governo paulista fala em entregar as primeiras casas no prazo de

VINICIUS FREITAS/GOVERNO DO ESTADO DE SP

AÇÃO Tarcísio: cessão de área para moradias populares

seis meses, sendo que elas serão custeadas inicialmente pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU). "Sem dúvida nenhuma é um desafio, mas é a nossa meta, e é para isso que mobilizamos nossas equipes", afirma o secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação de São Paulo, Marcelo Branco. Em visita à região, Lula prometeu priorizar a população local na fila do Minha Casa, Minha Vida. O vice-presidente, Geraldo Alckmin (governador paulista em quatro diferentes ocasiões), sobrevoou de helicóptero a área atingida, reforçando a mesma prioridade habitacional.

Não será fácil construir com rapidez por lá. Há uma oferta limitada de terrenos e entraves ambientais impos-

VINICIUS FREITAS/GOVERNO DO ESTADO DE SP

PARCERIA O governador com Alckmin: esforço conjunto

tos a obras em meio à Mata Atlântica. Nas últimas décadas, a explosão de condomínios de luxo ocupou as áreas mais próximas às praias, empurrando a população de baixa renda para a direção contrária, nos morros e nas suas encostas. "As autoridades fizeram vistas grossas para a especulação imobiliária", lamenta o jornalista João Lara Mesquita, responsável pelo site Mar sem Fim, referência na cobertura dos problemas do litoral. "Os prefeitos locais são cooptados e, de tempos em tempos, tentam mudar os planos diretores, propondo ocupações em encostas de morros", completa.

Os primeiros atos de cessão de áreas para a construção de casas populares podem aliviar o problema, mas dificil-

mente darão conta da demanda. Fora os desabrigados pelas chuvas, o Instituto Verdescola, uma das ONGs mais sérias e atuantes da área, estima que haja um contingente de 22 000 pessoas morando em áreas de risco somente em São Sebastião (o Litoral Norte é composto ainda das cidades de Caraguatatuba, Ubatuba, Ilhabela e Bertioga, que também registraram muitos prejuízos, mas em uma escala menor). “Alertamos os governos que esse problema existe desde os anos 80, quando houve a explosão demográfica”, afirma Fernanda Carbonelli, assessora jurídica do Instituto Verdescola.

O esforço de reconstrução envolve também a recuperação dos estragos nas estradas. Para isso, a previsão do governo paulista de investimento nas obras emergenciais é de 9,4 milhões de reais, com conclusão em até seis meses e liberação do trânsito em dois meses. A indústria local de turismo aguarda ansiosamente a retomada. Pousadas e hotéis ficaram destruídos e há avisos para os visitantes evitarem essas cidades. A Secretaria Estadual de Turismo de São Paulo se comprometeu a promover os destinos assim que não houver risco para os visitantes. Também foi oferecida uma linha de crédito de 483 milhões de reais para a recuperação da região, incluindo 100 milhões para micro e pequenos empresários do setor de turismo. Sem dúvida, é um alento, mas o devastado Litoral Norte precisa de muito mais. ■

RESTAM OS ESCOMBROS

Com o afastamento de Marcelo Bretas, o que sobrou da Lava-Jato fica sob a jurisdição de um juiz que já assume tendo de dar explicações **LARYSSA BORGES**

EPÍLOGO Eduardo Appio, o "LUL22": o responsável pelos processos que ainda existem é um crítico da operação

JUSTIÇA FEDERAL

A LAVA-JATO será um capítulo importante da história da política e da Justiça brasileira — mas só o tempo dirá como ela será definitivamente descrita. Em 2014, quando a operação começou, o país testemunhou uma série de episódios que aparentemente conduziriam à maior vitória de todos os tempos contra a histórica impunidade de políticos corruptos e empresários desonestos. Deputados, senadores, governadores e dois ex-presidentes da República foram presos. Revelou-se que os maiores e mais importantes partidos políticos do país funcionavam como verdadeiras organizações criminosas. O Estado e os cofres públicos haviam sido capturados para sustentar projetos de poder e riqueza pessoal. Anos depois, veio a reviravolta. Para desmantelar toda essa estrutura e punir os envolvidos, os responsáveis pela condução das investigações lançaram mão de métodos heterodoxos, alguns flagrantemente ilegais. Resultado: processos foram anulados e notórios culpados acabaram se safando, primeiro em Curitiba, onde tudo teve início, e agora no Rio de Janeiro.

Na terça-feira 28, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) afastou o juiz Marcelo Bretas de suas funções. Responsável nos últimos sete anos pelo braço fluminense da operação, o magistrado é acusado de cometer irregularidades na condução de processos e de atuar em parceria com investigadores e um advogado para pressionar réus a confessar crimes em troca de benefícios judiciais. Tudo isso ainda precisará ser devidamente comprovado no processo administrativo que foi instaurado para apurar as supostas transgressões, mas o fato é que a deci-

GIVALDO BARBOSA/AG.O GLOBO

REVIRAVOLTA Bretas: condenados agora vão pedir anulação de sentenças

são do órgão, embora preliminar, por si só pode gerar desdobramentos nos mais de 100 processos conduzidos pelo juiz. Já é certo que os condenados vão usar o caso para pedir a anulação de suas sentenças, e têm chances concretas de sucesso. O ex-governador Sérgio Cabral, por exemplo, já deu os primeiros passos para pegar carona no infortúnio de Bretas.

Em uma carta em poder dos conselheiros do CNJ, Cabral relata ter sido pressionado por um emissário do juiz a abrir mão de todo o patrimônio que tinha em troca de uma suposta proteção à sua esposa. O episódio já integrava o conjunto de anexos da delação premiada do advogado Nythalmar Dias Ferreira Filho, revelado em 2021 por VEJA, mas agora é relatado também pelo próprio Cabral. Sentenciado a mais de 400 anos de prisão, o ex-governador já confessou os crimes que co-

AÍLTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

MUDANÇAS Sergio Moro e Dallagnol: apenas dividendos políticos como saldo

meteu e se disse "viciado em dinheiro". Apesar disso, se tudo sair como se prevê, daqui a algum tempo ele poderá afirmar que foi inocentado pela Justiça, que foi vítima de perseguição dos adversários e, quem sabe, até se apresentar para disputar um terceiro mandato — ao governo do Rio de Janeiro, obviamente. Entre corruptos e corruptores, são mais de 180 condenados por Bretas que também poderão escapar de punições, naquele que deve ser o penúltimo capítulo da Lava-Jato.

O fim da operação só não pode ser decretado porque ainda existem 240 processos em andamento na Justiça do Paraná. Os casos, porém, estão praticamente parados e não há nada que sugira que uma nova reviravolta possa acontecer. Recentemente, o juiz Eduardo Appio, que assumiu o comando da 13ª Vara Federal de Curitiba, a cadeira que antes foi ocupada

pelo hoje senador Sergio Moro, criticou os métodos da Lava-Jato. Foi rebatido pelo hoje deputado Deltan Dallagnol, ex-coordenador da força-tarefa da operação, que o acusou de alinhamento ideológico com a "esquerda". Segundo o jornal *O Globo,* o novo titular dos processos remanescentes em Curitiba utilizava a sigla "LUL22" — supostamente como referência ao seu apoio à campanha de Lula no ano passado — como senha no sistema eletrônico de acesso aos processos na Justiça. Além disso, o nome dele aparece como doador de simbólicos 13 reais para a campanha do petista. O juiz suspeita que seu CPF foi utilizado de maneira ilegal.

Por causa desse último episódio, Dallagnol apresentou uma notícia-crime à Polícia Federal para que seja apurado se a doação é verdadeira e se há evidências de ilícito eleitoral e uso do nome do juiz para ocultar doações clandestinas à campanha de Lula. O deputado também saiu em defesa de Marcelo Bretas, afirmando que o magistrado punido pelo CNJ "não tem sítio, não tem tríplex, não tem joias luxuosas, não tem contas no exterior, não tem dinheiro escondido na cueca, não tem diamantes, não tem barras de ouro" — numa provocação aos investigados que estão se safando. Detalhe: sítio ele tinha. Era em Itaipava e foi vendido recentemente por alguns milhões de reais. O fato é que essa disputa de narrativas ainda vai durar muito tempo. No futuro, os estudiosos poderão definir com mais precisão a importância da Lava-Jato na história do país. Nesse primeiro rascunho, a única conclusão possível é que não existem santos nas cenas política e jurídica brasileiras. ■

A VITÓRIA DO BOM SENSO

O ministro da Fazenda crava sua primeira conquista diante da ala política do governo em torno dos impostos sobre combustíveis, mas tem uma longa guerra pela frente

VICTOR IRAJÁ, LUANA ZANOBIA E LARISSA QUINTINO

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

RESILIÊNCIA Fernado Haddad: reversão de derrota sofrida no fim do ano passado

CAPA: FOTO DE CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

Desde os primórdios da campanha eleitoral, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sempre deixou explícito que, em seu governo, quem mandaria na economia seria ele. Em uma gestão petista não existiria espaço para figuras como Paulo Guedes, o chamado Posto Ipiranga de Jair Bolsonaro, que pontificou como o czar da estratégia liberal (não 100% implantada, infelizmente) no agigantado Ministério da Economia entre 2019 e 2022. Com a escolha de Fernando Haddad para o reinstituído Ministério da Fazenda, empresários, financistas e investidores se perguntavam se o noviço na área seria capaz de garantir equilíbrio em um campo tão complexo, sensível a todo tipo de interferências políticas. Na semana passada, uma resposta positiva começou a se desenhar no horizonte com a primeira vitória expressiva de Haddad no cargo. Sua posição de que o governo deveria, depois de oito meses de isenção, voltar a cobrar os impostos federais sobre a gasolina e o etanol, acabou sacramentada por Lula, mesmo sofrendo forte bombardeio da ala política do PT.

O tema em questão, repleto de especificidades técnicas, é delicado. Bolsonaro promoveu o corte dos impostos sobre combustíveis em meio à farra eleitoreira em que abriu os cofres públicos para alavancar sua popularidade na campanha — malsucedida — pelo segundo mandato. A justificativa era o impacto da disparada dos preços internacionais do petróleo na inflação no Brasil. Entretanto,

DE OLHO NO COFRE

O impacto da reoneração dos combustíveis

28,88 BILHÕES

DE REAIS É O IMPACTO CALCULADO DA REONERAÇÃO DOS COMBUSTÍVEIS

76,8%
da cobrança de PIS/Cofins de gasolina e etanol

23,2%
de alíquota sobre exportação de petróleo cru

A REONERAÇÃO REPRESENTA

11,3%

DO PACOTE FISCAL DE HADDAD PARA REDUZIR O ROMBO NAS CONTAS PÚBLICAS NESTE ANO

(TOTAL DE 247 BILHÕES DE REAIS)

Fonte: *Ministério da Fazenda*

quando a medida entrou em vigor, as cotações do petróleo já tinham se estabilizado e o efeito, apesar da queda nos preços dos combustíveis, foi pequeno no resto da economia. Ao perder a eleição, Bolsonaro deixou uma bomba armada para Lula já no início de governo, uma vez que a isenção era válida apenas até o fim de 2022. O petista se viu dividido entre trazer os impostos de volta (e com isso correr o risco de comprometer sua popularidade na largada de seu mandato) e manter a isenção e absorver as perdas de recursos decorrentes. Haddad se posicionou de forma firme pela volta dos impostos. Lula preferiu dar ouvidos aos seus conselheiros políticos que eram contra a volta dos tributos e prorrogou a desoneração por dois meses. Com isso, a batalha em torno da questão acabou adiada para fevereiro.

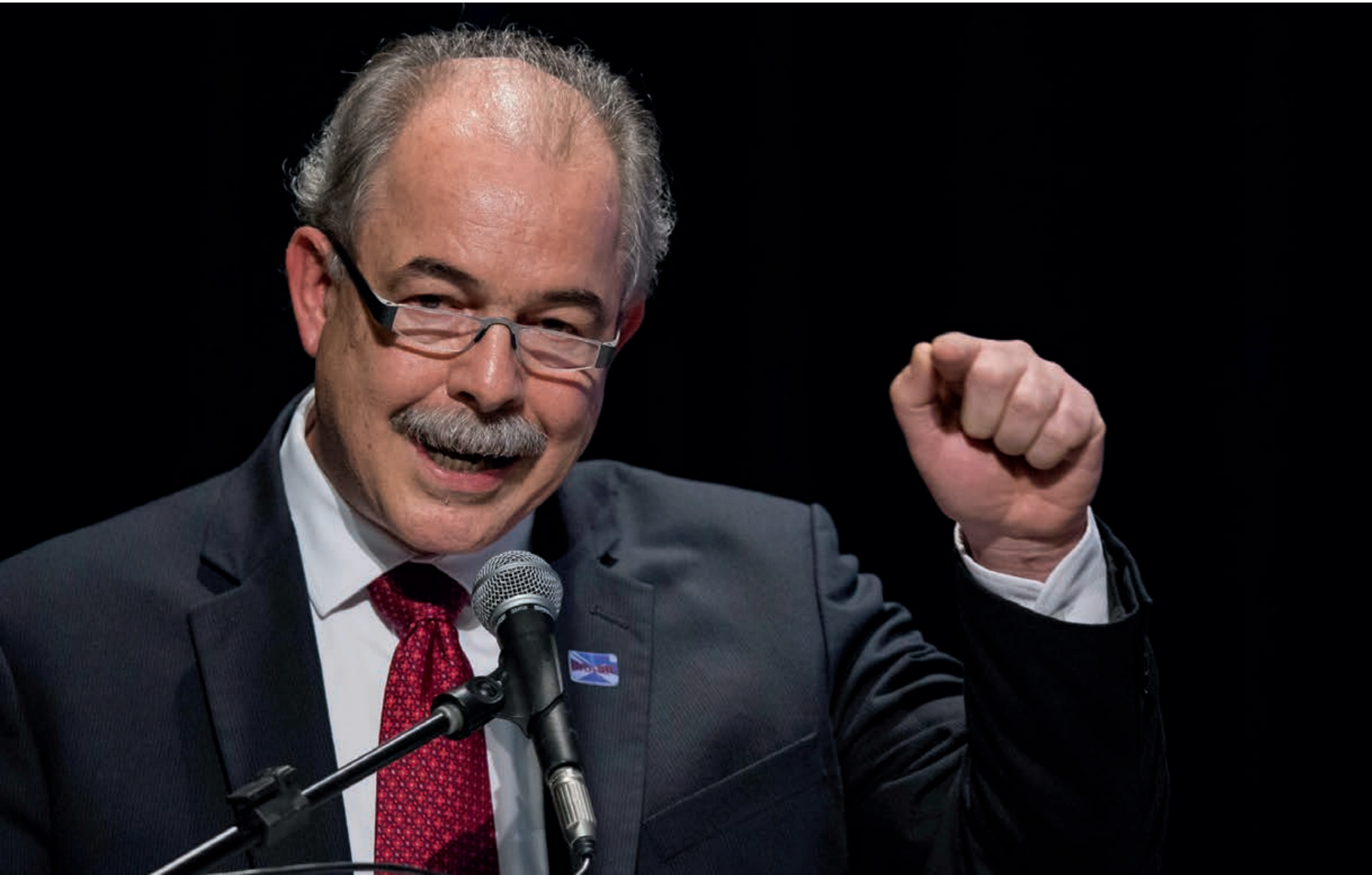
Por dois meses, o tema dos preços dos combustíveis se fez presente em declarações públicas de ministros — muitos deles sem nenhuma relação com economia — e de políticos petistas influentes no partido. Às vésperas do vencimento do prazo para a decisão, o assunto tornou-se alvo de uma série de conversas, que se iniciaram no sábado 25, com um telefonema entre Haddad e Lula, e reuniões, na segunda-feira 27 e na terça-feira 28, envolvendo os ministros da Casa Civil, Rui Costa, de Minas e Energia, Alexandre Silveira, e o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates. Na sexta-feira 24, a deputada federal e presidente do PT, Gleisi Hoffmann, havia disparado um ver-

EVARISTO SÁ/AFP

REVÉS Gleisi Hoffmann, com Lula: proximidade com o chefe do Poder Executivo não foi suficiente para a presidente do PT

dadeiro morteiro na forma de um tuíte: "Não somos contra taxar combustíveis, mas fazer isso agora é penalizar o consumidor, gerar mais inflação e descumprir promessa de campanha".

Surpreso com a declaração, Haddad procurou Lula para saber se já havia uma definição que ainda não lhe havia sido informada. Ouviu como resposta que se tranquilizasse, pois Gleisi não falava pelo governo. Na segunda-feira, Lula fechou questão em torno do posicionamento de Haddad. Antes de isso acontecer, o ministro da Fa-

EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS

AMEAÇA VELADA Aloizio Mercadante, presidente do BNDES: time de peso quer fazer sombra ao Ministério da Fazenda

zenda procurava passar a imagem da serenidade a alguns interlocutores preocupados com a mensagem da presidente do PT. Nessas conversas, pontuava que o presidente tende, no momento de tomar as decisões importantes, a se pautar por opiniões mais equilibradas e que apontam para o bom senso, a despeito da retórica inflamada das últimas semanas. “Se para Lula, a Gleisi é uma pessoa muito querida, o Haddad assume o papel do homem da razão”, diz um empresário que conversou com o ministro em meio ao episódio.

A autoridade de um ministro da Fazenda é fundamental para a credibilidade de qualquer política econômica. Depois de Haddad defender a reoneração dos combustíveis, no fim de dezembro, e ver seu posicionamento derrotado, instalou-se o receio de que membros da ala política do governo gozariam de maior influência de que o próprio titular do Ministério da Fazenda. Desacostumados às idiossincrasias estratégicas de Lula e da dinâmica de decisões dentro do petismo, muitos analistas políticos e do mercado financeiro passaram a prever que Haddad acabaria se tornando um ministro da Fazenda fraco, refém dos jogos políticos do partido e de fogo amigo constante. A impressão aumentou quando Lula passou a atacar a política de juros, a autonomia do Banco Central e seu presidente, Roberto Campos Neto, mesmo enquanto o ministro tentava colocar panos quentes na questão. Por isso, a conquista de Haddad é um marco relevante.

O ex-prefeito de São Paulo galgou postos na administração pública e ascendeu na política pelas mãos de Lula, que costuma chamá-lo de o melhor ministro da Educação da história do país. À frente do Ministério da Fazenda no terceiro mandato do petista ganhou uma vitrine estratégica para alavancar seu protagonismo no partido e entre o eleitorado. Em contrapartida, Haddad deixa claro que cumpre as ordens do chefe, fiel ao mantra lulista de que quem dita os rumos da política econômica é o presidente da República. Mas isso não o livra dos sopapos dentro do

ANDRE COELHO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

DISPUTA Refinaria no Rio: o preço da gasolina entrou no centro do embate político

PT, dos quais os mais ostensivos têm vindo de Gleisi. Em 2018, quando estava preso e tornou-se inelegível, Lula chegou a considerar tanto o nome da deputada federal como o de Haddad como possíveis candidatos à disputa com Bolsonaro. Na ocasião, prevaleceu a opção por seu ex-ministro.

Desde então, ele é visto como sucessor natural de Lula caso o mandatário não concorra mais ao Palácio do Planalto. O problema é que nem todos os petistas concordam. Empoderada na formação do ministério, Gleisi acalenta sonhos mais ambiciosos e trava um duelo permanente

TON MOLINA/FOTOARENA

PROTAGONISMO Prates, da Petrobras: reuniões estratégicas com o governo

com Haddad — por poder na máquina pública, influência na esquerda e ascendência sobre Lula. A prorrogação da isenção dos combustíveis no início de janeiro foi interpretada como uma vitória dela sobre o ministro. Já a volta dos tributos representa mais do que um empate.

Lula escolheu a solução defendida por Haddad mesmo depois de Gleisi e uma penca de petistas atacarem publicamente a sua posição. Ele prestigiou o ministro num momento de fritura e, de quebra, reforçou uma percepção importante do ponto de vista eleitoral: enquanto Gleisi fala para o petismo e aposta num receituário populista, Haddad prefere a res-

ponsabilidade na gestão econômica e um diálogo mais amplo. Até aqui, aliás, ele tem sido a voz da razão dentro de um governo ainda confuso e muito voltado para o passado. "Haddad se tornou muito respeitado entre os maiores banqueiros do país. Não era quem eles queriam, mas agora consideram que está fazendo um bom trabalho e ganhou o coração da Faria Lima", diz um executivo próximo ao setor financeiro.

Ninguém deveria ser a favor da volta de impostos *(leia a Carta ao Leitor, na pág. 6),* mas uma eventual derrota de Haddad nessa disputa representaria um desastre de grandes proporções. Além de pulverizar sua credibilidade junto ao mercado, a outra opção levaria ao sepultamento do pacote já anunciado para o ajuste das contas públicas — um marco relevante para atestar a seriedade da atual administração. Os 28,8 bilhões de reais previstos com a reintrodução do tributo sobre combustíveis e a cobrança da recém-criada taxa sobre exportação de petróleo cru significam 11,3% das medidas anunciadas para buscar arrecadar até 247 bilhões de reais a mais neste ano. "Estamos com o compromisso de recuperar as receitas que foram perdidas ao longo do processo eleitoral por razões demagógicas", declarou Haddad, na última segunda-feira. "A meta estabelecida pelo Ministério da Fazenda em janeiro é de déficit inferior a 1% do PIB."

Ainda que expressiva e um importante sinal de bom senso do atual governo, a vitória do dia 27, evidentemente, não foi absoluta. Concessões tiveram de ser feitas, e as-

sim é a vida, no governo ou fora dele. Para recompor o caixa, o ministro queria a volta integral dos impostos, como eram antes da interferência de Bolsonaro, mas Lula optou por uma reoneração parcial. Pela decisão, o governo volta a cobrar, desde o primeiro dia de março, 0,47 real de PIS/Cofins e Cide por litro da gasolina nas refinarias e 0,02 real do etanol. Antes de junho de 2022, a incidência era de 0,69 real para a gasolina e 0,24 real para o etanol. A diferença equivale a 6,6 bilhões de reais para os cofres. Esse montante deve ser compensado com a taxação de exportações de petróleo, valendo por quatro meses. “Nas

SOBE E DESCE NA BOMBA

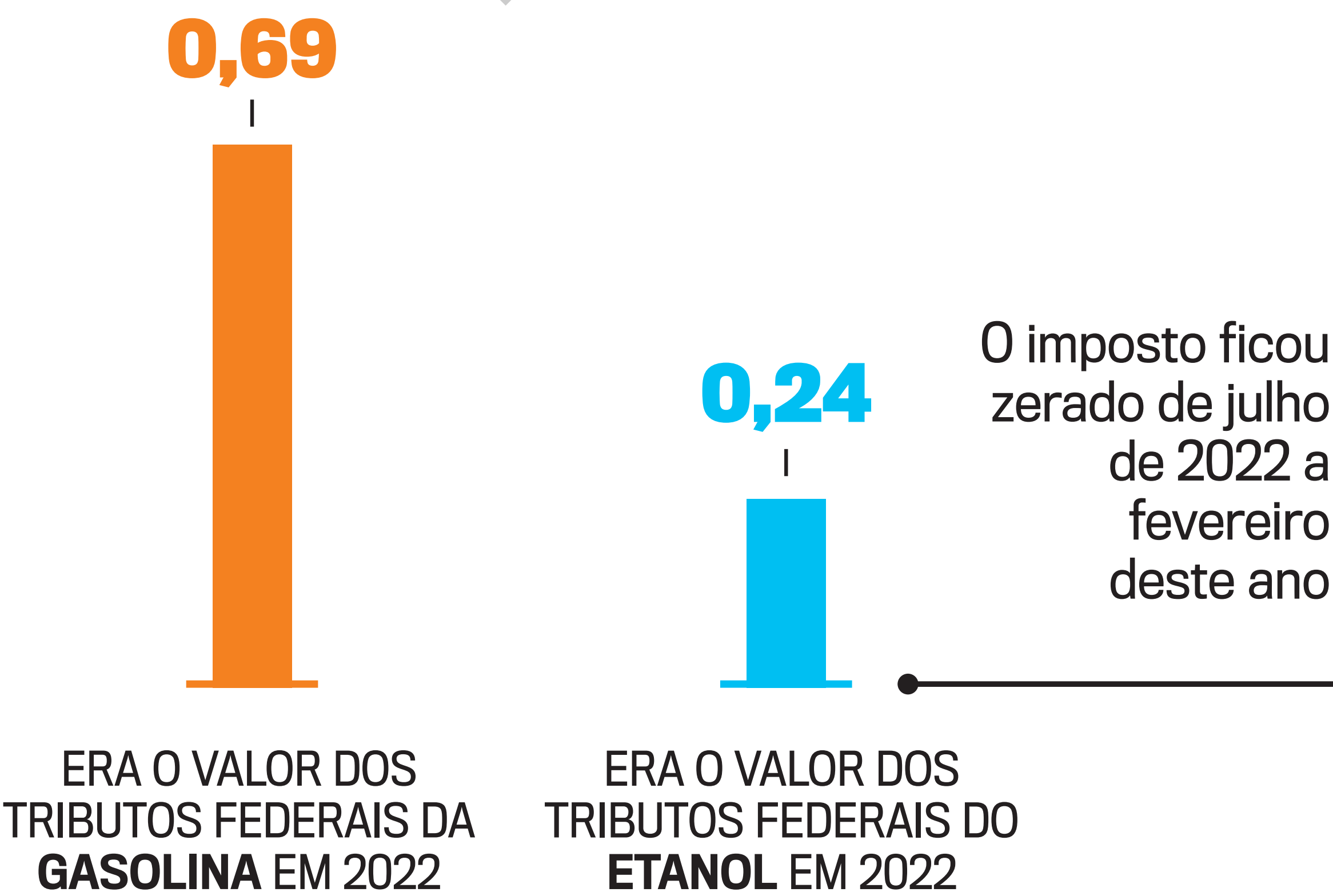
O impacto do combustível com a volta da alíquota (em reais)

0,69

0,24

O imposto ficou zerado de julho de 2022 a fevereiro deste ano

ERA O VALOR DOS TRIBUTOS FEDERAIS DA **GASOLINA** EM 2022

ERA O VALOR DOS TRIBUTOS FEDERAIS DO **ETANOL** EM 2022

Fonte: *Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e Ministério da Fazenda*

gestões do PT, diferentemente das demais, o partido tem forte influência sobre o governo", analisa Tony Volpon, ex-diretor do Banco Central, cotado para ocupar em breve o posto de diretor de política monetária da instituição. "Pode-se dizer que nessa disputa Haddad acabou ganhando 80% do argumento, não 100%, e ainda há o questionamento do mercado se o imposto de exportação vai ser aprovado no Congresso."

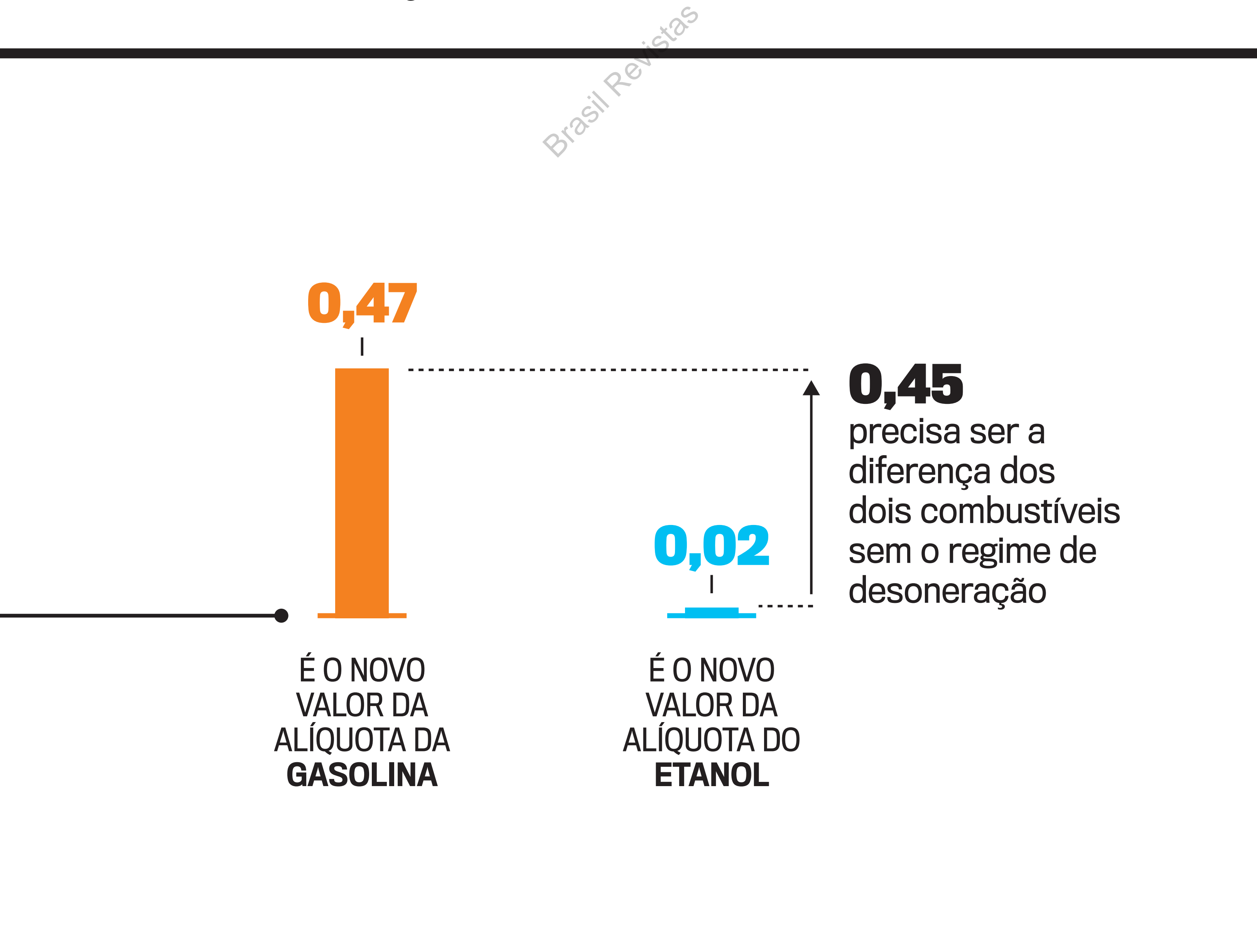
Como se sabe, esse imenso jogo está apenas no começo. Não faltarão dificuldades, novos confrontos e adversários pelo caminho. Além dos embates com Gleisi, uma constante ameaça (e mais velada) vem de Aloizio Merca-

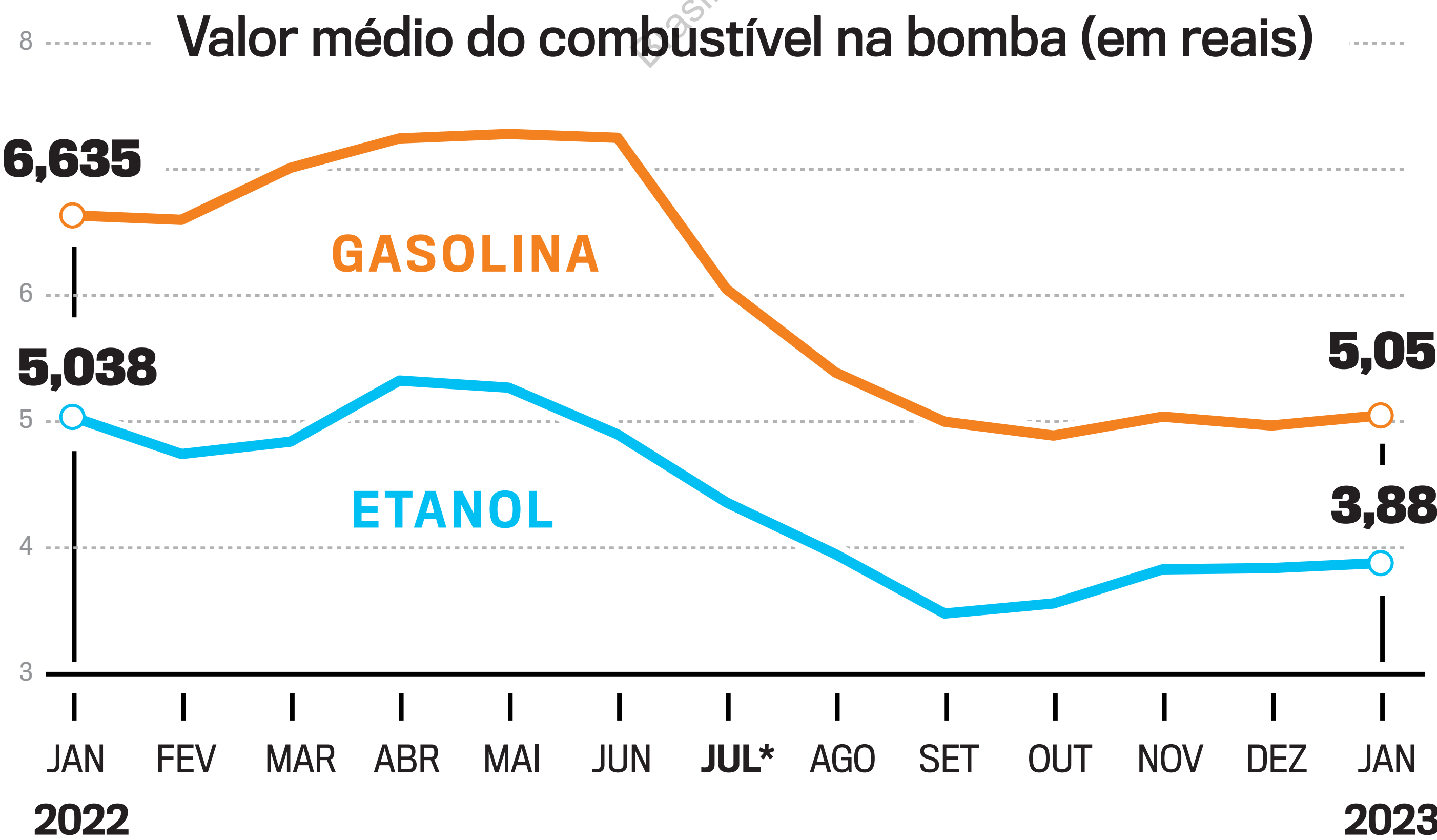
0,47

É O NOVO VALOR DA ALÍQUOTA DA **GASOLINA**

0,02

É O NOVO VALOR DA ALÍQUOTA DO **ETANOL**

0,45 precisa ser a diferença dos dois combustíveis sem o regime de desoneração

dante, que montou, como presidente do BNDES, um time de peso ministerial, com nomes estelares como os do ex-ministro da Fazenda Nelson Barbosa e do economista André Lara Resende. Mercadante, que ambiciona o posto do colega, declarou recentemente que o banco pretende contribuir com propostas para o plano de equilíbrio das contas públicas, uma interferência explícita — e desnecessária — nas atribuições do titular da Fazenda. Haddad, porém, mostrou que está vivo na disputa, que consegue convencer o chefe e que, pelo menos até o momento, defende o caminho correto na solução dos problemas econômicos. Que essa vitória, portanto, seja a primeira de muitas. ■

Valor médio do combustível na bomba (em reais)

*Início da desoneração sobre os combustíveis

UM PASSO ATRÁS

O governo de Joe Biden aperta o cerco contra os imigrantes ilegais com novas medidas que tornam a passagem pela fronteira ainda mais difícil do que na era Trump

AMANDA PÉCHY

NO PASARÁN Biden na fronteira com o México: endurecimento

ANDREW HARNIK/AP/IMAGEPLUS

O fluxo migratório na fronteira dos Estados Unidos com o México, que sempre foi intenso, atingiu proporções épicas nos últimos dois anos — e tornou-se uma dor de cabeça de igual proporção para o presidente Joe Biden. Sucessor de Donald Trump, o promotor-mor da ideia de que se erguesse um muro para conter os indesejáveis, Biden adotou um discurso muito mais simpático à entrada de estrangeiros ao longo da campanha. Mal acabou de ser eleito e multidões de esperançosos se aglomeraram na divisa. Em 2021, 1,72 milhão de pessoas foram apreendidas entrando ilegalmente no país, um recorde batido com folga no ano passado, quando o número subiu 60%, para 2,76 milhões. Sem solução à vista para o problema, a Casa Branca deixou definitivamente de lado a retórica boazinha e apertou a corda: acaba de anunciar uma agressiva abordagem para a fiscalização da fronteira que permite a expulsão imediata de quem quer que entre irregularmente no país, contrariando inclusive precedentes e dispositivos legais.

Dois tipos de indocumentados cruzam diariamente, aos milhares, o Rio Grande e outros pontos de passagem, em busca do Eldorado americano: os que se dispõem a passar anos na ilegalidade, fugindo da polícia, até conseguir de alguma forma o sonhado *green card* — caso da maioria dos brasileiros —, e as multidões que fogem da violência de gangues e de governos repressivos e pedem asilo assim que pisam nos Estados Unidos. Antes de Trump, os refugiados po-

RECORDE HISTÓRICO

2,7 milhões

é o número de imigrantes que tentaram cruzar ilegalmente a fronteira do México com os Estados Unidos em 2022 — 60% mais do que no ano anterior

diam permanecer no país, trabalhar e tocar a vida enquanto aguardavam o andamento do processo. Com a pandemia, a Casa Branca trumpista, alegando considerações sanitárias, implantou a medida conhecida como Título 42, que autorizou os agentes de fronteira a devolver os solicitantes de asilo ao México ou seus países de origem enquanto o pedido é (muito lentamente) analisado. Parte deles virou massa de manobra para governadores republicanos, que os embarcam em ônibus para cidades democratas como Boston e Nova York, onde o afluxo de estrangeiros criou uma crise social.

Biden usou e abusou do Título 42, estendendo o decreto o quanto pôde, mas ele vai finalmente expirar no dia 11 de maio — daí o aperto nas regras. O decreto determina que quem entrar nos Estados Unidos ilegalmente será considera-

LEONARDO MUNOZ/VIEWPRESS/GETTY IMAGES

CRISE SOCIAL Imigrantes em Nova York: massa de manobra política

do inapto para pedido de asilo e aplica duas exigências de difícil cumprimento aos candidatos: solicitar refúgio (e aguardar resposta negativa) em algum outro país pelo qual tenham passado a caminho da fronteira americana e agendar entrevista com os agentes da fronteira por um aplicativo de celular. Em janeiro, Biden começou a testar alguns componentes da nova regulamentação e o número mensal de tentativas de cruzar a fronteira sul caiu 42%. A proposta está aberta a comentários públicos por trinta dias antes de entrar em vigor. Pode ainda ser — e provavelmente será — contestada nos tribunais.

Para escapar da fome e da repressão, a venezuelana Edibel Martínez, 36 anos, arriscou tudo com o marido e os dois

filhos durante uma viagem de dois meses, guiada por um coiote, até a almejada fronteira com o México. “Passamos cinco dias caminhando na floresta e trinta pessoas morreram no trajeto”, contou a VEJA. Ela chegou a El Paso, no Texas, em agosto, pediu asilo e pôde trabalhar e aguardar em território americano o julgamento de seu caso. Se as novas medidas propostas já estivessem em vigor, seu caso mudaria de figura — mesmo tendo vindo de um dos países privilegiados na concessão de asilo. Biden criou um sistema “humanitário” que permite a entrada de 30 000 pessoas por mês vindas de Cuba, Haiti, Nicarágua e Venezuela — desde que obtenham aprovação prévia, tenham suporte financeiro, possuam passaporte e paguem por um voo. Resultado: em vez de facilitar, as exigências impedem a entrada da maioria.

A virada do governo americano após dois anos de inação tem um objetivo: as eleições presidenciais do ano que vem. Pesquisa da NBC sobre intenção de voto mostra que os republicanos superam os democratas em mais de 30 pontos no quesito segurança de fronteiras. “Com a medida, Biden, de olho na reeleição, quer ganhar apoio junto aos brancos da classe trabalhadora e latinos contrários à entrada de ilegais”, diz Nancy Foner, professora de sociologia da City University, de Nova York. Imigração, como tudo nos Estados Unidos, é hoje uma questão política, embora a população em declínio e uma escassez estrutural de mão de obra redobrem sua importância. Fechar as portas só adia — e atrapalha — a solução do drama. ■

MOSTRANDO AS GARRAS

O folclórico presidente AMLO faz mais uma das suas e enfraquece o instituto que fiscaliza o processo eleitoral, medida autoritária que desencadeou anifestações

CAIO SAAD

PROTESTO ROSA Manifestação no Zócalo: em defesa do órgão regulador das eleições

FERNANDO LLANO/AP/IMAGEPLUS

É DIFÍCIL decifrar o enigma AMLO — iniciais de Andrés Manuel López Obrador, 69 anos, ícone da esquerda eleito presidente do México em 2018, após duas tentativas frustradas. Entrando na reta final de seu mandato (a eleição é no ano que vem e, por lei, ele não pode disputar), López Obrador ostenta inabaláveis 60% de aprovação, apesar das posições polêmicas, dos ataques às instituições e de atitudes francamente autoritárias. A mais recente foi encaminhar ao Congresso um projeto de lei que reduz o orçamento e enfraquece o Instituto Nacional Eleitoral (INE), uma espécie de TSE mexicano. Aprovada por 72 a 50, a medida foi alvo de protestos em todo o país, que culminaram com manifestações maciças em uma centena de cidades. Na capital, a mobilização, sob o lema "Não toque no INE", reuniu entre 500 000 pessoas (segundo os organizadores) e 100 000 (segundo a prefeitura) pessoas vestidas de rosa, a cor do instituto, no Zócalo, a praça histórica onde se situa o Palácio Nacional.

O INE teve papel fundamental no encerramento das duas décadas em que um único partido, o PRI (Partido Revolucionário Institucional), dominou a política mexicana e o corte de orçamento e pessoal promovido agora por AMLO foi visto como uma tentativa de garantir a vitória de sua própria legenda, Morena (Movimento Regeneração Nacional) na eleição de 2024. López Obrador, que atribuiu suas derrotas anteriores a fraudes às quais o INE teria feito vista grossa, argumenta que o instituto se tor-

SÁSHENKA GUTIÉRREZ/EFE

TOM POPULISTA O presidente: contra os "velhos privilégios"

nou inflado, obsoleto e sujeito a manipulação. O propósito das manifestações, afirmou, era "defender velhos privilégios". O projeto, inclusive, é considerado um plano B, sendo o A uma proposta, não levada adiante, de dar ao governo controle total das eleições. Adversários da nova lei questionam sua constitucionalidade junto à Suprema Corte e torcem para que ela seja revogada. "A reforma vai destruir a instituição que assegura aos cidadãos um padrão eleitoral confiável, apuração transparente e garantia de que os eleitos assumirão seus cargos", diz Francisco Valdés, do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade Nacional Autônoma.

Entre outras medidas discutíveis, AMLO ampliou o papel do Exército em funções civis, como distribuição de medicamentos e obras de infraestrutura, e tenta controlar a internet. Faz da imprensa um alvo preferencial nas *mañaneras,* entrevistas às 7h da manhã a veículos pouco críticos. Nessas conversas, que podem durar horas, também denuncia as "elites neoliberais", critica quem o critica e destila *fake news* — segundo a ONG Artigo 19, 40% do que pronunciou no ano passado era parcial ou totalmente falso. Fiel praticante de gestos midiáticos — com quem Lula conversou por telefone e aceitou convite para uma visita —, cortou o próprio salário e viaja em classe econômica. Recentemente, repostou no Twitter o que seria a foto de um alux, entidade espiritual maia. "Tudo é místico", cravou na legenda. Teve 10 milhões de visualizações. ■

VILMA GRYZINSKI

ERA UMA VEZ UMA *MENINE* BRAVA

"Equipes de sensibilidade" vasculham livros procurando o que mudar

MADRASTAS ASSASSINAS, bruxas canibalescas e monstros que representam o medo diante do despertar sexual juvenil – leia-se Fera e Bela – fazem há décadas a alegria dos psicanalistas que vasculham os contos de fadas em busca de códigos mal disfarçados das pulsões que vicejam sob a aparência de histórias infantis. Outro grupo profissional hoje lê livros com um olhar diferente: são as "equipes de sensibilidade", especialistas em buscar termos e temas ofensivos para os leitores contemporâneos, criaturas aparentemente frágeis que são capazes de entrar em parafuso diante de um personagem guloso que é chamado de gordo ou pequenos seres que preparam o produto exaltado na famosa Fábrica de Chocolate, mas não podem mais ser tratados como baixinhos.

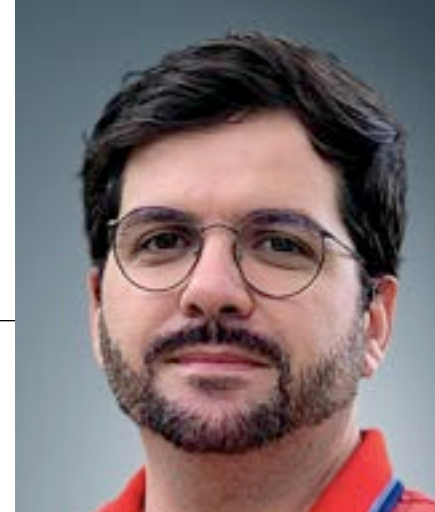
Os exemplos fazem parte do universo criado por Roald Dahl, um escritor infantil adorado na Inglaterra e hoje colocado no canto do castigo pelos peritos em sensibilidade. As mudanças nos livros de Dahl provocaram

tanto repúdio que até o cauteloso primeiro-ministro Rishi Sunak e a rainha consorte Camilla, ambos instruídos na arte de não ofender ninguém, se manifestaram contra. Dahl, filho de noruegueses que foi piloto na II Guerra, escreveu, em versos, uma divertida versão de *Chapeuzinho Vermelho.* Depois de todas as etapas que levam ao confronto final com o lupino vilão, vem a seguinte parte: “A menininha sorri, com um olho dá uma piscadinha / E logo saca uma pistola da calcinha / Bem na cabeça da criatura, ela mirou / Bangue, bangue, bangue, morto ele ficou”. No final, a brava menina, ou *menine,* sabe-se lá, se livra da roupa bobinha com capuz e desfila com um casaco de pele de lobo. Mais interessante do que as atualizações em que as heroínas viram feministas discursivas. As crianças adoram, principalmente, a parte da calcinha *(knickers,* em inglês da Inglaterra).

“Até o cauteloso primeiro-ministro Rishi Sunak se manifestou contra as mudanças nos livros de Dahl”

Todo mundo já percebeu a quantidade de elementos politicamente incorretos. O próprio Dahl antecipou o que viria e, numa conversa com o pintor Francis Bacon (imaginem a dupla), disse já ter avisado seus editores que, caso mudassem uma única vírgula de seus textos, nunca mais veriam uma palavra dele. Evocando suas raízes nórdicas, acrescentou: “E se isso acontecer depois que eu tiver partido, espero que o poderoso Thor bata bem forte na cabeça deles com seu Mjöllnir”. O martelo mitológico também estaria muito ocupado com os editores de Ian Fleming, que lançarão a série completa de James Bond para comemorar os setenta anos do primeiro livro. Completa e expurgada: trechos que se referem à homossexualidade como um “distúrbio renitente” e as referências raciais estão fora. Uma cena em que o 007 vai a uma boate de striptease no Harlem e vê uma excitada plateia “resfolegando e grunhindo como porcos no cocho” vira uma anódina “tensão elétrica” no ar.

Decidir se livros devem ser tomados ao pé da letra ou entendidos em seu contexto histórico é debate que resume todas as forças em confronto hoje nas sociedades ocidentais. “Um pouco de bobagem, aqui e ali, é apreciada pelos homens mais sábios”, diz Willie Wonka, o protagonista de *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (Gene Wilder e Johnny Depp no cinema). Mas não pelas equipes de sensibilidade. ■

VALMIR MORATELLI

AS VOLTAS QUE A VIDA DÁ

Causou mal-estar o rompimento de **CAMILA QUEIROZ,** 29 anos, com a Globo antes de gravar as cenas com o desfecho de sua personagem em *Verdades Secretas 2,* em 2021. No camarim, queixava-se do salário. A partir daí, mergulhou no reality *Casamento às Cegas,* da Netflix, que não decolou, seguido de uma comédia romântica sem sal. Eis que, quando menos se esperava, ela está de volta à próxima trama global das 6, no papel de protagonista. “Achei que era hora de retornar, não tinha como ser diferente”, diz a atriz, que selou um raro contrato fixo de polpudas cifras, compatíveis com as do primeiro time da emissora.

INSTAGRAM @CAMILAQUEIROZ

AXELLE/BAUER-GRIFFIN/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

ME TIREM DAQUI

O momento era de comemoração: no palco, os atores da segunda temporada de *The White Lotus* recebiam o troféu de melhor elenco em série dramática da premiação do Sindicato de Artistas. Destoando dos sorrisos e abraços, porém, **AUBREY PLAZA,** 38 anos (a advogada Harper, mulher de Ethan, um dos dois casais da trama), fechou a cara, enquanto murmurava invectivas. Os eternos amigos fofoqueiros revelaram as causas da irritação da atriz. Ela não gostou quando lhe disseram para ajeitar o vestido — e que vestido: um Michael Kors dourado que, de tão decotado e recortado, parecia estar de trás para a frente. E ficou mais possessa ainda ao ser empurrada para o fundão e quase levar uma cotovelada de uma colega de série. Assim que pôde, deu as costas e foi a primeira a ir embora.

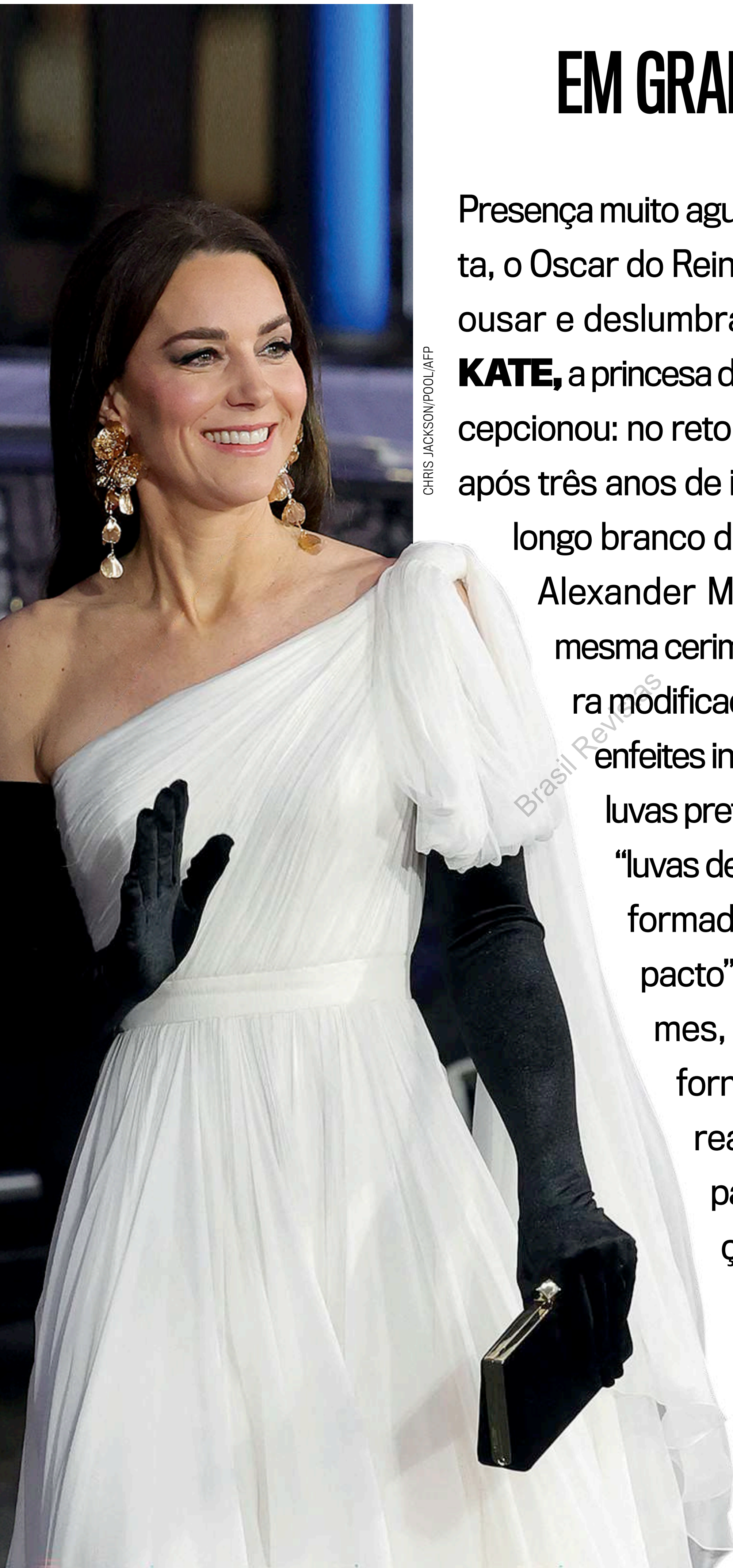
INSTAGRAM @DIOGONOGUEIRA_OFICIAL

O PUPILO E SUA MESTRA

À vontade no mundo do samba, o compositor **DIOGO NOGUEIRA,** 41 anos, vai se aventurar em terreno desconhecido para ele — o de ator. A estreia será na série *Desejos S.A.,* produção da Star+ prevista para o primeiro semestre, que gira em torno de uma empresa de métodos curiosos. Para encarnar um pop star galã, ele vem contando com a ajuda da namorada, Paolla Oliveira, agora professora particular. Ele decora todas as vírgulas do texto e repassa tudo com ela. “Paolla é generosa com minha atuação”, garante ele, esbanjando confiança: “Sou um bom aprendiz”.

AGORA SÓ FALTA VOCÊ

Depois de intensa troca de mensagens, **MANU GAVASSI,** 30, conseguiu convencer Rita Lee a recriar um de seus mais icônicos álbuns, *Fruto Proibido,* da década de 70. Rita, que está hospitalizada em tratamento contra um câncer, deu várias sugestões visuais para o show, embalado por uma banda feminina – o que, aliás, adorou. "Ela já ouviu as gravações e me falou que ficou lisonjeada. Sabe que tratei sua obra com o maior respeito", diz a cantora, que vai fazer derramada dedicatória à rainha do rock nacional logo na estreia da turnê, no próximo dia 5, em São Paulo.

INSTAGRAM @MANUGAVASSI

EM GRANDE ESTILO

CHRIS JACKSON/POOL/AFP

Presença muito aguardada na noite do Bafta, o Oscar do Reino Unido, onde costuma ousar e deslumbrar na escolha do traje, **KATE,** a princesa de Gales, 41 anos, não decepcionou: no retorno ao tapete vermelho após três anos de intervalo, assessorou o longo branco de um ombro só da grife Alexander McQueen (reciclado da mesma cerimônia em 2019, com ligeira modificação no decote) com dois enfeites inesperados. Um, o par de luvas pretas longas, as chamadas "luvas de ópera". "Elas são transformadoras e têm enorme impacto", reforça Genevieve James, diretora de criação do fornecedor oficial de luvas reais. Outro, inimaginável para quem tem à disposição um tesouro em joias, o par de brincos da Zara. Custam 27,90 dólares (150 reais), mas, óbvio, estão esgotados. ■

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Família de vítima de atentado em Paris acusa o Google de promover o ataque. O resultado do processo poderá mudar as normas que regem as redes sociais

ANDRÉ SOLLITTO

DOR Jose Hernandez e Beatriz Gonzalez, padrasto e mãe de Nohemi: para eles, o YouTube é o culpado pelo massacre

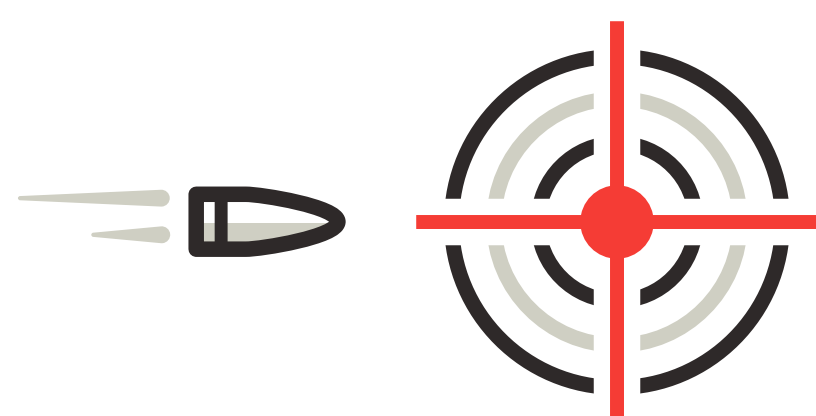
JIM WATSON/AFP

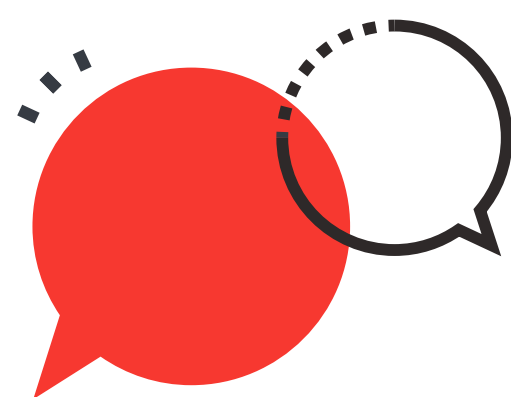
CHRISTOPHE ARCHAMBAULT/AFP

MEMÓRIA Homenagem no Bataclan: o Estado Islâmico matou 130 pessoas

Em 13 de novembro de 2015, oito terroristas ligados ao Estado Islâmico realizaram uma série de ataques simultâneos em diversos pontos de Paris. Eles explodiram bombas em restaurantes e nas imediações de um estádio de futebol lotado e abriram fogo contra uma multidão de pessoas que assistiam a um show na casa de espetáculos Bataclan. Entre os 130 mortos no atentado estava a estudante americana Nohemi Gonzalez, que na época fazia uma viagem de intercâmbio à capital francesa. Pouco mais de sete anos depois, o episódio volta aos holofotes, mas por um motivo diferente. A família de Gonzalez move um ruidoso processo contra o Google sob a alegação de que uma das maiores

O QUE ESTÁ EM JOGO

Entenda o caso e seu impacto nas mídias digitais

A ORIGEM

A estudante americana Nohemi Gonzalez, de 23 anos, foi morta em Paris durante os ataques terroristas de 13 de novembro de 2015, enquanto fazia intercâmbio na França

O QUE DIZ A FAMÍLIA DE NOHEMI

O YouTube, que pertence ao Google, teria agido como plataforma de recrutamento para o Estado Islâmico por meio de seu algoritmo de recomendação

Google

O QUE DIZ O GOOGLE

Com base na lei conhecida como Seção 230, a defesa alega que nenhum serviço automático deve ser considerado um editor e, portanto, não tem responsabilidade sobre o conteúdo veiculado nele

O POTENCIAL TRANSFORMADOR

Se a Justiça decidir em favor de Gonzalez, poderá obrigar as redes sociais a monitorar o conteúdo veiculado, mudando a maneira como os algoritmos são usados

empresas do mundo teria contribuído para o recrutamento dos terroristas. Para ser mais direto: o Google deveria ser responsabilizado pelos ataques.

A mãe e o padrasto de Nohemi Gonzalez argumentam que o YouTube, de propriedade do Google, amplificou as mensagens de recrutamento e arrecadação de fundos do grupo Estado Islâmico por meio de seus algoritmos, que disseminaram conteúdos produzidos pelos radicais para diferentes usuários. Segundo a família Gonzalez, trata-se de uma violação das normas americanas que punem a cumplicidade com organizações terroristas. Por sua vez, a defesa do Google se apoia na Lei das Comunicações dos Estados Unidos, promulgada em 1996. Em linhas gerais, a legislação dificulta a responsabilização civil das empresas de tecnologia por conteúdos publicados por seus usuários. Não se trata de um caso único. Outro processo pôs o Twitter na mira da Justiça, e é provável que novas ações desse tipo apareçam.

A depender da decisão da Suprema Corte, prevista para junho, o caso Gonzalez *versus* Google mudaria para sempre a forma como as plataformas digitais lidam com a moderação de conteúdo. Em um sentido mais amplo, a eventual vitória da família Gonzalez transformaria o futuro da própria internet, a ágora em que quase tudo é permitido, inclusive postagens criminosas. Não será uma batalha fácil. Há pressão constante para que as redes sociais — Facebook, Instagram, YouTube, TikTok e Twitter, para citar as

KYODO/AP/IMAGEPLUS

NA MIRA Sede da big tech nos EUA: a empresa afirma que não produz conteúdo

mais potentes — e as plataformas de busca, sendo o Google a mais importante delas, sejam rigorosas no controle dos conteúdos veiculados em suas páginas.

As mídias digitais se tornaram nos últimos anos um campo livre para a publicação de conteúdos questionáveis e perigosos. Eles vão de teorias da conspiração relativamente inofensivas, como a afirmação de que a terra é plana, a tutoriais sobre como fabricar bombas caseiras. O negacionismo durante a pandemia, lembre-se, custou a vida de milhares de pessoas. Estudos apontam que os algoritmos promovem esse tipo de conteúdo porque costumam gerar engajamento maior, e o uso da inteligência artificial para persona-

MATEUSZ WLODARCZYK/NURPHOTO/GETTY IMAGES

PRESSÃO Sundar Pichai, CEO do Google: defesa da liberdade de expressão

lizar a experiência dos usuários é eficaz em encontrar as informações buscadas, sejam elas positivas ou não.

O que está em jogo é um tema caro a diversos países, mais especialmente sensível nos Estados Unidos: a liberdade de expressão, defendida com louvor na Primeira Emenda da Constituição americana. Em carta publicada no blog do Google, Halimah DeLaine Prado, uma das mais ativas conselheiras da empresa, afirma que a Seção 230 da Lei das Comunicações garante uma internet livre para todos e que, em última instância, a mudanças das regras comprometeria a viabilidade financeira de quem lida com a publicação de conteúdo. “Reduzir a Seção 230 levaria empresas

e sites a ser incapazes de operar e a mais ações judiciais que prejudicariam editores, criadores e pequenas empresas", escreveu ela. "A onda crescente de litígios reduziria o fluxo de informações de alta qualidade na internet."

As grandes empresas de tecnologia, especialmente buscadores como o Google, também argumentam que não produzem conteúdo, mas apenas oferecem sugestões aos usuários a partir do histórico de navegação e de preferências pessoais. "Há uma grande dificuldade de caracterização da responsabilidade", afirma o advogado Marcos Poliszezuk, especializado no tema. "A principal atividade do Google é buscar conteúdo, mas ele não dá temas. Eu não abro o Google para ver o que me sugere. Primeiro, digito algo para procurar. Por isso, responsabilizar o veículo será complicado."

A moderação oferece um caminho possível. Ainda assim, há lacunas de difícil solução. Sistemas automáticos detectam palavras-chave, mas não sabem quando há incitação ao crime ou mera menção ao tema. Bloquear conteúdo com a palavra "nazismo" nas redes sociais, por exemplo, retiraria de circulação textos históricos e críticos, junto com todo o resto. Lógica idêntica vale para o imenso rosário de assuntos que circulam na internet. Uma mesma publicação sobre o sistema de recrutamento do Estado Islâmico pode ser consumida de diferentes formas, a depender do perfil do usuário da rede social. Entender o processo brutal usado pelos terroristas é importante para evitar que jovens se sintam atraídos pelo grupo, mas também serve de porta de entrada para outros.

MAIS UM GIGANTE NA BERLINDA

Embora esteja sendo julgado de forma separada, o caso Twitter *versus* Taamneh também busca responsabilizar a rede social pela morte de uma pessoa em um ataque terrorista. Em 2017, o cidadão jordaniano Nawras Alassaf perdeu a vida durante um atentado promovido pelo grupo extremis-

POLÊMICO
Elon Musk, o novo dono do Twitter: conteúdo sem moderação

JIM WATSON/AFP

ta Estado Islâmico em Istambul. A principal diferença, no entanto, é que o caso não está centrado na liberdade de expressão e na revisão da chamada Seção 230. No processo contra o Twitter, a Justiça avaliará se as plataformas sociais podem ser consideradas incentivadoras do terrorismo por não oferecerem mecanismos eficazes para derrubar o conteúdo do grupo e por recomendar os vídeos da organização terrorista por meio de seus algoritmos. Isso representaria uma violação da Lei Antiterrorismo de 1990.

A dificuldade é apontar a relação direta entre os conteúdos veiculados na plataforma e o atentado em questão. A defesa do Twitter alega que, se tivesse recebido algum aviso sobre o perigo iminente, teria tomado providências. Como isso não ocorreu, não teria responsabilidade no caso. Há, ainda, um debate jurídico sobre a interpretação de expressões da Lei Antiterrorismo. Um trecho diz que alguém só pode ser acusado de conivente com o terror se forneceu "conscientemente assistência substancial". A sentença deverá sair em junho, mas o Twitter está sob pressão. Desde que Elon Musk comprou a rede social, no ano passado, novas regras passaram a valer. Milhares de funcionários foram demitidos, incluindo times de moderação de conteúdo, e Musk defende um espaço de total liberdade. Com isso, conteúdos polêmicos têm se popularizado.

No Brasil, existe uma sólida legislação sobre o tema. Enquanto a Seção 230 da lei americana é considerada obsoleta por ativistas, o Marco Civil que regula a internet brasileira é mais atual, de 2014. Ele estipula que as plataformas só podem ser responsabilizadas por conteúdos de terceiros no caso de se recusarem a cumprir ordens judiciais de remoção. Apesar de recentes, as regras já passaram por providenciais revisões. A Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), de 2018, atualizou as diretrizes de como os dados pessoais dos cidadãos podem ser coletados. Novas modificações deverão ser adicionadas, especialmente se o projeto de lei 2630, conhecido como PL das Fake News, for aprovado. De autoria do senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE), o texto propõe medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais antes da necessidade de ordens judiciais. O ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, já se manifestou a favor das mudanças. A discussão é complexa e certamente ganhará novos desdobramentos nas próximas semanas. Seja como for, ela mostra a necessidade de repensar a maneira como os conteúdos são promovidos ou impulsionados nas redes sociais. No Brasil e no mundo, a própria democracia depende disso. ■

UMA NOVA ESPERANÇA

Quinto caso comprovado de cura do HIV mostra eficácia de terapia feita a partir do transplante com células-tronco e abre frentes inéditas para a ciência e pacientes **PAULA FELIX**

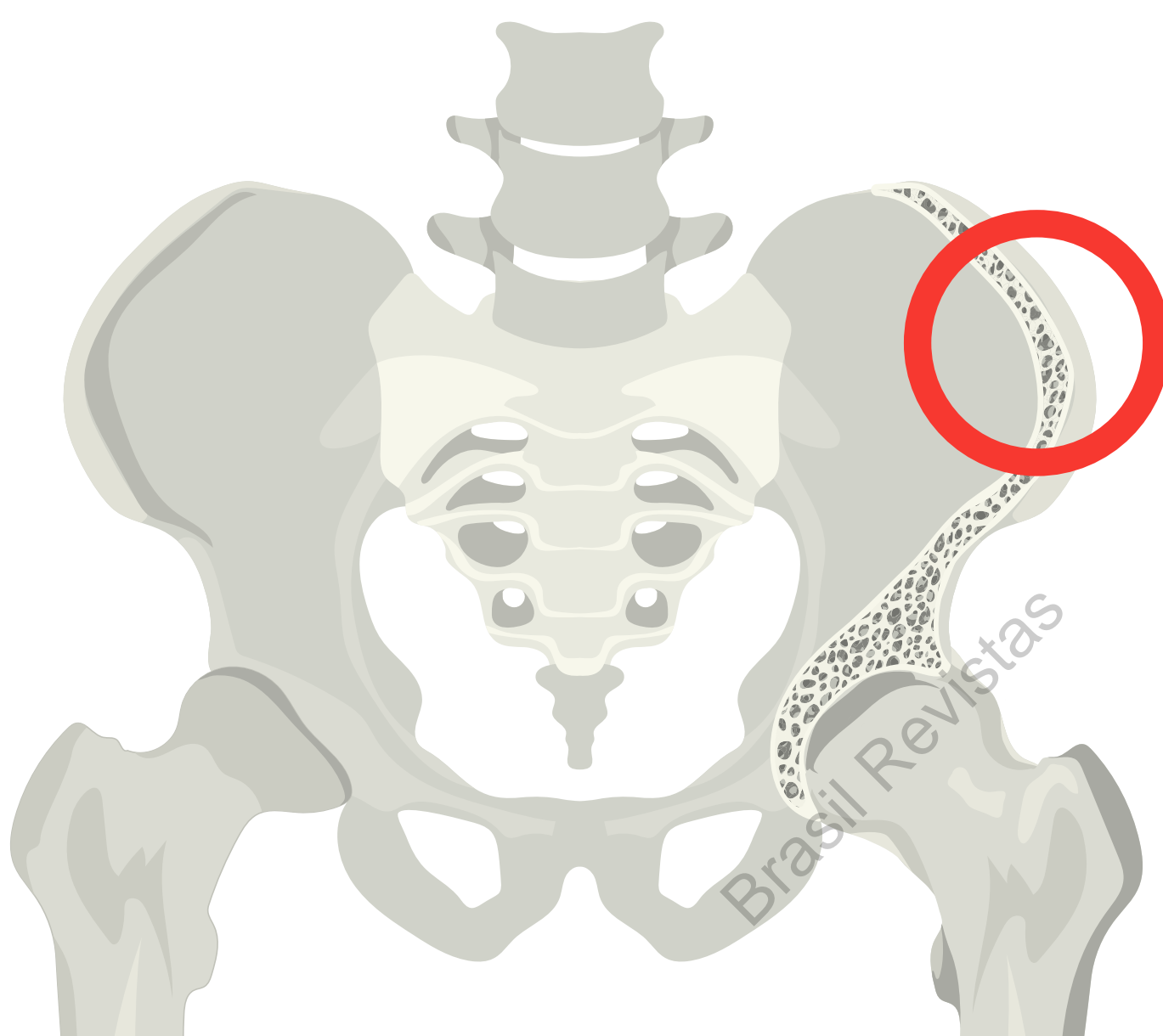
O VÍRUS
Traiçoeiro: ele se esconde em reservatórios ocultos no organismo do paciente

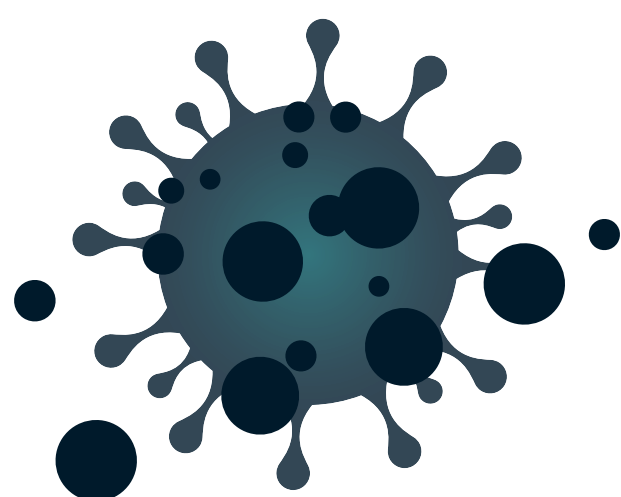
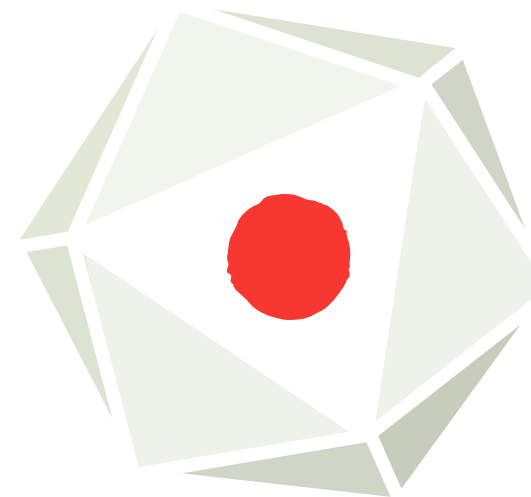
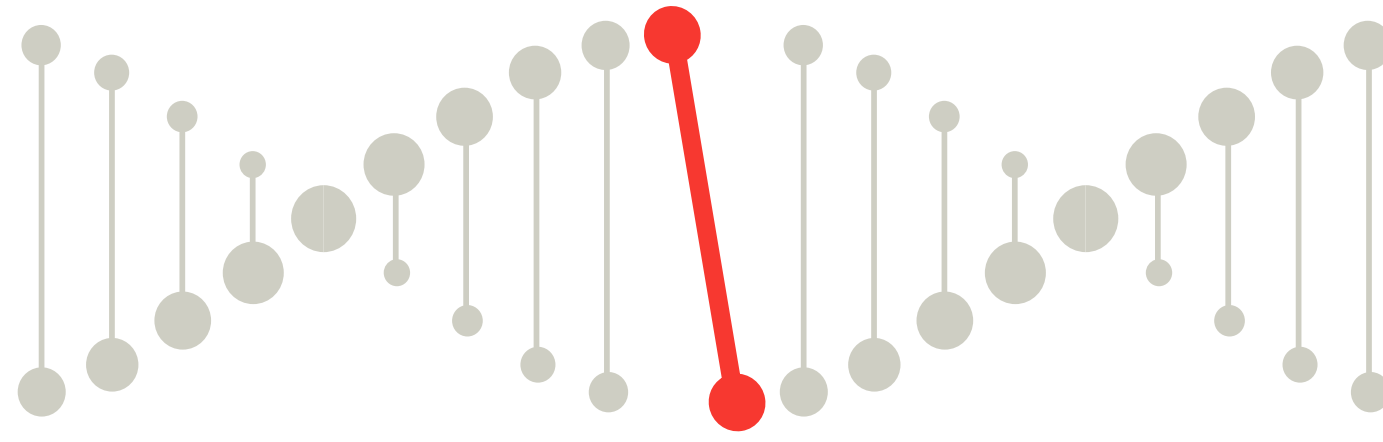
WESTEND61/GETTY IMAGES

“MEU NOME é Timothy Ray Brown e sou a primeira pessoa no mundo a ser curada do HIV.” Foi com essa simples — e histórica — apresentação que o homem conhecido como “paciente de Berlim” iniciou um artigo publicado em 2015 no periódico *Aids Research and Human Retroviruses,* em que relatava o sucesso da terapia que inaugurou um ciclo de esperança para a cura de um dos vírus mais complexos já enfrentados pela ciência. Em 2007, seu organismo foi declarado livre do HIV, causador da síndrome da imunodeficiência adquirida, a aids, após um transplante de células-tronco de um doador com rara mutação que torna as células resistentes ao vírus. Entre 2019 e 2022, outros quatro casos foram anunciados e, no último dia 20 de fevereiro, um novo episódio de remissão — do “paciente de Düsseldorf”, desta vez — pode ter consolidado o método como alternativa para chegar à vitória contra a infecção que afeta 38,4 milhões de pessoas.

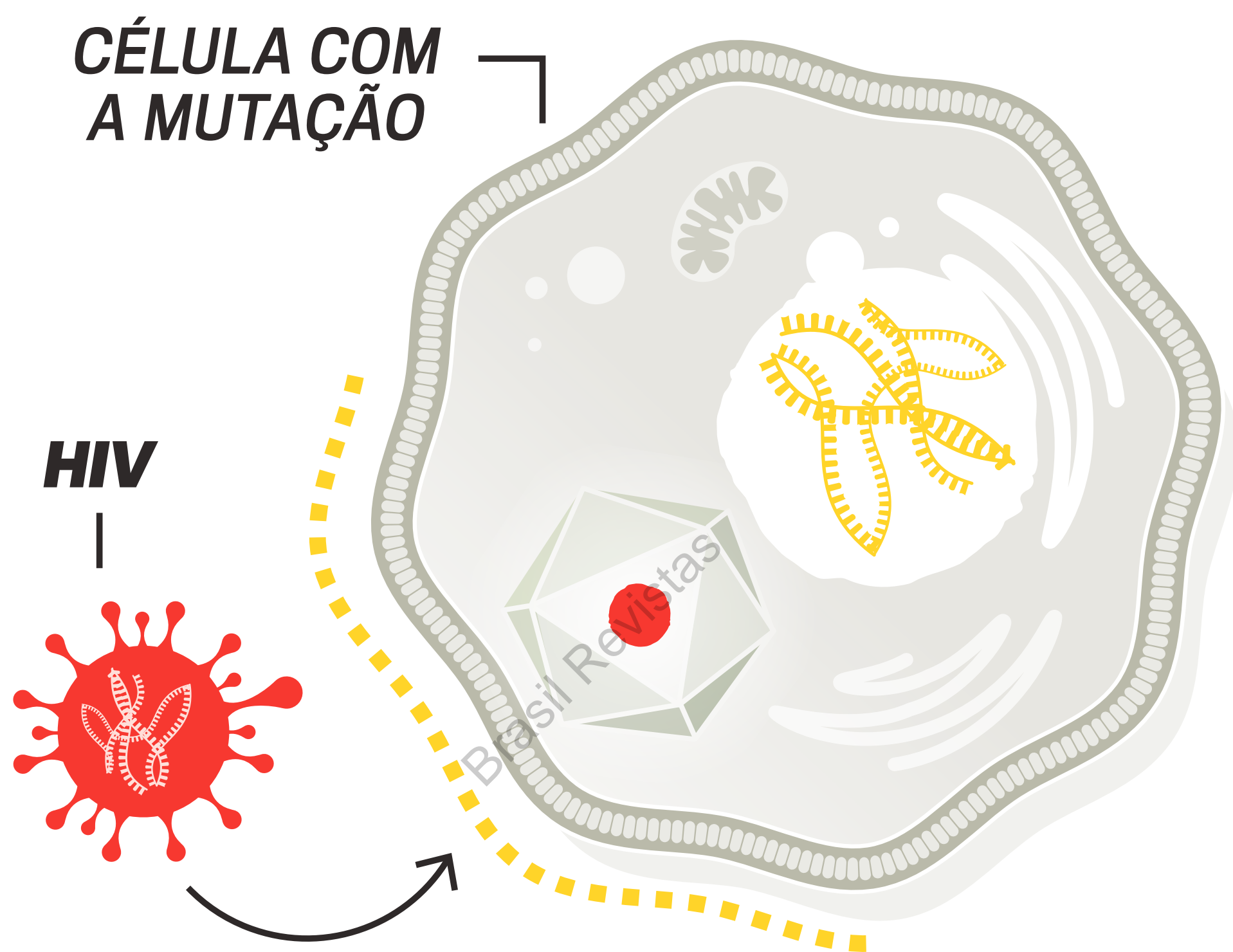
Assim como os demais casos de cura, o de agora foi submetido ao tratamento de um câncer no sangue e na medula óssea, a agressiva leucemia mieloide aguda. A chave para o sucesso é a troca das células tumorais por outras com uma mutação que impede a proliferação do vírus no organismo mesmo em pacientes que fazem a terapia antirretroviral e apresentam carga viral indetectável. Embora a ciência tenha reduzido os efeitos colaterais e a quantidade de medicações daquilo que um dia foi chamado de “coquetel anti-aids”, o desafio continua sendo extirpar o vírus dos hospedeiros humanos.

COMO FUNCIONA A TERAPIA

Técnica foi utilizada em pacientes em tratamento contra a leucemia mieloide aguda

O paciente com o vírus é submetido a um transplante de medula óssea

CÉLULAS CANCERÍGENAS

CÉLULAS-TRONCO

Ele tem as células tumorais destruídas e recebe células-tronco de um doador saudável

O doador precisa apresentar uma mutação genética específica conhecida pelas siglas CCR5Δ32/Δ32

CÉLULA COM A MUTAÇÃO

HIV

A mutação impede que o vírus se manifeste na superfície celular do paciente. Com o procedimento, as células da pessoa se tornam resistentes ao vírus

O paciente consegue parar de tomar o antirretroviral e se manter livre do HIV

Fonte: Nature

ERIC RISBERG/AP/IMAGEPLUS

PIONEIRO Timothy Brown: o primeiro paciente curado, em 2015

A tarefa é hercúlea pelo fato de se tratar de um rival cheio de artimanhas. O HIV é um vírus com duas cepas, 1 e 2, além de ao menos nove subtipos, e apresenta mutações consideradas lentas — ao contrário do novo coronavírus, causador da Covid-19. Mutar menos e estar sob controle com remédios não o torna menos ardiloso. Ele permanece latente e escondido em lugares que a medicina denominou como “reservatórios”. Lá, o vírus se mantém pronto para subjugar as células de defesa e iniciar sua trajetória de destruição se as terapias forem interrompidas.

ERIK MCGREGOR/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

ESTIGMA Protesto em Nova York: a doença sempre foi alvo de preconceito

Por isso, é considerado incurável de forma geral. “Ele fica adormecido no sistema nervoso central, nos linfonodos e nas mucosas do trato gastrintestinal e geniturinário”, diz José Valdez Madruga, coordenador do Comitê de HIV--Aids da Sociedade Brasileira de Infectologia.

Com o transplante de células-tronco, o vírus depara com células resistentes à infecção, o que permite a interrupção do tratamento sem que o HIV se manifeste nem apareça adormecido em testes novamente. O “paciente de Düsseldorf”, um homem de 53 anos, não toma antirretro-

virais desde 2018. Até morrer de leucemia, em 2020, Timothy Ray Brown, aquele de Berlim, não fazia uso dos medicamentos, assim como “o paciente de Londres”, Adam Castillejo, curado em 2019. O microbiologista Ravindra Gupta, da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, esteve à frente dos cientistas que atuaram no caso de Castillejo e acredita que a ciência está preparando o terreno para novos avanços. “Cada caso que descrevemos oferece condições para demonstrar isso”, disse a VEJA.

O cuidado dos especialistas com as expectativas elevadas sobre a cura definitiva se deve ao fato de não ser possível, ainda, imaginar a oferta em larga escala do método. Além de a mutação fundamental para o procedimento ser rara — está presente em menos de 1% da população mundial —, há a necessidade de um diagnóstico de leucemia. Sem contar que o transplante é perigoso. “Um paciente com leucemia submetido ao transplante pode ter um risco de morte de quase 50%”, diz o infectologista Rico Vasconcelos, pesquisador da Faculdade de Medicina da USP. “Não faz sentido expor uma pessoa saudável a um procedimento tão letal.” O próprio Brown fez o transplante duas vezes e, na segunda, em 2008, sofreu com cegueira parcial e perda de movimentos. Ele se recuperou do quadro seis anos depois, após reabilitação em uma clínica especializada em lesões cerebrais.

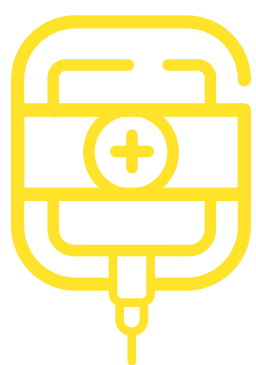
Os especialistas contam com outras armas para combater o vírus. “É possível pensar em drogas e vacinas para

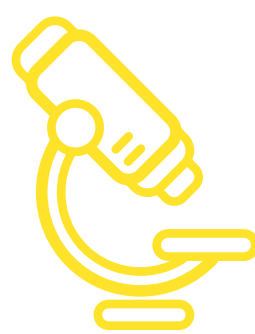
tornar as células resistentes às infecções e em tratamentos para modificar os genes", afirma Gupta. Enquanto isso, os cientistas trabalham no aprimoramento do arsenal desenvolvido nas últimas décadas. São diferentes frentes, da prevenção ao tratamento, e com métodos que consideram, sem julgamentos, o comportamento sexual de cada um, tendo em vista os avanços alcançados para evitar a transmissão por transfusão de sangue, da mãe para o bebê e por objetos

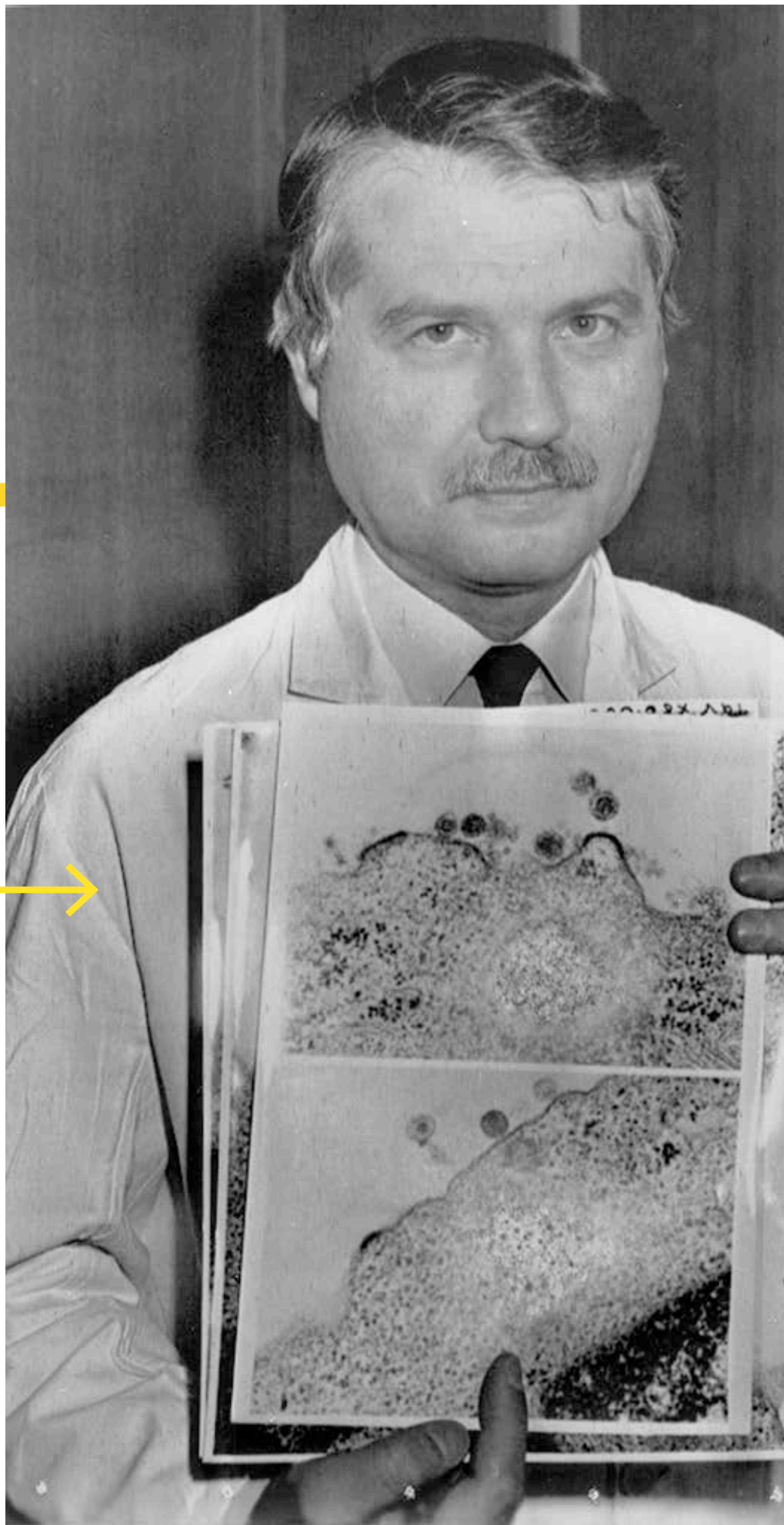
DURO COMBATE

Vírus descoberto nos anos 1980 desafia a ciência em busca da cura

1981

Foi publicado o primeiro relatório oficial que descrevia casos de pneumonia em cinco jovens. A partir daí, a doença ficaria conhecida como **aids**

1982

Pesquisadores relataram casos de infecção por transfusão de sangue e da mãe para o bebê

1983

O virologista francês **Luc Montagnier** identificou o vírus HIV como agente causador da aids

perfurantes em procedimentos hospitalares. Em dezembro passado, a droga lenacapavir foi aprovada pela agência reguladora americana Food and Drug Administration (FDA) para a proteção da população que vive com o HIV. O estudo clínico que embasou a aprovação indicou que 83% dos voluntários multirresistentes a drogas alcançaram a carga viral indetectável em um ano de tratamento.

Retirar os medicamentos diários e avançar para opções injetáveis espaçadas também são métodos vislumbrados para os demais pacientes. Na semana passada, durante a 30ª Conferência sobre Retrovírus e Infecções

1986

No Brasil, foi criado o Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde

1987

Início do uso do **AZT,** medicamento contra o câncer, para o tratamento da doença

Oportunistas (CROI), foi apresentado um ensaio apontando que o regime injetável com os fármacos cabotegravir e rilpivirina a cada dois meses tem os mesmos benefícios de um tratamento padrão com pílulas diárias. O ponto positivo da proposta é o conforto emocional para os pacientes. Para 47% dos 447 voluntários do estudo Solar, espaçar as doses aplaca o medo de ter seu status sorológico descoberto por colegas.

As conquistas da medicina nos últimos anos ajudaram a combater os estigmas que sempre acompanharam os pacientes que vivem com HIV. Campanhas informativas

1992

Surgimento do "coquetel anti-aids" a partir da combinação do AZT com o medicamento Videx

2007

Timothy Brown, o "paciente de Berlim", ficou conhecido como o primeiro a ser curado do HIV após transplante de **células-tronco**

lançadas em diversos países, inclusive no Brasil, e a luta pertinaz de milhares de pessoas que foram às ruas gritar contra o preconceito também levaram a infecção a ser enfrentada com mais dignidade. Ainda assim, ela avança. No Brasil, 52 000 jovens de 15 a 24 anos com HIV evoluíram para aids entre 2011 e 2021, dado alarmante diante da possibilidade de evitar o crescimento da doença com medicamentos distribuídos gratuitamente. Enquanto não surgir a cura, a sociedade deveria se engajar para combater a ignorância — e para ela, infelizmente, também não há vacina. ■

2017

Descobre-se que pessoas que vivem com HIV em tratamento e com cargas virais indetectáveis não correm risco de transmitir o vírus a parceiros sexuais

2021

Segundo caso de "cura espontânea" do vírus, com a "paciente Esperanza", foi apresentado ao mundo

2022

Forma mais virulenta do HIV foi divulgada pela revista *Science*

2023

Anunciou-se o quinto caso de cura do HIV em paciente com leucemia submetido a transplante de células-tronco

Fontes: *CDC; Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos; Fiocruz;* Nature; Science; *Universidade da Califórnia em São Francisco*

ELES ESTÃO ENTRE NÓS

Mais poderoso e destrutivo dos opioides, o Fentanil desembarca ilegalmente no Brasil e começa a ser perigosamente usado para fins recreativos

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **SOFIA CERQUEIRA**

ALERTA Na forma de comprimidos: criado para amenizar a dor em anestesias, pode viciar até no primeiro uso

DRUG ENFORCEMENT ADMINISTRATION

POTENTES analgésicos, os opiáceos foram adotados ao longo dos tempos para abrandar dores intensas de maneira ritualística e eram também consumidos com fins recreativos. Registros do povo sumério, que fincou base na Mesopotâmia a partir de 5000 a.C., já descreviam a papoula (o popular nome do *Papaver somniferum),* de onde se extraem tais drogas, como a “planta da alegria”. O mundo caminhou e, no século XIX, surgiu um dos principais derivados do ópio, a morfina, um marco na medicina por seu efeito anestésico. Desde então, novas substâncias com base na mesma planta ou que a reproduzem de modo sintético passaram a ser empregadas contra a dor. Nesse pacote farmacológico, o Fentanil, aprovado em 1968, se revelou o mais poderoso de todos — 100 vezes mais forte que a própria morfina.

Seu uso, porém, tem se desviado cada vez mais do propósito médico e, com desdobramentos altamente destrutivos, vem viciando uma parcela da população mundial e tomando a forma de uma epidemia em países como os Estados Unidos. A preocupante novidade é que, pela primeira vez, há evidências de que o Fentanil entrou no rol das drogas ilegais traficadas no Brasil.

Recentes apreensões deixaram especialistas em estado de alerta diante da presença de tão viciantes e letais ampolas interceptadas pela polícia. No fim de janeiro, remessas de drogas sintéticas que seriam comercializadas no Carnaval, entre elas o Fentanil, foram flagradas em Belo Horizonte. Poucas semanas depois, outra leva foi encontrada no Espírito Santo, onde ainda se detectou o opioide no organismo de um paciente. “São

RINGO CHIU/AP/IMAGEPLUS

REVOLTA Protesto contra a venda do opioide: nos EUA, virou epidemia

claros sinais de que existe um preocupante mercado em formação", afirma o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, coordenador da unidade de pesquisa em álcool e drogas na Unifesp.

As quadrilhas brasileiras nunca haviam adicionado opioides aos negócios por seu preço elevado (de 300 a 1 500 reais, a depender da dosagem). Pois isso mudou. Agora, as investigações miram desvendar a rota percorrida pelo Fentanil que desaguou em solo brasileiro. "Nunca se teve conhecimento no Brasil de uma rota comercial para esse tipo de tráfico, como há no caso da maconha ou da cocaína", observa Guaracy Mingardi, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Foi depois da Guerra do Vietnã, na década de 70, que o comércio ilegal desses analgésicos, inicialmente usados para suavizar a dor física dos combatentes, floresceu nos Estados Unidos, vindos direto do Oriente. Nos dias de hoje, eles se infiltram pela fronteira americana a partir do México, onde os cartéis produzem opioides em larga escala. Em seu último discurso sobre o Estado da União, em 7 de fevereiro, o presidente Joe Biden cutucou a espinhosa questão de saúde pública que adentra a seara política: “Vamos impedir que o Fentanil passe da fronteira”, prometeu, embora saiba bem do tamanho do enrosco. Só em 2022, foram apreendidas no país — o mais atingido pela praga dos opiáceos — vultosas cargas que, somadas, davam quase 380 milhões de doses. O medicamento já responde ali por 65% das 100 000 mortes anuais por overdose. O cantor Prince morreu aos 57 anos abatido pela droga, em 2016. Michael Jackson, que saiu de cena aos 50 anos, viciou-se em opioides — o Fentanil entre eles —, mas perdeu a vida mesmo pelo excesso de um outro, o Propofol.

No Brasil, o Fentanil é permitido por lei e vastamente usado nos hospitais em anestesias. E é aí, como ocorre em outros países, que o vício começa a germinar, com médicos e enfermeiros fazendo uso da droga em busca de uma solução rápida para a dor, de relaxamento e euforia — sensações que costumam se prolongar por três horas. Acaba que eles são os mais afetados pelos nefastos efeitos da substância. “O risco de vício já na primeira aplicação é bastante alto”, diz o psiquiatra Frederico Garcia, da Universidade Federal de Mi-

ARQUIVO PESSOAL

RETORNO DAS TREVAS

Quando experimentou Fentanil, o enfermeiro **Amaurí Pedrozo,** 27, sentiu-se "imbatível". Logo não podia mais viver sem ele e mergulhou em um buraco fundo. "Sofri um infarto e sete overdoses", conta ele, que há um ano conseguiu livrar-se da droga

nas Gerais. "Qualquer gota em excesso traz riscos de overdose, paradas respiratórias e leva até a morte."

Quem subestima suas consequências pode ver a vida desmoronar de uma hora para outra. Em 2018, o enfermeiro Amaurí Pedrozo, 27 anos, encarava um exaustivo plantão quando um colega lhe ofereceu Fentanil. "Todo o meu cansaço foi embora no ato, me sentia imbatível", resume. Mas a conta veio logo no dia seguinte: ele tremia de febre, não con-

seguia levantar da cama e exibia acentuada confusão mental. Descobriu então que poderia reverter o desconforto com mais uma dose e, assim, em três meses havia multiplicado por cinquenta o consumo diário por ampola. Precisava daquilo para se manter de pé. E permaneceu desse jeito por quatro anos, período em que perdeu o emprego, sofreu um infarto e sete overdoses. “Quase morri e acabei com minha família, que chegou a fazer um plano funerário já prevendo o pior”, conta ele, que se livrou há quase um ano da dependência à base de internações em clínicas e retornou ao trabalho.

Além das ampolas injetáveis tão usadas no ambiente hospitalar, é possível comprar em farmácias a substância em forma de comprimido ou adesivo, sempre com receita. E aí reside uma engrenagem que faz escalar o problema — há um excesso de prescrições cujo objetivo final é o uso recreativo. Profissionais da saúde se receitam e vendem a droga entre si, em grupos de WhatsApp já manjados nos corredores hospitalares. Nos Estados Unidos, o Fentanil é achado até nas redes. “Para frear o consumo, é preciso que o pedido do medicamento se torne cada vez mais seletivo”, adverte a psiquiatra Analice Gigliotti, diretora da Espaço Clif, uma clínica para dependentes no Rio de Janeiro. Em outra frente, é vital sufocar o tráfico, que descobriu nova e perigosa fonte de renda nesse opioide que muita gente experimenta só para ver como é. Com o Fentanil, uma única vez pode ser o suficiente para um enredo de horror que ninguém quer para si. ■

DIVERGENTES Ideia fixa: quando expostas a temas politizados, as conexões cerebrais reagem segundo o viés ideológico

CABEÇA FEITA

Pesquisas nos Estados Unidos e em Israel mostram como se comportam os cérebros de indivíduos estimulados por expressões e imagens com carga política **ALESSANDRO GIANNINI**

PM IMAGES/GETTY IMAGES

MONARQUISTAS e republicanos, guelfos e gibelinos, jacobinos e girondinos. A história mostra com abundância de evidências que grupos opositores — identificados com a direita ou a esquerda — se engalfinham desde priscas eras. É um tanto reducionista, portanto, embora tentador, pensar na polarização política como postura iniciada, ao menos no Brasil, pelas turmas de Lula e Bolsonaro.

As raízes motivadoras das brigas quase sempre giram em torno da manutenção do poder e do controle de verbas, seja na Europa feudal, seja na República Florentina do século XIII, seja na França incendiada depois da Revolução de 1789. Os motivos são bem conhecidos, estão nos livros. Como esse processo se dá na cabeça dos envolvidos, porém, era um mistério intransponível. Até agora.

Pesquisas de universidades de Israel e dos Estados Unidos investigaram recentemente os processos cerebrais ativados pela exposição a conteúdos com intensa carga ideológica. Os resultados mostram que a polarização se manifesta na mente desses indivíduos identificados com a direita ou a esquerda muito mais cedo do que se imaginava e de formas diferentes, dependendo de sua orientação. Com isso, ambos os grupos de cientistas acabaram questionando teorias anteriores, largamente sedimentadas, de que eventuais divisões resultavam apenas do consumo seletivo e excessivo de notícias e das mídias sociais. Elas funcionam como alimento, claro, mas não tem a primazia da divergência.

POLARIZAÇÃO Partidários de Lula e Bolsonaro discutem na rua: a história mostra que divisão entre opostos é antiga

No estudo conduzido por Daantje de Bruin e Oriel FeldmanHall, da Universidade Brown, em Rhode Island, nos Estados Unidos, um grupo de 44 americanos, divididos entre democratas e republicanos, realizou várias tarefas cognitivas. Primeiro, os homens e mulheres leram uma lista de palavras — algumas politicamente carregadas, outras não. Depois, viram uma série de vídeos: um clipe de notícias com termos neutros sobre o aborto e um debate da campanha presidencial de 2016 com menções à brutalidade policial e à imigração. Em meio às atividades, eles fo-

SERGIO LIMA/AFP

ram submetidos a uma ressonância magnética, exame que mede pequenas mudanças no fluxo sanguíneo do cérebro.

Ao examinar os resultados, as pesquisadoras descobriram que, quando expostos a palavras muito politizadas como “aborto”, “imigração”, os participantes reagiram de acordo com os seus pares ideológicos. Ou seja, e eis aí o pulo do gato, a impressão digital neural criada por um cérebro conservador é mais parecida com outros cérebros também conservadores. Palavras neutras como “liberdade” não resultaram em reações especiais. “Os cérebros dos partidários estão processando informações de maneira polarizada, mesmo quando são desprovidas de qualquer contexto político”. diz FeldmanHall. É constatação que exige mais aprofundamento.

Em outro contexto, a pesquisa assinada por Noa Katabi e Yaara Yeshurun, da Universidade de Tel Aviv, usa métodos semelhantes. Nesse caso, as pesquisadoras escanearam o crânio de 34 voluntários, metade de direita e metade de esquerda, e foram direto para o estímulo por vídeo. Quase no fim das eleições legislativas israelenses do ano passado, as pessoas assistiram a anúncios de partidos de ambos os extremos do espectro político. Os resultados mostraram diferenças notáveis em cada lado nas respostas ao material com muita carga ideológica. E os estímulos não se limitavam a áreas superiores do cérebro, associadas à interpretação e ao pensamento abstrato, mas a regiões básicas, responsáveis pela audição, visão e tato — seria

possível, numa hipótese mais sensacionalista, acertar as opiniões de um indivíduo a partir de ressonância.

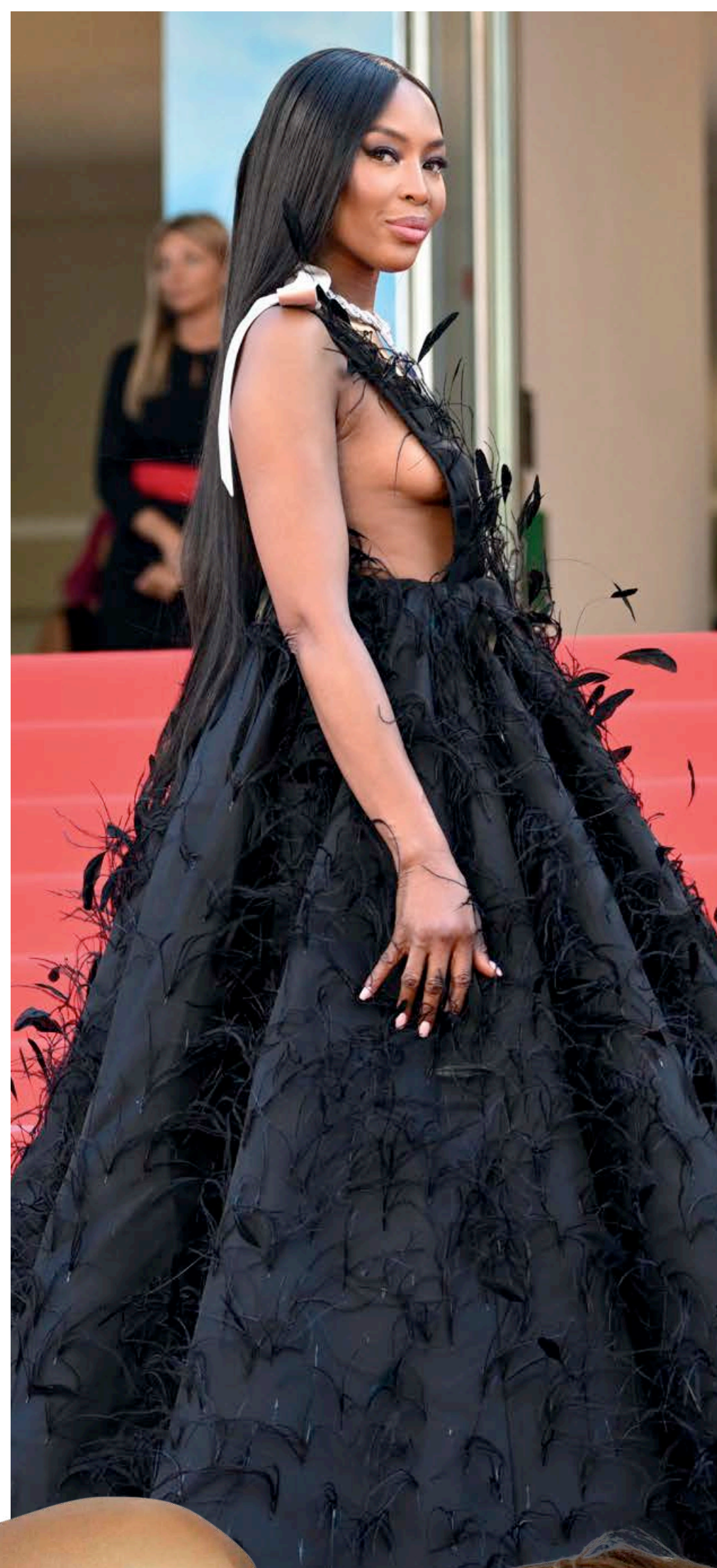
Não é para tanto, e convém ficar com o trabalho americano, mais modesto, e ainda assim muito mais interessante. Basta entender os extremos, como fez a dupla de investigadoras, para tentar combater a radicalização. Trata-se, enfim, de compreender o que vai nas cabeças feitas, mas ideias fixas e, sem jamais tolher a liberdade de escolha, combater a droga das *fake news* por meio da mais digna e humana ferramenta da civilização: o conhecimento. ■

A CRISE EM CRISE

Construção social do século XIX, o conceito de meia-idade está perdendo terreno para a necessidade de as pessoas se manterem ativas e saudáveis **MARILIA MONITCHELE**

INSTAGRAM @THEHUGHJACKMAN

LOIC VENANCE/AFP

CINQUENTÕES Jennifer Lopez *(abaixo),* Naomi Campbell *(à dir.)* e Hugh Jackman *(acima):* envelhecer é inevitável, mas dá para escolher como

FACEBOOK @JENNIFERLOPEZ

PERSONAGENS como Julie d'Aiglemont, a protagonista de *A Mulher de 30 Anos,* de Honoré de Balzac, do século XIX, e o Gatão de Meia Idade, criado pelo cartunista Miguel Paiva nos anos 1980, são produtos de seu tempo e, em breve, devem se tornar marcas históricas de um período que não volta mais. A meia-idade como a conhecíamos está em crise, e não importa o gênero. Tome-se como exemplo o Carnaval deste ano, que voltou com força redobrada, levando para as ruas a beleza de mulheres como Paolla Oliveira, 40 anos, e Alessandra Negrini, 52. A atriz Mika Lins, 57 anos, tem feito barulho com uma galeria de mulheres sem filtro no Instagram e uma máxima: "Envelheço e não quero ser *ageless*". Mostrar a idade é o que vale.

No exterior, estrelas como a cantora Jennifer Lopez, 53, a modelo Naomi Campbell, 52, e o ator Hugh Jackman, 54 anos, confirmam que a idade não é mais limite para nada, nem na aparência e tampouco nas atividades do cotidiano. A cultura pop, que reverbera pelas redes sociais em velocidade cada vez maior, sem freios, também ajuda a entender o que está acontecendo. As personagens de *And Just Like That...,* versão renovada de *Sex and the City,* tinham em média 55 anos quando a série foi ao ar no ano passado — Sarah Jessica Parker, por exemplo, tem 57 anos.

A noção de meia-idade, diga-se, é uma invenção razoavelmente moderna. Começou em meados do século XIX, quando as rendas familiares aumentaram e as mulheres passaram a ter menos filhos. Os problemas cotidianos fo-

DIVULGAÇÃO

ETERNAS GAROTAS

Em *And Just Like That...*, Cynthia Nixon, Sarah Jessica Parker e Kristin Davis voltam aos seus papéis consagrados na série *Sex and the City*. Com 55 anos em média, as personagens enfrentam a maturidade com graça e elegância

ram substituídos por crises existenciais que se tornaram sinônimo dessa fase da vida. Hoje em dia, os dilemas são outros. Alexandre Kalache, médico e presidente do Centro Internacional de Longevidade, diz que os marcos cronológicos são uma obsessão inútil. "Envelhecer reflete a forma como se conseguiu viver e as escolhas que se fez", diz. "A longevidade é uma conquista e precisamos rever as ideias que temos sobre essa fase da vida."

Homens também não estão imunes a essa tentação. O caso do empresário americano Bryan Johnson, 45 anos, que

torra mundos e fundos com sua obsessão pela juventude, toca no bizarro. Ele gasta o equivalente a 10 milhões de reais por ano para se manter com a aparência de 18. Para isso, tem uma rotina severa de exercícios, dieta vegana e uma equipe de trinta médicos que o acompanham na louca empreitada.

Apesar de o envelhecimento ser comum a todas as pessoas, não significa que será igual para todos. O passar do tempo também está sujeito a fatores individuais, sociais e econômicos. Veja-se o caso de Bruce Willis, um ícone do cinema de ação, lembrado principalmente pela série de filmes *Duro de Matar* e pela série *A Gata e o Rato*. Aos 67 anos, a carreira de Willis foi interrompida por um diagnóstico de demência frontotemporal, doença hereditária e degenerativa de áreas importantes do cérebro.

A economia prateada, a soma de tudo o que é consumido pelas pessoas com mais de 50 anos, movimenta no mundo 15 trilhões de dólares anuais, equivalente ao PIB da China, o que demonstra o potencial econômico do grupo. É mais fácil encontrar um consumidor "sênior" na academia do que na cadeira de balanço. No Brasil, eles são responsáveis pela maior fatia de renda da família. Embora envelhecer esteja longe de ser um processo pacífico, sem medo ou resistência, é possível que as pessoas atravessem a passagem para a maturidade, hoje, com vastos desejos futuros. Madonna, sempre ela, rebateu ferozmente críticas por sua aparência na entrega dos prêmios Grammy, em fevereiro. A famosa "crise da meia-idade" pode estar, ela mesma, em crise. ■

POR QUE SONHAMOS?

A incansável trajetória de Maria Clara Lira, 17 anos, do sertão da Paraíba ao primeiro lugar em medicina na USP

PARA UMA ADOLESCENTE nascida no sertão da Paraíba, se tornar médica sempre pareceu um sonho muito distante, quase impossível. A realidade da região, marcada pelos contrastes sociais, com pouca oportunidade de estudo e trabalho, se impõe de tal forma que qualquer um ali duvida da própria capacidade. Mesmo assim, nunca deixei de acreditar que eu poderia vencer neste cenário de escassez. Hoje, depois de prestar o Enem e conseguir ingressar no curso mais con-

corrido do país, entendo que meu esforço de anos valeu a pena. Passei em medicina na Universidade de São Paulo e, para minha surpresa, apareci no topo do ranking, em primeiro lugar. Nunca imaginei nada igual. Mas sei bem quão longa e extenuante foi a jornada para chegar lá.

Desde muito cedo, pensava em ser médica. Me intrigava o funcionamento do corpo humano. Vivia com a mente mergulhada em questões do tipo: Por que sonhamos? Por que precisamos nos alimentar? Como se formam nossas memórias? Esses mistérios me fascinavam. Buscava respostas em um antigo livro de anatomia que ganhei aos 8 anos e virou um companheiro inseparável. Folheá-lo me transportava para um mundo em que eu me via cuidando de pacientes, ajudando as pessoas. Certa vez, li uma notícia sobre uma superbactéria que se espalhava por São Paulo e decidi reunir os amigos na biblioteca da escola para tentar achar a solução para aquilo. Para mim, logo ficou claro que teria de estudar, e muito, para resolver problemas dessa complexidade. Felizmente, Cajazeiras, a cidade onde nasci, a 500 quilômetros de João Pessoa, tem um Instituto Federal de Ensino, instituição pública reconhecida pela qualidade. Após uma superseleção, consegui a vaga para cursar lá a etapa final da escola.

Era início de 2020, estava no 1º ano do ensino médio e não havia tido nem duas semanas de aula quando a pandemia eclodiu, suspendendo a lição presencial. Morri de medo de ficar atrasada nos conteúdos e passei a estudar por conta própria com ajuda das videoaulas de uma plataforma virtual,

um universo totalmente novo. Minha rotina se tornou ultrapuxada, já que tinha de equilibrar as atividades do colégio com o que aprendia via internet. Mesmo quando as aulas voltaram ao formato original, não deixei o turno duplo. Às vezes, acordava às 5 da manhã, estudava até as 7, e ia à escola, de onde voltava quase às 5 da tarde. Ficava cansada, claro, mas mesmo assim esticava o tempo entre meus livros até umas 9 da noite. Nesse esquema, não teve jeito: minha vida social ficou comprometida. Meus amigos me chamavam para sair, mas sempre tinha uma lista de exercícios para fazer. Meus pais se preocupavam com minha saúde mental, diziam que eu estava exagerando. Nada, porém, abalava minha determinação, aquela que você tem quando sabe o que quer.

Vira e mexe me batia uma insegurança. Era como uma montanha-russa. Em certos momentos, me sentia confiante, noutros minha autoestima desmoronava. Por mais que estudasse, talvez não fosse suficiente para conquistar uma vaga no mais concorrido curso do país. Dormia e sonhava com a prova. A única coisa que me relaxava um pouco era tocar violão. Assim me desligava por alguns momentos. Na véspera do derradeiro dia do Enem, fiquei nervosa, mal preguei os olhos e fiz o exame cansada. Achei que não tinha ido tão bem. Até o resultado sair, foram dias de intensa ansiedade. Quando ele finalmente veio, quase caí para trás: tirei 980 *(em 1000)* na redação, 893,4 em matemática e 713,9 em linguagens, pontuações muito acima da média. Embora pudesse ir para São Paulo, optei por estudar na Federal da Paraíba. O custo de vida e a

proximidade com a família acabaram pesando na escolha. Meus pais vivem com a renda de uma aposentadoria. Se não fosse pelas cotas sociais e por um ensino público de bom nível, jamais teria conseguido. Sonho em trabalhar no SUS e ser cirurgiã na área de neurologia. Sei que ainda tem muito estudo pela frente. Que os livros me aguardem. ■

Depoimento dado a Ricardo Ferraz

IMENSIDÃO Cosmos: galáxias atingiram tamanhos que pareciam improváveis logo após o Big Bang

MUITO, MUITO DISTANTES

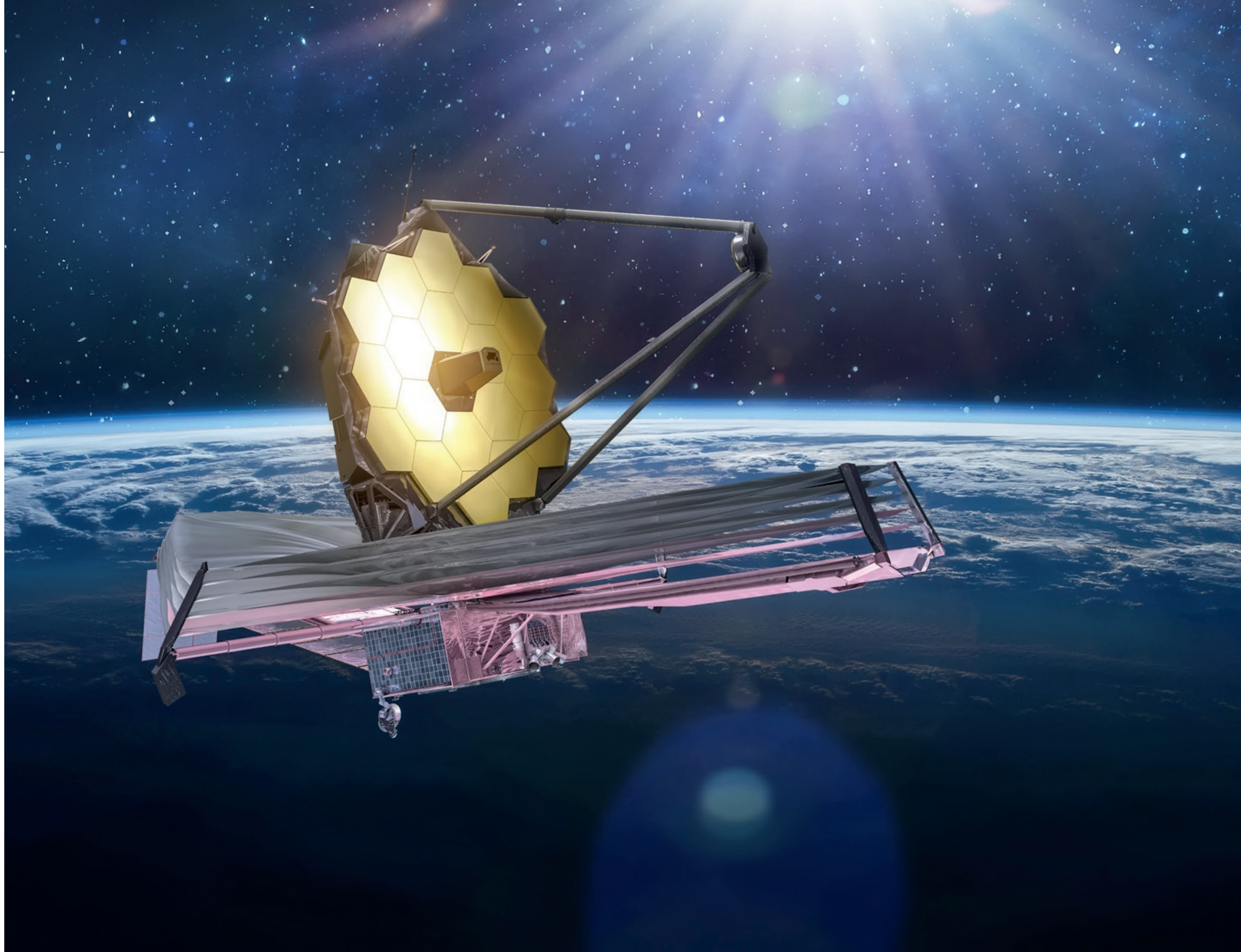
Astrônomos descobrem seis galáxias gigantescas surgidas logo após o Big Bang e desafiam teorias consagradas sobre a origem e a formação do universo **ALESSANDRO GIANNINI**

NASA, ESA E J. M. APELLÍNIZ

O LANÇAMENTO do Telescópio Espacial Hubble, em abril de 1990, marcou uma nova era na astronomia. Até aquela época, muitos cientistas acreditavam que as galáxias só começaram a se formar bilhões de anos depois do Big Bang, a explosão que criou toda a matéria e energia do universo e vem se expandindo sem parar. As excitantes descobertas do então novo observatório, contudo, derrubaram a teoria e a substituíram por outra. Segundo a tese, prontamente aceita pela comunidade científica internacional, as galáxias se desenvolveram lentamente e levaram muito tempo para se tornar massivas, como se fossem bebês cósmicos passando por extensos estágios de crescimento.

Há, agora, um movimento extraordinário, que parece ir um tantinho na contramão das ideias com as quais lidamos hoje, e é possível, sim, que tudo tenha sido mais rápido. O Telescópio Espacial James Webb, que estacionou no cosmos em dezembro de 2021 e abriu suas lentes em julho do ano passado, tem entregado segredos. Astrônomos de universidades americanas, australianas e europeias descobriram vários objetos misteriosos escondidos em imagens do supertelescópio da Nasa, da Agência Espacial Europeia e da Agência Espacial Canadense que desafiam mais uma vez os conhecimentos acumulados. As revelações, publicadas na revista *Nature,* causaram nova onda de entusiasmo.

Um grupo de astrofísicos e astrofísicas dos Estados Unidos, Dinamarca e Espanha, liderado por Ivo Labbé, professor da Universidade de Tecnologia Swinburne, na Austrália,

ISTOCK/GETTY IMAGES

RETROVISOR Telescópio James Webb: lentes potentes "enxergam" o passado

examinou um lugar um tanto desinteressante do firmamento, próximo da constelação Ursa Maior — e descobriu por ali seis galáxias gigantescas. Essas enormes coleções de gás, poeira e bilhões de estrelas foram formadas, ao que tudo indica, logo depois da singularidade, como é chamada a explosão primordial. É um passo, portanto, no avesso da teoria cosmológica atual. É surpreendente. "A partir da tese corrente e de observações anteriores com o Hubble, acreditava-se que as galáxias tinham um outro modelo de desenvolvimento ao longo do tempo astronômico", disse Labbé a VEJA. "Parece haver um canal diferente, uma via veloz, para formar galáxias monstruosas muito rapidamente."

Labbé e seus colegas examinavam uma área com o tamanho de um selo postal de uma imagem registrada pelo

James Webb quando identificaram “pontos difusos” vermelhos de luz que pareciam brilhantes demais para ser verdadeiros. A cor significa que os corpos celestes que provavelmente representavam estão muito longe no tempo e no espaço — objetos mais próximos da Terra têm um tom mais azulado. É como se os pesquisadores estivessem olhando por um gigantesco espelho retrovisor no firmamento, mostrando o que aconteceu em um passado muito, muito longínquo. Depois de alguns cálculos, eles determinaram que as galáxias encontradas têm mais de 12 bilhões de anos, e foram formadas de 500 milhões a 700 milhões de anos após o Big Bang, com estrelas que atingiram tamanhos de até 100 bilhões de vezes a massa do nosso Sol. De acordo com o que se sabe até hoje, porém, não haveria gás suficiente naquele momento, após a primeira de todas as explosões, para formar tantas estrelas assim.

O que vem deixando os pesquisadores cismados é a suposta natureza dessas galáxias. Muito antigas, elas têm uma enorme quantidade de estrelas, mas são trinta vezes menores do que a Via Láctea, endereço da Terra no universo. “Se fossem seres humanos, elas seriam como bebês de 1 ano, muito menores do que o normal e com o peso de uma pessoa adulta”, compara Labbé. “São realmente diferentes, criaturas verdadeiramente bizarras. O universo primitivo é estranho.”

Eis a beleza da astronomia, em busca de nossas origens, numa valsa infinita de conhecimento. Há muito ainda a ser estudado e comprovado. Antes de tudo, informam os espe-

cialistas da equipe de Labbé, é preciso colocar as descobertas em uma base mais segura e confiável. O primeiro passo é confirmar as distâncias com a espectroscopia, método em que cientistas colocam a luz de cada uma dessas galáxias em uma espécie de prisma. Isso dirá a distância delas até a Terra com precisão quase cirúrgica e revelará o que está produzindo a luz, se são estrelas ou algo diferente — como buracos negros em colisão, por exemplo. Graças ao James Webb, as revelações sobre o universo são cada vez mais fascinantes. ■

REVOLUÇÃO ÍNDIGO

Símbolo de rebeldia e juventude, o jeans faz 150 anos de existência como a mais firme, duradoura e democrática peça do vestuário para qualquer gênero

SIMONE BLANES

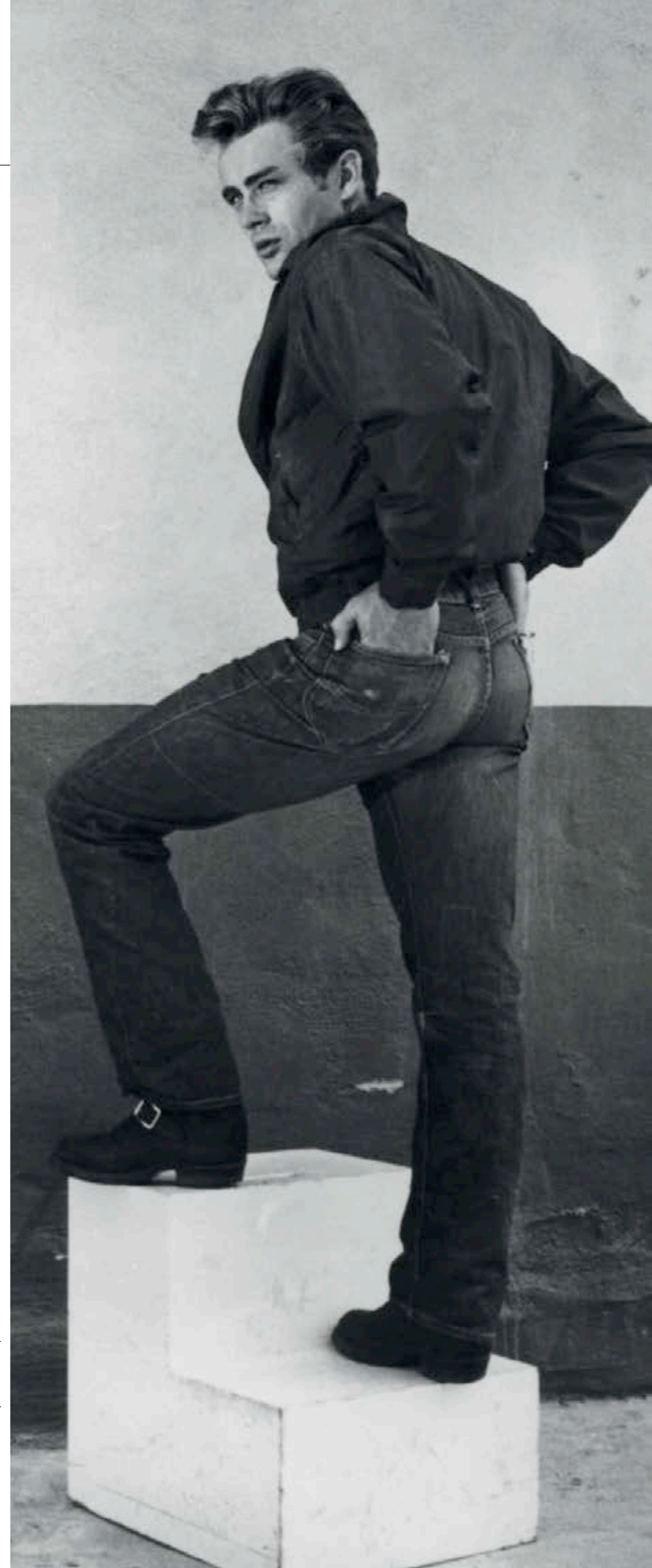
TRABALHO

1873
O jeans foi criado como uniforme de trabalho para os mineradores e garimpeiros do sul da Califórnia, dada a resistência do material. Naquele ano, nascia a marca Levi's.

FOTOSEARCH/GETTY IMAGES

O ESTILISTA Yves Saint Laurent, que alinhavava a história da moda como ninguém era capaz, foi direto ao ponto ao dizer que gostaria de ter inventado o jeans: “Ele tem expressão, modéstia, apelo sexual e simplicidade, tudo o que espero de minhas roupas”. Tem tudo isso e o caminhar da civilização impregnado em seus fios. A calça de tecido índigo — embora nem sempre nessa tonalidade — é a peça do vestuário que, além de ser unanimidade no mundo, usada por qualquer faixa etária, gênero e classe social, foi marco de trabalho, revolta, amores e dores, além de democracia.

Patenteado em 1873, há exatos 150 anos, pelo alemão Levi Strauss e pelo alfaiate Jacob Davis, nos Estados Unidos, o modelo azul, feito de denim — tecido robusto que surgiu em Nîmes, na França, em 1792 — com costuras duplas e rebites de cobre reforçados, foi criado como uniforme pa-

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

REBELDIA

ANOS 1950
James Dean virou ícone de rebeldia ao adotar a calça de denim no cinema. Era a tradução do comportamento transgressor dos jovens da época.

ra resistir ao árduo trabalho dos mineradores. Assim, nasceu a Levi Strauss & Co. — ou a Levi's e seu primeiro modelo, o jeans 501®. Continuou como roupa de trabalhadores, firme e forte, até os anos 1930, ao aparecer em filmes do Velho Oeste, vestindo caubóis como John Wayne.

Mas o sucesso global brotou na década de 50, quando a calça jeans foi associada à juventude rebelde, popularizada pelos bad boys do cinema, James Jean e Marlon Brando. "Foi um ponto de virada da cultura do vestir", diz Brunno Almeida Maia, pesquisador em filosofia e teoria de moda pela Unifesp. Depois vieram Elvis Presley, Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, e ao manifesto de comportamento somou-se o glamour. Entre 1960 e 1970, era sinônimo de protesto e contracultura nos movimentos punk e hippie. Nos anos 1980 e 1990, rasgar a calça, com a pele à mostra, era um grito de atitude de

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

GLAMOUR

ANOS 1950 E 1960
Adotado por estrelas de Hollywood, como Marilyn Monroe, virou sinônimo de possibilidade aos comuns dos mortais: "Eu também quero ser assim".

astros do rock, a exemplo de Kurt Cobain. E, como nem tudo sempre é briga, houve necessidade de gotas de sensualidade — Brooke Shields, aos 15 anos, jogou as pernas para cima e a cabeleira para trás em célebre anúncio da Calvin Klein. Na roda da reinvenção, os anos 2000 levaram o jeans para as coleções de prêt-à-porter de luxo e alta-costura das maisons Dior, Versace e Dolce&Gabbana. Das passarelas foi para as ruas, disseminado por supermo-

ESTILO

ANOS 1980

Ganhou sensualidade e pitadas de provocação nas longas e sensuais pernas da atriz adolescente Brooke Shields, de 15 anos, em celebrada e ruidosa campanha publicitária feita para a grife Clavin Klein.

CALVIN KLEIN

delos como Gisele Bündchen, que pagam caro para parecer despojadas. O jeans, insista-se, ajuda a contar a passagem dos anos, numa linha do tempo sem preconceitos nem amarras de tendências. É universalização que garante a força econômica do artigo.

O Brasil, nesse aspecto, é uma potência, no posto de segundo maior polo industrial e consumidor de jeans do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. A movimentação brasileira em 2022 chegou a 26,5 bilhões de reais. É mercado que tende a crescer, por estar permanentemente atrelado aos humores da sociedade, aos imperativos do zelo com o ambiente (durável e sustentável) e aos cuidados com a inclusão social (há modelos baratos e bons). O jeans pode tudo. “É resistente, tanto pelo próprio material como pelo apelo político”, afirma Brunno Maia. O jeans sobreviverá por muitos anos, em eterna mutação. ■

SPLASHNEWS/KCS PRESSE

FAMA

ANOS 1990 E 2000
Gisele Bündchen e outras celebridades da moda, música e cinema inspiram gerações com seus looks para o cotidiano e ajudam a disseminar a ideia do modelo confortável e democrático.

CLICOU E NÃO POSTOU

Jovens cansados da instantaneidade das redes descobrem na boa e velha câmera analógica um hobby que atrai pelo passo a passo artesanal e pela busca da foto única **MAFÊ FIRPO**

DIRETO DO BAÚ Modelo analógico: agora, nas mãos de uma geração que cultiva uma rotina menos acelerada

FRANCESCO CARTA/MOMENT/GETTY IMAGES

DE TEMPOS em tempos, a humanidade se vê embalada por sentimentais mergulhos no passado, em sucessivos movimentos de nostalgia. O termo, aliás, foi criado por um médico suíço no século XVII, que via traços doentios no excessivo enaltecimento de outras eras, mas sua acepção foi mudando — e, segundo estudos modernos, ao revirar certos baús, os nostálgicos podem elevar o humor e estreitar conexões sociais. O mais recente dos itens antigos que vêm ganhando espaço entre as atuais gerações é a velha e boa câmera analógica, aquela que reinava antes dos modelos digitais, que, por sua vez, foram sendo ultrapassados pelos smartphones — hoje quase uma extensão natural dos braços de uma turma que nunca apertou um botão para tirar uma foto. “A fotografia analógica exige um envolvimento que contrasta com a instantaneidade das redes, justamente o que muitos jovens começaram a buscar”, observa o antropólogo Bernardo Conde.

O processo artesanal proporcionado pelos aparelhos analógicos vem encantando uma ala cansada com o infindável uso do celular e a dinâmica do clicar e postar. Ao resgatar câmeras que já acumulavam bolor no armário ou mesmo garimpá-las em feiras de antiguidade e na própria internet, as pessoas estão cultivando um passo a passo que requer atenção na hora do xis, ao contrário das fotos em série e mais mecânicas dos celulares, e traz um elemento-surpresa — elas só saberão depois da revelação como ficou. Como já dizia Andy Warhol, ícone-mor da pop art americana, “a ideia de esperar por algo o torna mais especial”. Pois o ritual cativou o estudante Lucca Valor,

ARQUIVO PESSOAL

SOB NOVA DIREÇÃO
O primeiro clique: o estudante Bernardo Camargo *(à esq.)* e Victor Hugo *(com o pai)* saem às ruas atrás de imagens cujo resultado final só saberão depois

ARQUIVO PESSOAL

21 anos, que encontrou uma Deplá Motor 35 da avó e engatou no hobby. “Tenho a sensação de estar fabricando aquelas imagens e adoro o suspense sobre o resultado final”, diz.

A moda analógica reanimou um mercado que andava adormecido. Companhias como Kodak e Canon já paralisaram há anos a produção desses aparelhos e seguem assim, mas outro gigante, a japonesa Fuji, retomou a fabricação de filmes para abastecer câmeras que agora se avistam nas improváveis mãos dos mais jovens. Aparelhos de todas as datas, muitos dos anos 2000, estão sendo amplamente comercializados on-line. Na Amazon, despontam no rol das câmeras analógicas o modelo Ultra F9, da Kodak, e o Instax, esta uma versão da Polaroid, que, como ela, revela a foto na hora, em tradicional papel fotográfico. Os preços oscilam entre 300 e 1 000 reais, enquanto o filme de 36 poses sai em torno de 100 reais. “Mesmo com o dólar alto, que encarece os produtos, a garotada demonstra um crescente interesse”, afirma Victor Hugo Cabral, dono do Centro Foto Copa, que faz revelação e oferece “rolês analógicos” pelo Rio de Janeiro, onde neófitos e experimentados fãs da fotografia pré-smartphone saem às ruas clicando.

A estética das fotos que não passam pela edição dos filtros nem podem ser refeitas no ato, como no celular, agrada às gerações para as quais tudo isso é uma grande novidade. As imagens contêm imperfeições — um flash que estoura, um tremido — que acabam por proporcionar algo que essa parcela da população procura: um clique “autoral, original”. “Eu fico aguardando o melhor momento para apertar o botão, vou

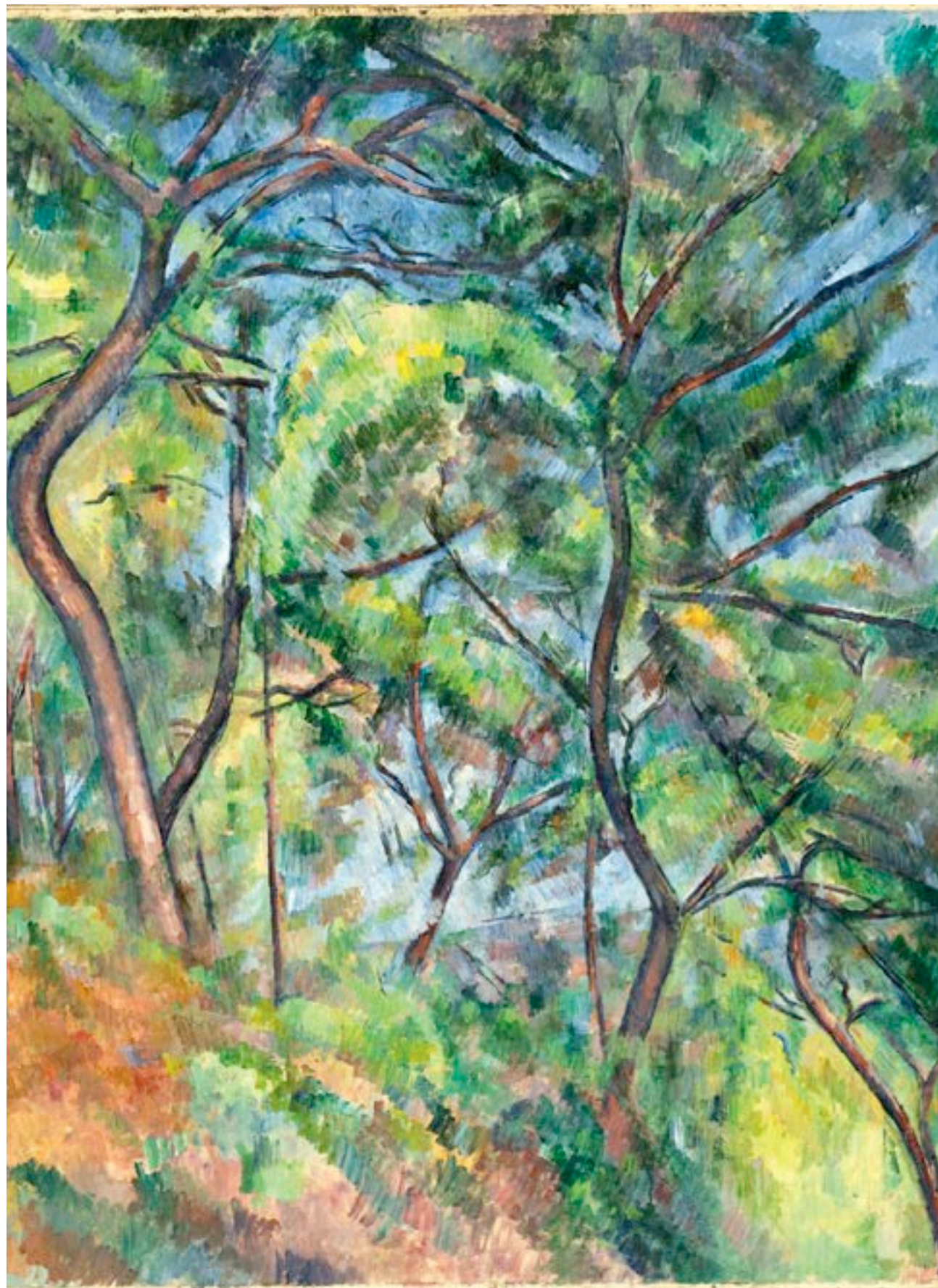
atrás do bom ângulo. É uma atividade intensa", descreve o aluno de psicologia Bernardo Camargo, 21 anos, que se aproximou da fotografia por incentivo do pai e tem uma pequena coleção de máquinas de variadas eras. Especialistas detectam no retorno da modalidade analógica uma influência dos ventos pandêmicos, que imprimiram mudanças de hábitos em vários escaninhos da vida, fazendo com que as pessoas moderassem o ritmo. "Houve um claro movimento mundial na direção de uma existência menos frenética, mais calma", explica Maria Cândida Vargas, doutora em ciências sociais da PUC-Rio.

Como não podia deixar de ser nestes tão conectados tempos, o impulso para deixar, ainda que por uns poucos minutos, o celular de lado e aderir ao modo analógico ganhou força a partir da própria internet. Ali, famosos como as atrizes Bruna Marquezine e Larissa Manoela e a modelo americana Kendall Jenner passaram a postar fotos captadas com as tradicionais câmeras, o que naturalmente incentiva os demais. "Uma figura conhecida com milhões de seguidores tem um amplo raio de influência para estimular qualquer tendência, como ocorre nesse caso", diz o publicitário Alan Ceppini, do Grupo Alpes. A nostalgia vem tirando ainda o pó dos LPs, cujas vendas pela primeira vez superaram as de CDs na Inglaterra, e não para de se fazer presente na moda, que vem e vai no tempo resgatando conceitos de todas as épocas. Se depender das jovens gerações conhecidas por letras do alfabeto — Y, Z etc. —, tais fenômenos ficarão bem registrados para a posteridade na boa e velha versão analógica. ■

MATHIEU RABEAU/RMN-GRAND PALAIS, MUSÉE D'ORSAY

HISTÓRIA RESGATADA

Ao determinar a devolução de obras-primas do Museu d'Orsay aos herdeiros do colecionador Ambroise Vollard, a Justiça da França ilumina um grande personagem **FÁBIO ALTMAN**

PAUL CÉZANE, LOS ANGELES COUNTY MUSEUM OF ART

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

TESOURO As telas de Renoir *(à esq.),* Cézanne e Gauguin: os impressionistas e pós-impressionistas franceses foram o primeiro alvo de interesse do marchand: comprador voraz, chegou a ter mais de 6 000 peças guardadas

HÁ UM PERSONAGEM fascinante, de quem pouco se fala, na aventura da arte moderna do fim do século XIX e início do século XX: Ambroise Vollard. Colecionador atento, ele foi o primeiro a prestar atenção em nomes como Pierre-Auguste Renoir, Paul Cézanne, Paul Gauguin, Vincent van Gogh e Pablo Picasso. As exposições inaugurais desse elenco tiveram o olhar visionário e a carteira de Vollard. Em 1895, com apenas 29 anos de idade, numa temporada como qualquer outra de sua trajetória, ele expôs Gauguin em março, Van Gogh em maio e Cézanne em setembro.

Em 1901, apresentou ao mundo telas de inesperada tonalidade azul de um certo pintor malaguês que reescreveria a história da estética. De brincadeira, os amigos artistas buliam com a sonoridade de seu sobrenome. Um apelido jocoso foi inventado para aquele homem fundamental de uma geração sem lenço nem documento: *vole-art*, ou rouba-arte. Era conhecido pelos ataques de mau humor e pelos acessos repentinos de sono. Alto e forte, macambúzio, "parecia melancólico", na definição da escritora Gertrude Stein, porto seguro parisiense de toda a turma do pincel.

Vollard morreria em julho de 1939, aos 73 anos, em um acidente de carro, de um modo que só ele poderia morrer — numa curva de estrada a caminho de Paris foi atingido na nuca por uma escultura de bronze que levava a bordo. Sem filhos — sabia-se apenas de uma amante que sumiu do mapa —, deixou como legado cerca de 6 000 obras, que guardava até debaixo da pia da cozinha ou atrás da porta do banheiro. No mês passado, em mais um fascinante episódio de uma aventura inigualável, ele voltou a fazer barulho. Um tribunal de Paris ordenou que o Museu d'Orsay restitua aos herdeiros de Vollard — descendentes de seus irmãos — quatro obras-primas de Renoir, Cézanne e Gauguin, que foram roubadas durante a II Guerra Mundial e vendidas aos nazistas. O museu devolverá duas pinturas de Renoir, uma paisagem marítima de Guernsey de 1883 e um estudo para o clássico *Julgamento de Paris,* de 1908; a *Natureza Morta com Mandolim,* de Gauguin, feita em 1885, e uma vegeta-

HARLINGUE/ROGER-VIOLLET/AFP

VISIONÁRIO Ambroise Vollard: fundador de uma geração inigualável

ção rasteira de Cézanne, terminada em 1892. Não haverá reclamação na Justiça, agora, depois de dez anos de queda de braço. “Ainda que pareça normal o Estado verificar com cautela a origem de qualquer obra de arte antes de definir a restituição, o processo demorou tempo demais”, lamenta um dos advogados da disputa, François Honnorat. É cuidado, aliás, que Vollard não tinha, comprador voraz de tudo o que lhe parecia bonito e diferente.

O modernismo deve muito a ele, e ao redor daquela figura desenham-se os dramas de um século embebido de horror. Em 1914, ele foi forçado a fechar sua galeria, com a eclosão da I Guerra. Durante a II Guerra, a coleção foi dispersada. Parte seguiu de navio para os Estados Unidos, parte caiu na mão dos alemães. Ao fim do conflito, muitas telas foram devolvidas à família — uma lista imensa, porém, saiu direto de mãos nazistas para museus, entre eles o d’Orsay. Contudo, como as circunstâncias das transações não eram claras, houve um extenso vaivém jurídico. Além disso, Vollard não era judeu e suas propriedades não foram confiscadas sob as leis raciais promulgadas pela França ocupada pelos alemães, o que adiou o desfecho legal. Mas, enfim, a verdade foi restabelecida — prêmio à delicadeza de um gênio à sombra. ■

DE CASO COM O ROCK

Unindo música e romance, série *Daisy Jones & the Six* relembra drama de banda célebre para a geração Z

GABRIELA CAPUTO

ASCENSÃO E QUEDA

O grupo fictício: de um livro best-seller para as telas

PRIME VIDEO

Ao ganhar o papel de uma estrela do rock dos anos 70 numa nova superprodução da Amazon, o ator e galã britânico Sam Claflin fez a lição de casa: aprendeu a cantar e tocar guitarra, buscou mimetizar o estilo de Bruce Springsteen no palco e se debruçou sobre a história da música. Percebeu que seu conhecimento na matéria era pífio: ele ignorava que *Come Together* era um clássico dos Beatles, e não mero hit de Michael Jackson, que fez uma cover farofa da canção. Aos 36 anos, Claflin está distante da atual geração de jovens, batizada de Z — mas sua reação resume os ares de espanto e empolgação com que os garotos de hoje estão descobrindo o rock do passado. Quase sempre, aliás, com a ajuda de produções como a própria minissérie da qual o

LACEY TERRELL/PRIME VIDEO

POMBINHOS Daisy (Riley Keough) e Billy (Sam Claflin): parceria complicada

GAB ARCHIVE/REDFERNS/GETTY IMAGES

DOR DE COTOVELO Fleetwood Mac: DRs da banda inspiraram a série

ator é protagonista: ***Daisy Jones & the Six***, que estreia nesta sexta, 3, no Amazon Prime Video. "A história é uma ótima introdução para a música daquela época. Foi uma era muito romântica, bonita e vibrante", disse Claflin a VEJA.

Baseada no romance da autora americana Taylor Jenkins Reid, a trama de *Daisy Jones & the Six* acompanha o sucesso de uma banda no fim da década de 70 — e sua brusca implosão. A trupe é liderada por uma dupla de vocalistas, Billy Dunne (Claflin) e a Daisy Jones (Riley Keough), do título, que se revelam não apenas parceiros: extrapolando a cumplicidade musical, eles acabam se envolvendo e formam um explosivo triângulo amoroso cuja terceira ponta é Camila (Camila Morrone), esposa de Billy e integrante honorária do grupo.

Está tudo ali: a vida na estrada e a agitação nos palcos, o sexo, as drogas, a música. Com sua fotografia de filtro amarelado, a produção instiga a nostalgia pela Califórnia setentista e dá mote à exploração fashion do período — e tome

“ESSE MUNDO ERA FAMILIAR PARA MIM”

A atriz Riley Keough, heroína da série *Daisy Jones & the Six*, falou a VEJA.

LACEY TERRELL/PRIME VIDEO

PEDIGREE Riley na série: mergulho nos anos 1970

Quais foram suas inspirações para viver a roqueira Daisy Jones? Não a moldei à imagem de uma única pessoa. Assisti a apresentações e entrevistas dos anos 1970, para captar os movimentos no palco e também a prosódia do período, para não parecer moderna. Ouvi muita Cher, Joni Mitchell, Linda Ronstadt e Janis Joplin.

Na série, Daisy é subestimada e considerada mais musa que artista. Como analisa a questão? Foi a principal coisa que falou comigo na personagem. Experienciei isso com frequência enquanto jovem mulher: a constante sensação de não ser levada a sério. Com certeza, foi mais extremo nos anos 1970, mas ainda é um problema.

Você vem de uma família de músicos – é neta de Elvis Presley. Suas raízes a ajudaram na série? Certamente, esse mundo já era familiar para mim. Estive em turnê várias vezes, dormi em ônibus, acompanhei pessoas em estúdio. Testemunhei tudo isso, mas nunca tinha experimentado por mim mesma. Foi um aprendizado.

calças boca de sino e vestidos esvoaçantes. A eficácia desse pacote já fora comprovada no livro que se tornou fenômeno mundial de vendas impulsionado pelo TikTok. Ao transpor a obra para a tela, a autora não nega que a transgressão do rock sirva como pano de fundo para um argumento mais prosaico: a paixão proibida de Daisy e Billy seduz um público juvenil (sobretudo feminino) que nutre certa visão romantizada sobre a era de ouro do rock. E a heroína que brilha num mundo de marmanjos cabeludos é um evidente aceno à cultura do empoderamento feminino atual. “É muito divertido entrar na dinâmica da banda e mostrar a complexidade dos relacionamentos, além da presença da mulher no rock”, disse Taylor a VEJA.

A produção da Amazon bebe de uma fórmula que vem de longa tradição. Assim como os jurássicos The Monkees, sátira dos Beatles que virou uma banda pueril nos anos 60, ou o fictício grupo de heavy metal Spinal Tap, dos anos 1980, *Daisy Jones & the Six* pretende estender sua atuação musical das telas para as paradas de verdade. Não exatamente com uma banda de laboratório (ufa), mas por meio de um disco que seria a versão real de *Aurora*, álbum fictício em que o grupo extravasa suas DRs amorosas na trama. Canções compostas para a série viralizaram antes mesmo da estreia — e emulam uma fonte célebre: o clássico *Rumours*, do Fleetwood Mac.

Lançado em 1977, o trabalho da banda americana é o maior exemplo da expiação da dor de cotovelo por meio das

letras de rock. O disco vendeu mais de 40 milhões de cópias e abriga hits até hoje inescapáveis como *Dreams* e *The Chain*. A obra nasceu no momento em que o casal de vocalistas, formado por Stevie Nicks e Lindsey Buckingham, estava recém-separado — enquanto a tecladista Christine McVie se divorciava do marido, o baixista John McVie. Para apimentar ainda mais essa novela real, o baterista Mick Fleetwood vivia dificuldades em seu casamento e acabou tendo um caso com Stevie. *Rumours* é, portanto, um desabafo coletivo feito de muito chororô e indiretas nada sutis, tudo isso embalado em rock de primeira. Esse drama, aliás, é quase uma constante de bandas que misturam casais, como ocorreu com o grupo sueco Abba na mesma época.

Por mais que ofereça uma visão idealizada dos anos 70, não deixa de ser uma qualidade de *Daisy Jones & the Six* apresentar esses babados de outras eras geológicas da música para a nova geração. Se até a estrela masculina da série, Sam Claflin, confessa estar aprendendo sobre o tema dessa forma, a intérprete da mocinha roqueira não pode dar a desculpa de não ter tido aulas práticas em casa. Riley Keough é filha de Lisa Marie e neta de ninguém menos que Elvis Presley *(leia entrevista abaixo).* Dentro e fora da tela, a série ajuda, assim, a reciclar mais um capítulo do rock — somando-se a exemplos como *Stranger Things*, da Netflix, que recentemente tirou a inglesa Kate Bush do limbo. Durma-se com o barulho do que pode vir a seguir. ■

A LUTA CONTINUA

A ausência de Sylvester Stallone poderia levar *Creed III* a nocaute — mas a franquia sobre superação no boxe prova que é capaz de sobreviver (e bem) mesmo sem seu astro original

ELI ADE/MGM

NOVO ROUND
Michael B. Jordan: o ator interpreta mais uma vez o campeão Adonis Creed, e faz sua estreia na direção

SE ADONIS CREED (Michael B. Jordan) tornou-se alguém na vida, foi graças ao empurrão de Rocky Balboa. Filho do maior adversário do mítico lutador celebrizado por Sylvester Stallone, Adonis vira órfão e vai parar num abrigo para menores após a morte do pai no ringue — e, como mostram o primeiro e o segundo filme da franquia *Creed*, alcança a superação também no boxe, tendo como mentor um veterano Stallone na pele do mesmo Balboa que o consagrou no clássico *Rocky, um Lutador* (1976). Em ***Creed III*** (Estados Unidos, 2023) já em cartaz no país, Adonis sai debaixo das asas de seu "professor": agora é um campeão do esporte, e passa de discípulo a treinador estrelado, devotando-se à descoberta de novos azarões como ele foi um dia.

A libertação da sombra de Rocky Balboa vai além da trama. No novo filme, a bem-sucedida saga de *Creed* se arrisca a caminhar pela primeira vez sem a presença carismática de Stallone — e a causa disso é uma feroz briga de bastidores. Após trocas de farpas entre o astro e o dono da franquia, Irwin Winkler, por desentendimentos na divisão de direitos autorais e também pelo controle criativo, Stallone decidiu não participar de *Creed III,* embora se mantenha como produtor-executivo do filme. "O DNA de Rocky sempre estará presente, mas sentimos que havia chegado o momento de *Creed* seguir por conta própria", esquivou-se Michael B. Jordan, em entrevista a VEJA.

A nova trama prova, quem diria, que a franquia pode realmente prescindir de seu símbolo. Isso se dá, em boa

medida, graças à aptidão do "herdeiro" Jordan para o papel. Ao dar vida a Adonis, o ator se equilibra com competência entre o dramalhão e as explosões inevitáveis de testosterona. O longa também marca sua estreia — bastante respeitável — na direção. "É mais fácil enfrentar doze rounds que ser diretor", brinca o ator. Jordan, aliás, conta que se mantém amigo do adorado brucutu que lhe passou o bastão. "Sly *(apelido de Stallone)* é um cara ótimo", diz.

A ironia da história é que filmes como *Creed* se sustentam por uma razão que transcende seus astros: a eterna atração das pessoas por tramas de superação no boxe. Dessa vez, a zebra é Damian Anderson (Jonathan Majors), amigo de Adonis e ex-promessa do esporte que passou vinte anos na cadeia. Decidido a retomar a carreira, ele ganha apoio do treinador. Mas a luta que deveria ser um marco de virada para Damian é marcada por trapaças, transformando os dois em inimigos — e forçando Adonis a lutar de novo para dar uma lição redentora ao pupilo. Ao menos no cinema, jogar a toalha nunca é uma opção. ■

Felipe Branco Cruz

EM NOME DO SENHOR

Inspirado em um caso real, *Entre Mulheres* rememora escândalo numa comunidade isolada para denunciar o papel do fundamentalismo religioso no abuso contra mulheres **AMANDA CAPUANO**

FANATISMO As mulheres do filme: reações opostas diante do machismo e da exploração sexual

MICHAEL GIBSON/MGM

O SOL na janela anuncia a chegada de um novo dia. Na cama simples, uma mulher luta contra a dor para se levantar. Quando olha para baixo, nota as pernas cobertas de hematomas e sangue no lençol, mas não tem memória da noite anterior. "O que você verá a seguir é um ato de imaginação feminina", alerta a introdução de ***Entre Mulheres*** *(Women Talking,* Estados Unidos, 2022), filme já em cartaz nos cinemas. A frase em um primeiro momento parece pôr em xeque a versão da personagem, mas é uma cruel ironia: na trama adaptada do livro homônimo da canadense Miriam Toews, as mulheres de uma comunidade religiosa isolada em um lugar indefinido (mas que se assemelha ao país da autora) são drogadas e estupradas por anos enquanto dormem. Quando um dos agressores é capturado, elas descobrem que os ataques não são obra do demônio ou "fruto da imaginação feminina", como foram levadas a acreditar, mas dos homens locais.

AS INDICAÇÕES

FILME DO ANO

ROTEIRO ADAPTADO

Indicado a filme do ano e roteiro adaptado no Oscar, o impactante *Entre Mulheres* reforça a leva de longas que introduzem complexidade incômoda nas tramas sobre abuso na esteira do #MeToo. Ao contrário de obras como *Tár* ou *Ela Disse,* que usam as relações profissionais para falar sobre o tema, aqui a fonte da opressão não é uma pessoa em posição de poder, mas o fundamentalismo religioso.

DILEMA Whishaw, Rooney Mara e Claire Foy no filme: vítimas divididas

MICHAEL GIBSON/MGM

O filme examina o modo perverso como a violência sexual pode se imiscuir num ambiente de fé. Enquanto os homens da comunidade vão para a cidade pagar a fiança dos réus confessos, e trazê-los de volta para casa, resta às mulheres que não aceitarem o retorno deixar o local. Abaladas, elas organizam uma votação com três opções: não fazer nada e perdoar; ficar e lutar por justiça; ou abandonar o único lar que conhecem. Quando um empate se desenha entre a luta e a fuga, um grupo se reúne secretamente para debater alternativas e selar o destino de todas.

Filosófico e com tom reflexivo, o filme se passa quase todo dentro de um estábulo, onde diálogos de fundo teológico deixam entrever o papel da defesa religiosa da submissão feminina nos abusos. O isolamento é tamanho que o espectador só desperta para o fato de que o filme se passa no mundo atual, e não na Idade Média, quando um carro passa pela estrada local. O contraste expõe uma realidade dolorosa: longe de qualquer avanço moderno e criadas sob um patriarcalismo extremo, as personagens não têm sequer conhecimento para se li-

bertar. Impedidas de ler ou escrever e sem nunca ter visto um mapa na vida, precisam recorrer a August (Ben Whishaw), o único homem que ganha destaque no longa, para tomar notas das reuniões e ensiná-las o básico para cair na estrada caso essa seja a decisão final.

Pior do que a ignorância involuntária, porém, é a luta contra a própria consciência e o medo de ficar de fora do reino dos céus — afinal, perdoar seus algozes é o que faz um bom cristão. Na ânsia de decidir seu destino, cada uma assume uma postura distinta, e três personagens com atuações primorosas se destacam como arquétipos da reação ao trauma. Salome (Claire Foy) abraça a raiva e está disposta a tudo por justiça, mesmo que isso a condene ao fogo do inferno. Mais contida, Ona (Rooney Mara) quer deixar a dor no passado e buscar uma nova vida, enquanto Mariche (Jessie Buckley) se equilibra na corda-bamba entre o amor pelo único lar que conhece e as feridas que o local abriu em cada uma delas.

Tais horrores, infelizmente, não são pura ficção: a história é livremente inspirada num caso que aconteceu na Bolívia, em uma comunidade menonita ultraconservadora. Entre 2005 e 2009, centenas de mulheres foram dopadas com um anestésico veterinário e estupradas durante o sono. Por anos, elas acreditaram que os ataques eram perpetrados por demônios ou, simplesmente, fruto da imaginação feminina, como ironiza a diretora e roteirista Sarah Polley no longa. No total, 130 vítimas, entre 3 e 65 anos, foram reconhecidas no processo que condenou oito homens em 2011. A realidade pode ser tão cruel quanto a ficção. ■

O SUCESSO DE UM MACHÃO LATINO

Como o trágico caubói moderno Joel da série *The Last of Us*, da HBO, o chileno Pedro Pascal faz o mundo se curvar à sua potente atuação — e charme peculiar

KELLY MIYASHIRO

INSTINTO PATERNO Com Bella Ramsey, em *The Last of Us:* o futuro da dupla causa consternação nos fãs

LIANE HENTSCHER/HBO

NA ATUAL safra de seriados, nada se compara à excepcional *The Last of Us* em matéria de qualidade e tensão. Mas mesmo naquele mundo pós-apocalíptico, onde a pandemia causada por um fungo transformou humanos em zumbis e criou uma guerra de todos contra todos, uma dúvida revela-se atroz demais para os nervos dos fãs: às portas do final da primeira temporada da produção da HBO, que se encerra em 12 de março, é nebuloso o destino de Joel, o trágico caubói moderno vivido pelo chileno Pedro Pascal. Com o abdômen ferido num embate, Joel vem definhando no meio da jornada para levar a garota Ellie (Bella Ramsey) da Costa Leste ao Oeste dos Estados Unidos — na série, uma terra de ninguém disputada por uma ditadura fascista, guerrilheiros e mortos-vivos.

Os espectadores temem pelo pior, pois Joel morre a certa altura da trama do videogame em que a série se baseia — e é pródigo o histórico da HBO em ceifar protagonistas de seus sucessos. Mas o lamento aqui não é apenas por um personagem: o luto antecipado é uma prova do nível de respeitabilidade e carisma atingidos por Pedro Pascal. Com sua atuação marcante em *The Last of Us,* ele se consagra por um feito peculiar: é um latino que conquistou lugar de honra no exclusivo clube dos protagonistas das séries americanas arrasa-quarteirão.

Embora o tamanho da conquista não seja pequeno, Pascal sempre esteve mais bem posicionado em Hollywood que outros colegas da América Latina. Ele nasceu no Chile em 1975, filho de um médico e de uma psicóloga que eram ati-

HBO

VIRADA Oberyn Martell, de *Game of Thrones:* papel que bombou sua carreira

vistas de esquerda, o que obrigou sua família a fugir da ditadura de Augusto Pinochet quando tinha apenas 9 meses. Eles acabaram se fixando na Califórnia — e o jovem Pascal cresceu falando inglês, bem ao lado da meca do cinema americano. O sonho de virar ator fez ele se mandar para Nova York aos 18 anos, em 1993. Lá, trabalhou como garçom — um péssimo garçom, segundo o próprio — e fez bicos em peças teatrais para conseguir se manter.

Foram necessárias duas décadas para que o artista ganhasse as atenções mundiais. Com participações pequenas em séries como *Buffy: a Caça-Vampiros, The Good Wife* e *O Mentalista,* Pascal só viu sua fama deslanchar em 2014, ao ser agraciado com o papel do príncipe Oberyn Martell, guerreiro ágil e bissexual que fez sucesso na quarta temporada de *Game of Thrones,* também da HBO. A morte brutal do personagem assombra os fãs da saga de George R.R. Martin até hoje — demonstrando que o talento de um grande de ator se revela também nessas horas. "Eu morro muito. Acho que é

JUAN PABLO GUTIERREZ/NETFLIX

DURÃO Em *Narcos*, brilho como policial no encalço do traficante Pablo Escobar

por isso que pesquisam na internet se Pedro Pascal está morto", já brincou ele. Depois do sedutor Oberyn, ele enfileirou papéis de peso em *Narcos* e, mais recentemente, como herói de uma produção da franquia *Star Wars*, *O Mandaloriano* — que acaba de chegar à terceira temporada na Disney+.

Aos 47 anos (e solteiro), o ator resume o dilema de ser um astro latino no mercado americano. Com *The Last of Us*, ele avançou algumas casas na luta para não ficar refém de papéis menores dentro de um estereótipo — seu Joel Miller é, acima de tudo, um personagem universal. Não foi fácil chegar até aqui, reconheceu tempos atrás. "Seja você mesmo e não desista, já passamos do tempo em que você precisa mudar seu nome ou se apropriar de uma cultura que não é a sua", ensinou. "Eu vivi isso quando jovem." Curiosamente, a estampa que ele exibe nas telas não poderia ser mais típica, com seu jeito de machão e aquele bigode copioso. Até os zumbis de *The Last of Us* seriam capazes de reconhecer: no peito daquele galã bate um orgulhoso coração latino. ■

HBO MAX

JUSTICEIRO Matthew Rhys como Perry: um detetive todo problemático — mas inteligente e irresistível

TELEVISÃO

PERRY MASON — SEGUNDA TEMPORADA

(disponível na HBO Max a partir de segunda-feira 6)

Divorciado da esposa, afastado do filho e traumatizado pela guerra, Perry Mason (Matthew Rhys) é um detetive particular alcoólatra, mas inteligentíssimo. Depois de uma primeira temporada intensa em que se converteu em advogado de uma mulher acusada injustamente pelo sequestro e assassinato do filho recém-nascido, o astuto protagonista retorna ainda mais melancólico e determinado. Trabalhando com a parceira advogada, Della (Juliet Rylance), em casos pouco relevantes, Perry lida com a culpa pelo suicídio da antiga cliente, enquanto embarca em um novo julgamento midiático. Forjado em métodos duvidosos, o detetive fica obcecado em desvendar a verdade por trás do homicídio de um herdeiro envolvido num caso de corrupção.

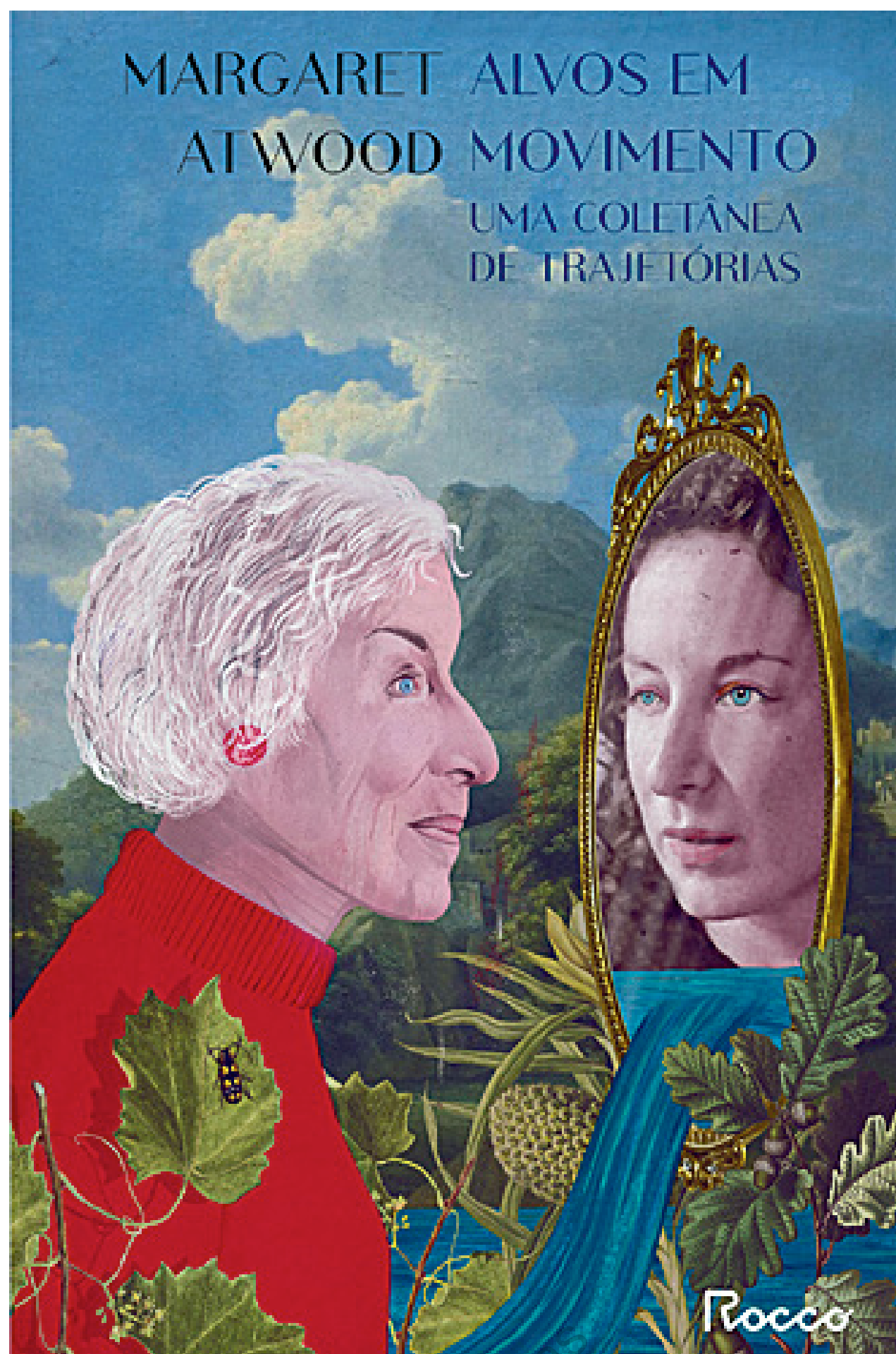
DISCO

CRACKER ISLAND,

Gorillaz (nas plataformas de streaming)

Criado pelos britânicos Damon Albarn e Jamie Hewlett, o Gorillaz faz sucesso unindo uma paleta musical despretensiosa, que vai do rock ao trip hop, à sacada visual de ser uma banda composta por personagens em quadrinhos. Aos vinte anos, chega ao oitavo álbum com convidados ecléticos, como Stevie Nicks, Tame Impala e até o brasileiro MC Bin Laden. Em *Oil,* Albarn canta sobre sonhos desfeitos. Na dançante faixa-título, resgata o trip hop que marcou a carreira do grupo.

ECLÉTICOS Gorillaz: oitavo disco da banda com personagens de HQ

INSTAGRAM @GORILLAZ

LIVRO

ALVOS EM MOVIMENTO: UMA COLETÂNEA DE TRAJETÓRIAS,

de Margaret Atwood (tradução de Maira Parula; Rocco; 484 páginas; 94,90 reais e 47,90 reais em e-book)

A canadense Margaret Atwood tinha 9 anos quando leu por engano, achando se tratar de um livro infantil, *A Revolução dos Bichos,* de George Orwell. A experiência foi perturbadora e gratificante ao mesmo tempo: a obra lhe ensinou cedo quão cruel o mundo pode ser — diz ela em um dos ensaios desta coletânea. A autora de *O Conto da Aia* reúne aqui resenhas literárias e desabafos ácidos escritos por ela entre 1982 e 2004, período de grandes mudanças no mundo, abraçando desde a queda do Muro de Berlim até o pós-11 de Setembro. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 17] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 79#] GALERA RECORD

3 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [3 | 27#] BERTRAND BRASIL

4 **DAISY JONES AND THE SIX**
Taylor Jenkins Reid [10 | 18#] PARALELA

5 **VERITY**
Colleen Hoover [6 | 45#] GALERA RECORD

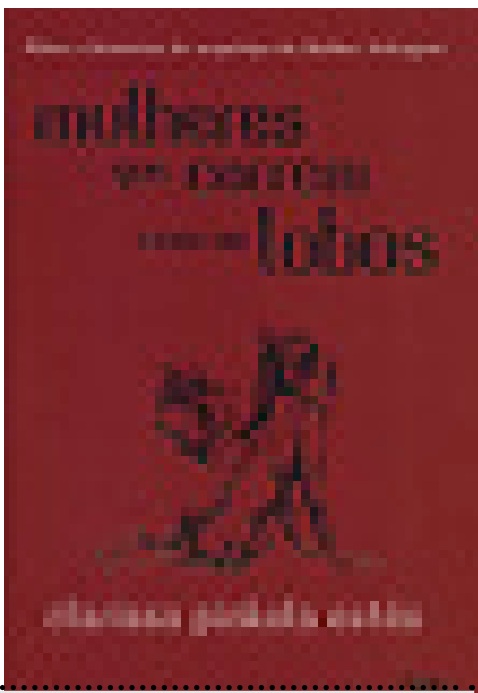
6 **A MANDÍBULA DE CAIM**
Edward Powys Mathers (Torquemada) [7 | 9] INTRÍNSECA

7 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [0 | 91#] PARALELA

8 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [5 | 62#] GALERA RECORD

9 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [4 | 216#] VÁRIAS EDITORAS

10 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [9 | 26#] RECORD

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 145#] ROCCO

2 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [6 | 311#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

3 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [3 | 27#] BEST SELLER

4 **O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [5 | 10] SEXTANTE

5 **O QUE SOBRA**
Príncipe Harry [2 | 7] OBJETIVA

6 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [4 | 40#] ÁTICA

7 **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [8 | 141#] PRINCIPIUM

8 **LATIM EM PÓ**
Caetano W. Galindo [9 | 2] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [0 | 22#] GLOBO LIVROS

10 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 299#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **CAFÉ COM DEUS PAI**
Junior Rostirola [1 | 7] VIDA

2 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [4 | 196#] CITADEL

3 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [9 | 86#] GENTE

4 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [6 | 115#] HARPERCOLLINS BRASIL

5 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [8 | 406#] SEXTANTE

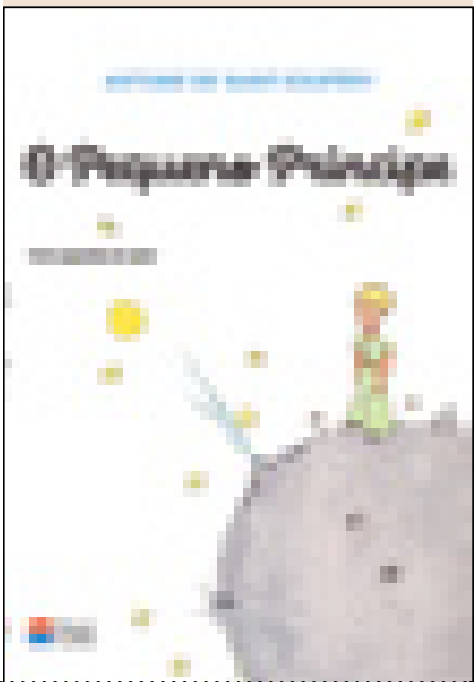
6 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [7 | 109#] ALTA BOOKS

7 **MINDSET**
Carol S. Dweck [0 | 131#] OBJETIVA

8 **PLENITUDE**
Camila Saraiva Vieira [3 | 3] GENTE

9 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [10 | 77#] SEXTANTE

10 **QUEM PENSA ENRIQUECE**
Napoleon Hill [0 | 111#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 362#] VÁRIAS EDITORAS

2. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 378#] ROCCO

3. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 53#] GALERA RECORD

4. **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [5 | 26#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

5. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [0 | 92#] SEGUINTE

6. **AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL**
Stephen Chbosky [9 | 9#] ROCCO

7. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [4 | 144#] ROCCO

8. **CORALIN**
Neil Gaiman [0 | 58#] INTRÍNSECA

9. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS** Holly Jackson [0 | 10#] INTRÍNSECA

10. **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [0 | 76#] INTRÍNSECA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

UVAS AMARGAS

É ÉPOCA DE vindima, de colheita nos parreirais do Vale dos Vinhedos. Trabalha-se pesado na apanha dos bagos, enquanto turistas desfrutam um roteiro de ritos seculares dos imigrantes italianos, como a "pisa" de uvas.

A safra deste verão azedou, e não foi por mudança climática, acidez do solo ou descontrole na maturação de viníferas chardonnay, pinot noir, riesling, labrusca e moscatel. Avinagrou por causa do primitivismo empresarial nas principais vinícolas, flagradas na manutenção de trabalho escravo em sua cadeia de produção.

Na semana passada, quando visitantes chegavam a Bento Gonçalves, a maior cidade do vale, duas centenas de trabalhadores agrícolas partiam em ônibus escoltados por policiais. Eram nordestinos, quase todos baianos, resgatados da servidão.

Estavam na empreitada de colheita na serra, recrutados por Pedro Augusto Oliveira de Santana, agenciador de mão de obra das três maiores vinícolas do país: Aurora, Salton e a Cooperativa Garibaldi. Na noite de Quarta-feira de Cinzas, três deles procuraram a polícia com o relato de uma fuga da exploração trabalhista com métodos similares aos de escravidão.

Em pouco tempo, o Ministério Público do Trabalho confirmou a detenção dos homens em acomodações degradantes por uma “dívida” permanente e crescente por comida — sempre acima do valor da remuneração — e submissão a uma rotina de repressão, que incluía tortura com choque elétrico. Santana, conhecido pela longa folha corrida de violações às leis trabalhistas, livrou-se da prisão pagando fiança de 27 salários mínimos, ou 36 000 reais.

Em plena celebração da vindima, Bento Gonçalves mergulhou na voragem de um escândalo nas videiras plantadas em espaldeira às margens do Rio das Antas. Nele, parte da elite local se destaca acorrentada — por ação, omissão ou inépcia — num enredo de escravagismo moderno.

Aurora, Salton e Garibaldi são estrelas da primeira região brasileira cujos vinhos e espumantes têm o selo de “Denominação de Origem”. Detêm mais da metade do mercado nacional e quase dois terços das exportações de vinhos, sucos e espumantes. Juntas, faturaram 1,5 bilhão de reais no ano passado, o triplo da receita da prefeitura de Bento Gonçalves.

Beneficiárias da empreitada de trabalho temporário, as três vinícolas demoraram a reagir. Quando resolveram, preocuparam-se em demarcar equidistância em relação à escravatura nos seus domínios.

“As vítimas são funcionários da empresa que prestava serviços”, defendeu-se a Aurora em nota pública. “Trata-se de incidente isolado”, alegou a Salton, em meio a autoelogios como “referência” em sustentabilidade e direitos humanos. A Gari

“O primitivismo empresarial azedou a safra gaúcha com o trabalho escravo”

baldi justificou-se com o “desconhecimento da situação”, lembrando que “o contrato seguia todas as exigências contidas na legislação vigente”.

O Centro de Indústria e Comércio de Bento Gonçalves produziu uma pérola do preconceito ao tentar isentar as empresas. Numa lógica tortuosa, relacionou o trabalho escravo na região à falta de mão de obra e culpou o programa Bolsa Família pela escassez: “Há uma larga parcela da população com plenas condições produtivas e que, mesmo assim, encontra-se inativa, sobrevivendo através de um sistema assistencialista que nada tem de salutar para a sociedade”.

Na vizinha Caxias do Sul, o vereador Sandro Fantinel sugeriu aos empresários dos vinhedos: “Não contratem mais aquela gente lá de cima *(do Nordeste).* Como a única cultura que ‘os baiano’ têm é viver na praia tocando o tambor, era normal que tivesse esse tipo de problema, ao contrário dos argentinos que são limpos, trabalhadores e corretos”.

As vinícolas Aurora, Salton e Garibaldi começaram março banidas de exposições no exterior. A incivilidade na serra transformou a vindima numa colheita de perdas e danos

imensuráveis para empresas, a vinicultura e a sociedade gaúcha, que já teve a terceira maior concentração de escravos do país — atrás do Rio de Janeiro e Espírito Santo e à frente de São Paulo, antes da Lei Áurea.

Bento Gonçalves atravessou o espelho do tempo, num retorno à normalização da escravidão. A antiga Colônia Dona Isabel dos imigrantes italianos foi rebatizada em homenagem a um dos heróis do Rio Grande do Sul. Líder do separatismo gaúcho, Bento foi um defensor da escravidão — como também eram os seus inimigos protetores do governo imperial, vitoriosos na Guerra dos Farrapos, conhecida como Revolução Farroupilha. ■